UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA

A eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico

José Wagner Macedo Souto

FORTALEZA
2011

José Wagner Macedo Souto

A eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico

Dissertação apresentada ao *Curso de Mestrado Acadêmico de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE*, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima.

FORTALEZA
2011

S726e Souto, José Wagner Macedo
A eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico / José Wagner Macedo Souto. - Fortaleza, 2011
120p.

Orientador**:** Prof. Dr. José Expedito Passos Lima.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Eticidade 2. Nuova Scienza 3. Vida Civil. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 172

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Mestrado Acadêmico em Filosofia

Título da dissertação: A eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico
Autor: José Wagner Macedo Souto
Professor-Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima.
Exame de qualificação em 30/01/2011
Defesa da Dissertação em 26 / 05 /2011 **Conceito Obtido: satisfatório**
Nota Obtida:

Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. José Expedito Passos Lima
Orientador – UECE

_____
Profª. Drª. Marly Carvalho Soares
1º Examinador – UECE

_____
Prof. Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandópolis
2º Examinador – UECE

...tutto ciò che generalmente si è divisato d'intorno allo stabilimento de' princìpi di questa Scienza: che, poiché i di lei princìpi sono provvedenza divina, moderazione di passioni co' matrimoni e immortalità dell'anime umane con le seppolture; e 'l criterio che usa è che ciò che si sente giusto da tutti o la maggior parte degli uomini debba essere la regola della vita socievole (...) questi deon esser i confini dell'umana ragione. E chiunque se ne voglia trar fuori, egli veda di non trarsi fuori da tutta l'umanità.

G. Vico. *Principj di scienza nuova* .

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. José Expedito Passos Lima, orientador desta dissertação, pela paciência e respeito ao longo da elaboração deste trabalho.

À minha família pela paciência e consciência da importância, ainda em nossos dias, do exercício filosófico. Entre eles, Dª. Esmeralda, minha mãe, Suely, minha inseparável companheira, bem como meus dois filhos, o Tales Rafael e o Sebastião. Tais familiares me proporcionaram a coragem e perseverança para que fosse concluído este trabalho.

Aos amigos que contribuíram de maneira absolutamente presente, acreditando no meu sucesso. Entre eles, Marcos Aurélio, Paulo César, Holmes.

Aos professores desde o meu ingresso no mestrado: Prof.ª Drª. Terezinha de Castro Callado, Prof. Dr.Eduardo Jorge Oliveira Triandópolis e Prof.ª Drª. Marly Carvalho Soares, sendo os dois últimos participantes da qualificação e defesa desta dissertação.

Ao colega e amigo Mark Collins, pela atenção na tradução do resumo deste presente trabalho.

À Secretária do Mestrado, Rose Ramos, à Dª Fátima e à Maria Teresa pela prontidão, sempre que solicitadas, para que se esclarecessem quaisquer dúvidas surgidas. Bem como a todo o corpo docente do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE e à FUNCAP, pelo apoio financeiro.

RESUMO

SOUTO, José Wagner Macedo. A Eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico. 2011. Dissertação (Mestrado)-Cursos de Mestrado Acadêmico em Filosofia.Centro de Humanidades. Departamento de Filosofia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

Giambattista Vico (1668-1744) viveu um período caracterizado pelo questionamento da autoridade dos antigos e o advento das ciências naturais, como as matemáticas e a Física. Por um lado tinha-se a negação da contribuição dos antigos e, por outro, a presunção, em particular dos cartesianos, de que os saberes fossem justificados com base nas matemáticas e submetidos à quantidade, às medidas e à contagem, como suficiente para abarcar todo o conhecimento, não levando em conta o conhecimento histórico ou a Filologia. Pelo contrário, Vico observara que tais conhecimentos não seriam suficientes para que se tivesse uma visão geral sobre as verdades das coisas humanas. Daí propor uma investigação do mundo da cultura, mundo feito pelos homens, o que possibilitaria a compreensão da gênese do mundo civil das nações. Tratava-se da verificação do mundo civil, com o estudo das manifestações objetivas, ao longo da história da humanidade, desde os princípios da humanização: condição de possibilidade de se conhecer o homem em sua totalidade. Vico se reporta às origens da humanidade, ou seja, explicita os princípios do surgimento da vida civil: uma investigação sobre o mundo da cultura, mundo que depende da vontade humana. Para Vico, esse mundo tem início com a religião, os casamentos e as sepulturas, identificados como princípios universais e eternos, por estarem tais costumes presentes em todas as culturas, e em grupos humanos, desde os tempos mais remotos, tanto em nações bárbaras quanto humanas, em tempos e lugares separados entre si. Tais princípios seriam fundamentais na condução do homem, na constituição da sua sociabilidade. Com Vico tem-se a afirmação de que no mundo social existe o certo, o verossímil, que por sua vez possibilita a compreensão da verdade das coisas humanas. O homem prossegue construindo a sua história ao longo dos tempos, deliberadamente, ou sem intenção consciente, mas a verdade é que se vem estabelecendo, ao longo da sua formação, as condições de sociabilidade. Tais elementos dizem respeito ao tema aqui proposto e expressam a eticidade dos princípios na *Scienza Nuova* de Giambattista Vico. Nesse sentido, o presente estudo propõe a seguinte hipótese interpretativa: a nova metafísica, proposta por Vico, tem seus princípios como expressão da eticidade na medida em que outras faculdades como a fantasia, a imaginação e o engenho, expressariam uma crítica ao discurso do primado da razão, bem como uma crítica à racionalidade moderna. Os costumes justificam uma *nuova scienza* em que a pura razão e seu primado não pode explicar a gênese e a natureza do mundo civil das nações. A importância do mundo civil como constituinte da história, com os seus hábitos, os costumes, os mitos, e outras peculiaridades de um povo ou nações, mesmo sem uma razão completa, indica outra orientação filosófica, pois se trata de um novo projeto de saber em oposição aos limites da filosofia moderna.

Palavras- chave: *Scienza Nuova*. Metafísica. Mundo civil. Eticidade. Princípios.

ABSTRACT

SOUTO, José Wagner Macedo. The principles of ethics in the *Scienza Nuova* of Giambattista Vico. 2011. Thesis (MA)-Masters Courses Scholar in Philosophy. Center for the Humanities. Department of Philosophy, State University of Ceará, Fortaleza, 2011.

Giambattista Vico (1668-1744) lived in a period characterized by the questioning of the authority of the ancients and the advent of the natural sciences, like mathematics and physics. On one hand you had the denial of the contribution of the ancients and, on the other, the presumption, according particularly to the Cartesians, that knowledge would be justified based on mathematics and submitted to quantity, measures and counting as sufficient to cover all knowledge, not taking into account historical knowledge or philology. Rather, Vico observed that such knowledge is not sufficient to have an general view about the truths of human affairs. Thus it proposes an investigation of world culture, world made by men, which would allow an understanding of the genesis of the civilized world of nations. It dealt with the inspection of the civilian world, with the study of objective manifestations throughout the history of mankind, since the principles of humanization: the condition of possibility of knowing man as a whole. Vico refers to the origins of mankind, that is, explains the principles of the emergence of civil life: an investigation about the world of culture, a world that depends on human will. For Vico, this world begins with religion, marriages and burials, identified as timeless and universal principles, because these customs are present in all human groups and cultures since ancient times, both in human and barbarous nations, in times and places separated from each other. These principles are to be fundamental in the conduct of man, in the constitution of their sociability. With Vico one has the assertion that in the social world there exists what is right, verisimilar, which in turn enables our understanding of the truth of human things. Man has built his story over time, intentionally or without conscious intent, but the truth is that it has established, during his training, the conditions for sociability. These are the elements that are related to the proposed theme here and express the ethical principles of the *Scienza Nuova* of Giambattista Vico. Accordingly, this paper proposes an interpretative hypothesis that, in the new proposal of Vico's metaphysics, has its principles as an expression of ethics in that other faculties such as fantasy, imagination and ingenuity express a critical discourse of the primacy of reason and the critique of modern rationality. The customs justify a *nuova scienza* in which pure reason and its rule cannot explain the genesis and nature of the civilized world of nations. The importance of the civilian world as a constituent of history, with its habits, customs, myths and other peculiarities of a people or nation, even without full reason, indicates another philosophical orientation, because it is a new project of knowledge in opposition to the limits of modern philosophy.

Keywords: *Scienza Nuova*. Metaphysics. Civilian world. Ethics. Principles.

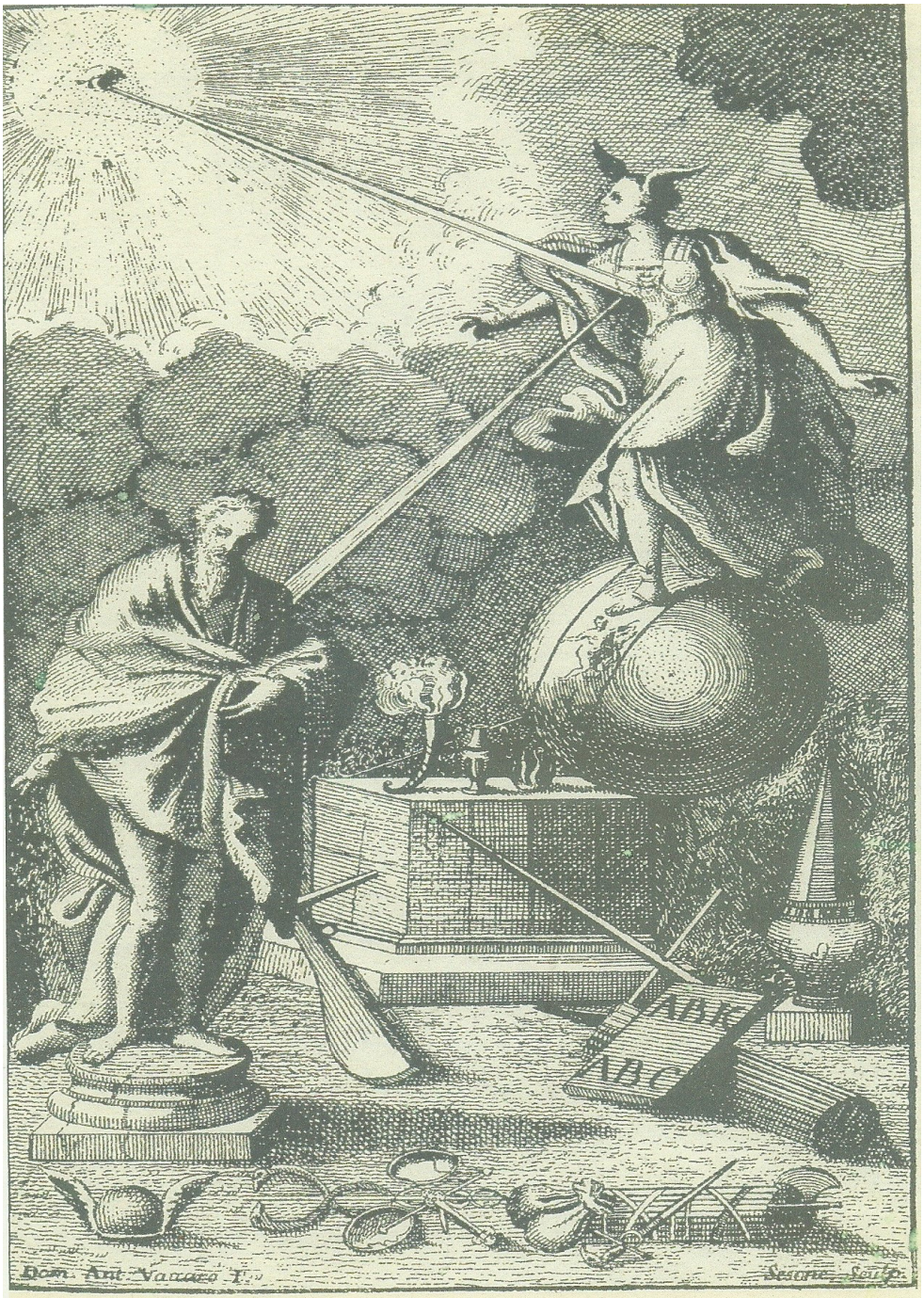

Fig. 1 – Sn44, «Dipintura».

Fig. 1 – Sn44, <<*Dipintura*>>.

VICO, Giambattista. *Principi di Scienza Nuova d'intorno alla comune natura delle mezioni* [1744]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO 1: A CRISE DA *RATIO STUDIORUM*: A REFLEXÃO DE GIAMBATTISTA VICO.....16

1.1 Os *Studia humanitatis* e a sua herança na formação do pensamento viquiano.....16

1.2 Vico e o cartesianismo em Nápoles.....23

1.3 O *De Ratione*: "tópica" e "crítica".....27

1.4 Retórica e cultura da vida civil na reflexão de Vico.....33

1.5 A defesa viquiana da "filosofia moral".....38

CAPITULO 2: DA *ANTIQUÍSSIMA SAPIENTIA* À IDÉIA DE UMA NOVA *SCIENTIA* 42

2.1 A metafísica do *De Antiquissima* 43

2.2 O princípio do *Verum- factum* 46

2.3 *De constantia* e o anúncio da *nova scientia* viquiana 49

2.4 Metafísica e vida civil.....53

2.5 Novo sistema do direito e senso comum.....57

CAPÍTULO 3: A *NUOVA SCIENZA* VIQUIANA: UMA NOVA METAFÍSICA.....62

3.1 Os limites da Scienza nuova de 1725: as considerações viquianas.....62

3.2. Pintura alegórica da *Scienza Nuova*: considerações sobre o mundo civil.....67

3.3 Sobre os hieróglifos e princípios fundamentais.....72

3.4. Dignidades filosóficas e Dignidades filológicas: origens do mundo civil das nações.....77

3.5. Princípios e método da *nuova scienza*: primórdios do mundo civil.....84

CAPÍTULO 4: ETICIDADE ORIGINÁRIA DA VIDA CIVIL: CRIAÇÃO DE UM MUNDO DE SENTIDO.....91

4.1. Sabedoria poética e enciclopédia dos saberes poéticos.....91

4.2 Sobre os universais poéticos e primórdios da humanidade.....96

4.3 A relevância do senso comum.....99

4.4. Sentido originário da moral, do ético e do político.....101

4.5. Curso da história das nações e barbárie da reflexão.....105

CONCLUSÃO......113

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....116

INTRODUÇÃO

Fim do século XVII, na Itália, a presença de um grupo de intelectuais começa a questionar a autoridade dos antigos, como a de Hipócrates e Aristóteles. A defesa de tais intelectuais era a da alternativa de um pensamento que não obedecesse aos ditames do pensamento vigente. Napolitanos como Tommaso Cornélio, Leonardo di Capua e Francesco D'Andrea tinham interesse pelas idéias de Galileu, Bacon e Descartes, bem como as de Epicuro (341-270) e Lucrecio (95-55 a.C), em consonância com os franceses e ingleses da época.

Em tais tempos de Giambattista Vico (1668-1744), com o advento das ciências naturais, a Física teria o *status* de ciência e a História permanecia, em segundo plano, reconhecida apenas como uma arte, por não ser de grande importância o contar os fatos. Isto porque os mesmos não poderiam ser criteriosamente reconhecidos como verídicos, conseqüentemente, seria absurdo a História como ciência. Os saberes que não fossem justificados com base nas matemáticas, submetidos à quantidade, às medidas e à contagem, não eram tidos como científicos.

Se, por um lado, Vico reconhece a relevância do avanço das ciências de sua época, por outro, questiona a negação das contribuições dos antigos, em razão da presunção, de uma nova ciência, de abarcar todo o conhecimento. Para ele, a herança cultural precisaria ser considerada como de grande importância, mesmo para que qualquer ciência tivesse critérios de validade. Vico propunha uma reforma do saber no âmbito da verdade das coisas humanas e estabelecimento de novos princípios de uma ciência capaz de compreender a gênese do mundo civil das nações. Daí pensar uma "historia ideal eterna" em que transcorreram histórias particulares, com os seus costumes e leis que explicariam a "natureza comum das nações".

Para Vico não se tratava da negação do alcance das ciências naturais. O problema estaria na presunção dos físicos cartesianos, ou seja, do método matemático deles conseguir abarcar toda a realidade. Vico defende, porém, que as proposições matemáticas são verdadeiras pelo fato de nós mesmos tê-las feito. Nesse sentido, a Matemática não seria um instrumento suficientemente capaz de explicar o homem nas suas criações, isto é, aquelas produzidas pelo arbítrio humano.

Vico propunha a investigação do mundo da cultura, mundo que é fruto desse arbítrio. A sua investigação se apoiaria nos fundamentos das ações humanas como construção da humanidade. Para tanto era preciso o resgate dos tempos primitivos. Tratava-se da verificação do mundo civil, com o estudo das manifestações objetivas ao longo da historia da humanidade, desde os princípios da humanização. Em *Princìpi di Scienza Nuova,* de1744, Vico se reporta às origens da humanidade, ou seja, explicita os princípios do surgimento da vida civil.

Desde o *De antiquíssima,* de 1710, o autor estava à procura da "sabedoria antiga", mas a mesma, no seu entender, já não se encontrava nas obras dos primeiros filósofos. Em sua *Princìpi di Scienza Nuova,* ele defende a ideia de que a sabedoria não se encontrava, de início, nos escritos filosóficos, mas na "sabedoria popular", pois tinha as suas expressões por meio das tradições, das culturas das gentes, com os seus hábitos e costumes. Ademais, já o *De antiquissima* se contrapunha a Descartes e aos cartesianos, pois, com Vico, tem-se a afirmação de que no mundo civil existe o certo, o verossímil que, por sua vez, possibilita a compreensão da verdade das coisas humanas.

A transição do século XVII para o XVIII apresenta um período marcado pelo despertar intelectual à procura de outras orientações e visões da realidade diferentes de uma tradição hermética, que queria perpetuar suas regras. Vico representa aqui uma figura de destaque, pois mesmo que tenha sido considerado obscuro e vago em seu tempo, foi atento e criterioso ao pensar um novo projeto de saber, inspirado por questões éticas e políticas. Em tal cenário, Giambattista Vico viveu e amadureceu as suas ideias, dando forma a seus pensamentos com uma nova compreensão dos fundamentos do pensamento humano. Ele buscou resgatar o que havia passado despercebido, ou mesmo desdenhado pela filosofia vigente da época. A sua proposta de investigação do mundo civil, os seus princípios, brotou de um forte apelo decorrente da vida prática.

Na *Scienza Nuova,* com a retomada da natureza sociável do homem, Vico propõe a investigação do mundo civil, sendo a mesma relevante para a compreensão das primeiras sociedades. Trata-se da defesa da natureza sociável que conduz o homem à civilidade, pois o mundo civil, para Vico, tem início com a religião, os casamentos e as sepulturas. Uma proposta inovadora, pois o que se tinha até então sobre o tema do homem político, quer os dados históricos das nações, quer os documentos escritos dos filósofos tradicionais, não seria o bastante para a compreensão do homem. Nesse sentido, as fontes que poderiam contribuir

como elementos para os fundamentos da gentilidade, estariam em seus costumes, em seus hábitos crenças e mitos desde os tempos mais remotos.

Duas eram as proposições que, segundo Vico, precisariam ser ultrapassadas: a primeira seria a crença de nações como a dos gregos, a dos caldeus e egípcios, de assumirem presunçosamente a certeza de terem encontrado as comodidades da vida humana e fundado primeiramente o mundo civil. A verdadeira antigüidade estaria na história sagrada, pois seria mais antiga do que todas as histórias profanas que nos chegaram até então. Quanto à segunda presunção, seria a dos doutos que supunham ser "a sua sabedoria tão antiga quanto o mundo". O mundo civil foi feito pelos homens.

Os estudos de Vico deixaram também de lado a certeza, tanto dos estóicos, quanto dos epicuristas. Os primeiros propunham que se deixasse levar pelo destino, e os segundos pelo acaso: ambos negando a providência divina. A proposta viquiana, ao contrário, seria a de se levar em conta os filósofos políticos, os platônicos, em especial, com uma providência divina e a crença na imortalidade da alma. Para Vico, a providência modera as paixões humanas, tornando-as virtudes humanas. Conforme Vico, o mundo das nações, por ter sido feito pelos homens, nele pode-se encontrar princípios universais eternos, ou seja, costumes presentes em todas as culturas e grupos humanos desde os tempos mais remotos. Princípios como as religiões, os casamentos e sepultamentos, presentes tanto em nações bárbaras quanto humanas, pertenceram a tempos e lugares separados entre si. Tais princípios seriam fundamentais na condução do homem e no cumprimento da sua sociabilidade.

A formação das primeiras gentes foi longa e gradativa, desde o homem primitivo, de imaginação fértil e criativa, buscando respostas ante as reações da natureza. Eram tais homens primitivos desprovidos de uma razão completa, mas tal deficiência era compensada por uma forte imaginação e criatividade. A proposta viquiana seria a de se reportar aos primórdios da humanidade, à gênese do mundo civil, à formação das nações gentílicas, desde o dilúvio universal. Daí sua *Scienza Nuova* dividir a História em três períodos: o período supersticioso; o período heróico e o humano: períodos em que os primeiros homens eram poetas e por natureza imaginativos e pouco racionais. As três idades da história humana, investigadas por Vico, com os seus diferentes costumes, leis, hábitos de convivência, suas linguagens mais diversas, e outras nuanças que fundamentam a história humana, possibilitaram a compreensão do curso que fizeram as nações desde os primórdios das nações gentílicas.

A idade dos heróis e a dos homens tinham as suas histórias bem documentadas, não haviam obstáculos na investigação: o problema seria a idade dos deuses. Para tanto a resposta de Vico, a tal situação, seria um estudo e análise dos mitos como contribuição das formações das sociedades primitivas: não uma história de acontecimentos. Com o aprofundamento de tais conhecimentos, costumes, crenças e hábitos, nas mais variadas culturas e sociedades, poder-se-ia reconstruir os primórdios da humanidade, identificando o pensar humano desde os tempos poéticos, em que a fantasia explicava a realidade, e a *nuova scienza* pensada como nova metafísica.

Para a apresentação do conteúdo deste trabalho, consideramos o primeiro capítulo [*A crise da Ratio studiorum: a reflexão de Giambattista Vico*] que aborda a crise da *Ratio Studiorum* tradicional, sua influência e herança na formação do pensamento viquiano. Esse capítulo tem como base a leitura de escritos como o *De ratione* e a *Autobiografia* viquiana em que destacamos a problemática do cartesianismo em Nápoles, a importância da relação entre a tópica e a crítica, como resposta viquiana à querela entre antigos e modernos, a fim de uma reforma do saber ante as insuficiências presentes tanto nos antigos quanto nos modernos. Destacamos também a importância da Retórica na cultura da vida civil e a defesa viquiana da Filosofia moral como orientação filosófica das novas preocupações de Vico.

No segundo capítulo [*Da antiquíssima sapientia à idéia de uma nova scientia*] explicitamos o questionamento do método cartesiano no ano de 1710, com a publicação do *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda (Sobre a sabedoria dos antigos italianos extraída das origens da língua latina)*, ou seja, um estudo sobre as origens da língua latina, como pretensa descoberta de uma antiga sabedoria dos italianos. Tratam-se das opiniões dos antigos sábios italianos sobre questões metafísicas como: a verdade primeira, Deus, o ânimo humano e o princípio do *Verum- factum.* Em seguida, valendo-nos do *De constantia jurisprudentia*, pertencente ao *Diritto Universale* de 1720, expomos a proposta viquiana de uma fundamentação metafísica do direito eterno. Tal proposta pressupõe o direito natural para pensarmos a sociabilidade humana, e o anúncio da sua *nova scientia*, capítulo capaz de compreender a gênese histórica desse direito, ou seja, a Filologia como *scientia certae.*

O capítulo terceiro [*A Nuova Scienza viquiana: uma nova metafísica*], expomos, em linhas gerais, os limites da *Scienza Nuova* de 1725. Aqui abordamos as considerações de Vico sobre as críticas e elogios de seus contemporâneos, o seu descontentamento sobre a acolhida

de obras como o *Diritto universale e* a *Scienza Nuova*, de 1725, bem como uma reflexão sobre a pintura alegórica da *Scienza Nuova*, de 1744, valendo-nos dos hieróglifos e princípios fundamentais da vida civil. Consideramos a relação entre Dignidades filosóficas e Dignidades filológicas a fim de uma compreensão das origens do mundo civil das nações e os princípios e método da *nuova scienza*.

No quarto e último [*Eticidade originária da vida civil: criação de um mundo de sentido*], foram pensados temas como a Sabedoria poética, sua importância na formação do mundo civil, destacando os novos princípios da poesia em que Vico se propõe investigar os princípios da sabedoria poética, ou seja, o saber dos poetas teólogos que seria a primeira sabedoria do mundo gentio. Trata-se da dimensão mítico-poética na reflexão viquiana sobre o pensamento originário dos primeiros homens, isto é, o significado da sabedoria dos primórdios e a sua relevância para os inícios da humanidade gentílica a fim de dar sentido ao mundo à sua volta. Aqui se revelam os universais poéticos, bem como a relevância do senso comum, pois contribuirão para o sentido originário da moral, do ético e do político. Para a descoberta desses princípios, Vico destaca a necessidade de uma reflexão sobre a linguagem, assim como outras formas de expressão das culturas antigas. Por fim expomos o curso da história das nações e os danos da barbárie da reflexão.

Defendemos, neste trabalho, a seguinte hipótese interpretativa: a premissa da eticidade dos princípios da *Scienza Nuova* de Giambattista Vico, que fundamentariam a nova ciência e orientariam também uma crítica à racionalidade moderna. Para tanto seguimos as formulações da *Scienza Nuova* de 1744, seja em relação aos princípios seja em relação ao método. Daí a relevância da articulação, proposta em tal obra, entre Filologia e Filosofia para o estabelecimento de uma nova metafísica e uma reforma do saber. Há, portanto, uma preocupação prática, na medida em que a *nuova scienza* se reporta ao fazer e ao arbítrio humano na construção e conservação do mundo civil.

CAPÍTULO 1

A CRISE DA *RATIO STUDIORUM*: A REFLEXÃO DE GIAMBATTISTA VICO

O projeto viquiano de um novo saber e da natureza de seus princípios requer, de início, uma reflexão sobre a crise da *Ratio Studiorum* tradicional. Em escritos como o *De ratione e Vita* de Giambattista Vico, há registros, tanto da vida pessoal, quanto da sua formação e situação cultural de seu tempo com o advento das novas ciências e a crise da *Ratio Studiorum.* Trata-se de um autor ciente da crise da cultura de Nápoles e da Europa de sua época, da crise do saber tradicional após a proposta de um novo método de estudos proposto com a reforma cartesiana. Não obstante seu reconhecimento do avanço das ciências, Vico tece algumas críticas ao discurso dos modernos em virtude dos riscos à convivência civil. Isso justifica a sua defesa dos *Studia humanitatis*, pois tais estudos eram os mais completos para a formação civil, da vida em sociedade. Disso resulta a crítica viquiana à racionalidade moderna e às suas limitações no âmbito das coisas humanas.

1.1 Os *Studia humanitatis* e a sua herança na formação do pensamento viquiano

Os *Studia humanitatis* eram as disciplinas que tinham o homem como principal preocupação, colaborando tanto para a sua formação individual, como para a vida coletiva, o político. Com o humanismo civil renascentista[1] tem-se a idéia de que a educação é parte

[1] Os termos "S*tudia humanitatis*" e "humanista" foram utilizados durante o Renascimento, mas já entre os antigos romanos era empregado para definir o estudo da poesia, da literatura e da história. Retornada a sua utilização, na primeira fase do Renascimento italiano, para destacar o valor humano do estudo da gramática, da retórica, da poesia, da história e da filosofia moral, receberiam nos finais do século XV o título de "humanistas" aqueles que ensinavam por profissão essas matérias. Alguns "fatores" contribuíram e explicam as origens e ascensão do humanismo como: a observação de que é importante saber dos contributos da retórica medieval, com suas regras estilísticas para a compreensão das cartas e outros mais documentos; os remanescentes dos estudos da poesia e da literatura latina clássica nas escolas do século XII eram em sua maior parte oriundos da França, para somente nos fins do XV serem introduzidos também nas escolas italianas, unindo-se à tradição retórica do país com um caráter prático. Os estudos eruditos dos clássicos latinos tiveram, em princípio, o seu desenvolvimento com a boa imitação dos clássicos, como treino para bem escrever e falar. Só a partir do século XIV se acrescentou o estudo da literatura clássica grega, que por sua vez foi cultivada pelos bizantinos, e levada à Itália, com a intensificação dos contatos políticos, eclesiásticos e culturais. O humanístico brotou dentro dos limites dos estudos retóricos e filosóficos, sempre fora um movimento cultural e literário. Há de se convir, porém, que mesmo não sendo e tendo pretensões filosóficas, precisamos levar em conta que houve uma influencia indireta no caso do pensamento filosófico, no que diz respeito ao seu ideal de elegância literária e crítica histórica, bem como seus materiais inéditos das suas fontes clássicas. Nesse aspecto, a importância dada ao homem, já que o programa cultural e educativo proposto pelos mesmos contribuiu para a educação e

integrante e necessária para a formação moral e política do homem e imprescindível para que o mesmo se relacione em sociedade. Os humanistas primavam pelos saberes da tradição retórica, onde os oradores tinham o compromisso para com os seus ouvintes, nas assembléias, e com outros grupos que pudessem vir a se reunir a fim de discutir as mais diversas questões civis públicas, ou para celebrarem seus feitos. Os humanistas foram filólogos de grande valor, pois com eles tem-se a redescoberta de muitos textos pouco conhecidos na Idade Média, sendo sua mais notável contribuição o minucioso e dedicado estudo da língua grega. Durante os séculos XII e XIII constavam-se muitas traduções de textos gregos para o latim: textos de matemática, astronomia, medicina e de filosofia aristotélica, mas tais traduções eram em sua maior parte feitas pelos árabes e limitada ao interesse deles. Com a entrada dos bizantinos no Ocidente, em meados do século XIV, tem-se o deslocamento dos estudiosos italianos à Constantinopla para estudar a literatura clássica: algo que proporcionou a garantia de um lugar para a divulgação das idéias humanísticas no ensino das escolas e universidades ocidentais [2].

Além da dedicação aos estudos dos clássicos, é de grande importância o ideal de eloqüência nos escritos dos humanistas. Daí a grande produção de tratados, cartas, orações, em que podemos identificar uma preocupação com o trato e a convivência entre os homens, podendo isso ser identificado em suas poesias em louvor às suas cidades, em seus discursos de elogio aos seus hóspedes, ou mesmo em manifestos políticos em nome de seus governos. Tinham certa vaidade e lhes agradava fazer discursos, mas tais prazeres eram ricos de interpretação e tinham um compromisso com todos aqueles a quem lhes fosse dirigida a palavra. Seus campos de estudos incluíam a gramática, a retórica, a poesia, a história e o estudo dos autores gregos e latinos. Esses humanistas foram retores de profissão, “animados por um novo ideal classista da cultura, que tentaram afirmar a importância do seu campo de estudos e impor seus critérios às outras ciências, inclusive à filosofia” [3].

O Humanismo foi uma orientação literária e de estudo dos clássicos, que por sua vez caracterizou o Renascimento italiano. Uma tendência geral daquela época seria a de atribuir grande importância aos estudos da antiguidade clássica, onde “os livros de autores dos quais todos se proclamavam herdeiros contribuiriam para uma autoconsciência e para a formação de

---

formação do homem, para que o mesmo fosse digno e merecedor de sua humanidade (Cf. KRISTELLER, Paul. *Tradição clássica e pensamento do renascimento* [1954]. Trad. Port. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1995, p. 131 – 133.).

[2] KRISTELLER, Paul. *Tradição clássica e pensamento do renascimento*, pp. 99 - 101.

[3] Ibidem, pp.102 -106.

uma visão de conjunto da história do homem" [4]. Também era de grande importância o interesse pela erudição, pelos estudos filológicos, sendo, pois, de grande valia o estudo e o conhecimento da cultura clássica. Embora o Humanismo caracterizasse o Renascimento, o mesmo não se limitava apenas a um movimento de exaltação à cultura clássica, pois a sua importância vai mais além disto. Como indica a passagem:

> ... a polêmica humanista não foi (...) um fenômeno limitado ao campo retórico-literário: foi a oposição de uma clara imagem do homem e a uma metafísica em que o homem não tenha lugar (...). A actividade (sic) humana, que se exerce na construção da cidade, constitui o domínio próprio do homem: do homem que é artífice, causa, Deus. O seu significado não se manifesta na construção de algo dado, mas na ação, na actividade(sic) produtiva...[5].

Trata-se de exaltar a atividade humana em universos como: o direito, a poesia e a oratória, em que se revelam interesses morais, éticos e políticos. O questionamento sobre o que significa ser homem remete à premissa de que o "valor do homem reside na sua capacidade de actuar (sic), de criar, de servir-se das leis e formas da natureza para as recriar (sic) em benefício próprio: quando se tem clara a consciência disto, então já não se trata do triunfo de uma retórica, mas o nascimento de uma realmente nova" [6]. A interpretação dos escritos da antiguidade, a fim de se conhecer o sentido preciso, para quem sabe, até imitar ou seguir os exemplos, mas nunca "esquecer a sua alteridade" [7].

Outro ponto seria o da observação de que "durante esses séculos decisivos se esgotou definitivamente certa maneira de ver as coisas, e para sempre desapareceu uma velha imagem do mundo" [8]. Neste sentido, "ainda que em tantos aspectos parecesse um novo renascimento [9], ter-se-ia apenas (...) o funeral solene de uma muito nobre, mas esquecida, interpretação da realidade" [10]. Com o humanismo tem-se "... a segurança de que o homem é realmente capaz de reconstruir-se a si próprio e o seu mundo; mas há em todos os momentos a consciência de

[4] GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no renascimento italiano* [1965]. Trad. br. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996. p.10.
[5] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Trad. Port. Isabel Teresa dos Santos e Hossein Seddighzadeh Shooja. Lisboa: Editorial Estampa 1994, p. 172.
[6] Ibidem, p. 173.
[7] Ibidem, p. 174.
[8] Ibidem, p. 83.
[9] Ibidem, p. 84.
[10] Ibidem.

que a segurança tranqüila de um universo familiar e doméstico, ordenado às nossas necessidades, está definitivamente perdida" [11].

Ademais, a herança quer de uma certeza dos fundamentos da natureza humana, quer da crença do bem supremo, caem por terra, pois "tudo o que pretende reger-se (sic) pelo respeito de regras absolutas, tudo decai, e não é devido à malignidade dos homens ou à adversidade das coisas, mas porque tais regras e segurança não existem em nosso mundo" [12]. Em lugar disso o movimento humanista indica que "... a humanidade se desenvolve através das suas conquistas e dos seus erros, uma consciência mais vasta desse movimento da espécie, ou seja, o conhecimento histórico permite-nos tirar proveito de qualquer experiência e desse modo obter um uso mais adequado da razão" [13].

Garin, ao comentar em seus escritos sobre os autores dos séculos XV e XVI, destaca a importância do diálogo como condição de possibilidade para que o homem se mantenha em sociedade:

> Eu diria que não é por acaso que, como todos os autores dos séculos XV e XVI, amara a forma literária do diálogo, que é quase a declaração aberta de uma diferença de opiniões irreconciliáveis, o direito de qualquer voz a fazer-se ouvir, a idéia de investigação como colóquio e debate não formalizado. Essa forma é a expressão concreta de uma abertura humana que nasce de uma solidariedade biológica e se move em direção a uma sociedade espiritual: o humanismo é, na realidade, 'vida civil' e 'conversação civil'[14].

Neste aspecto tem-se, no entender de Garin,

> ...a história como filologia, ou seja, como consciência crítica de nós mesmos e dos outros, consciência crítica das relações construídas humanamente e reconstruídas racionalmente (...) o passado, (...) é também digno de imitação na medida em que a sua orientação básica continua a ser válida — digno de imitação, não de repetição [15].

[11] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*, p. 84.
[12] Ibidem, p. 87.
[13] Ibidem, p. 165.
[14] Ibidem, p. 169.
[15] Ibidem, p. 176.

A Filologia "orienta também a nova investigação científica" [16], mas o seu papel não se limita apenas a fornecer os elementos à investigação, a mesma tem como função ler e "colher o seu sentido sincero e puro, sem deformações" [17], nos proporcionando a participar do diálogo, tendo assim o direito de nos pronunciar. Ademais, as "histórias antigas não constituem leitura de classes universitárias: "ressoam solenemente nas cartas do governo" [18], como fora o caso de Coluccio em suas cartas, "onde os clássicos tornam-se educadores de um povo e alimentam uma nova prática política" [19].

Filólogos e gramáticos, em suas investigações sobre os antigos, nos mostram o determinismo até então presente, na explicação do mundo, em que se tem "a consciência explicada e definitiva do mundo" [20]. Com o humanismo caem por terra as interpretações definitivas da realidade. Garin exemplifica o caso de Aristóteles, argumentando sobre a insuficiência de sua doutrina, uma vez que sua importância seria apenas como documento histórico, e não fonte de certeza indubitável. Com os humanistas tinha-se o preceito de que a "história do homem é produto do próprio homem" [21], assim os escritos aristotélicos fariam parte de

> ...uma formação histórica, nascida num determinado terreno, derivada de determinados pressupostos, ligada a uma determinada cultura: e que a sua lógica não é de modo nenhum a própria estrutura da realidade, mas apenas um produto pessoal (...), que em muitíssimos casos — (...) perdeu já toda a sua utilidade [22].

Quanto ao recurso retórico utilizado pelos humanistas, tal recurso não se limita a determinado momento político, não sendo o orador "um fenômeno próprio deste o daquele governo", [23] limitado apenas a alguém que tivesse por função influenciar o povo em suas opiniões, ou para que se garantisse o estabelecimento de normas. Em uma situação onde se têm as leis e regras já estabelecidas, a presença do orador não é necessária, pois "é inútil discorrer para persuadir; basta deduzir rigorosamente; assim não há oradores, mas doutores" [24].

---

[16] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*, p. 177.
[17] Ibidem.
[18] GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no renascimento italiano*, p. 31.
[19] Ibidem, pp. 31 - 32.
[20] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*, p. 178.
[21] Ibidem.
[22] Ibidem.
[23] Ibidem, p. 112.
[24] Ibidem, p. 113.

Garin, exaltando a importância da aproximação entre os escritos literários e os escritos políticos, cita o chanceler Salutati demonstrando "que a ligação entre a obra desse tratadista e os atos da república" [25]. Segundo ele argumenta:

> As lições dos antigos ligam-se constantemente às experiências do momento, exclarecem-se umas às outras. Daí a impossibilidade de separar algumas das maiores personalidades da época da atividade concreta que exerciam; daí também a necessidade de se reinserir a 'retórica' dos 'humanistas', o seu retorno à antiguidade e às suas traduções na realidade da vida política, e a oportunidade de ver em tudo isso muito mais do que um parágrafo da história das escolas de gramática [26].

Ademais, no discurso pronunciado Vespasiano da Bisticci sobre a importância da Retórica, a mesma não se limita apenas a um ornamento. Como indica a seguinte citação do discurso:

> '... apraz-me retomar o erro de muitos ignorantes, os quais crêem que somente poderão ser considerados estudiosos os que se esconderem na solidão e no ócio; e eu nunca vi nenhum destes camuflados e alienados do convívio humano que soubesse três letras. O grande e elevado talento não necessita de tais tormentos; pelo contrário, é verdadeiro e correto concluir que aquele que não aparece cedo não aparecerá nunca; de modo que isolar-se e fugir à conversação é próprio daqueles que nunca são solicitados graças ao seu pouco talento' [27].

A importância do discurso não se limitava apenas ao persuadir, e sim a uma perspectiva que vai além disso, pois o orador leva em conta o homem e a sua capacidade criativa, a *inventio,* que por sua vez compõe a sua liberdade na ação, complementando assim a sua formação para a vida. Tem-se, com efeito, uma abrangência da função do orador, que consiste na observação de que "a palavra educa, melhora, renova: é o instrumento através do qual a sociedade civil se formou e foi progredindo (...) o discurso é o meio pelo qual se traduzem e se definem todos os processos de investigação da mente humana" [28]. Há de se observar ainda

---

[25] GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no renascimento italiano,* p. 13.
[26] Ibidem.
[27] DA BISTICCI, Vespasiano. *Vita di Dant, apud* GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no renascimento italiano.* pp. 34-35.
[28] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento,* p. 114.

> ...que a razão é coisa humana como nós, que conosco nasce, vive e morre, então a sua tarefa deve ser a discussão humana; e principalmente considerar o que convém à humanidade, valendo-se da arte oratória, que nos permite moderar e conduzir as nossas acções (sic) humanas nesta vida civil [29].

O Humanismo vai buscar todas as nuanças que pertencem à natureza humana, indicando assim a importância da Retórica, sua função formativa para a vida:

> A natureza humana, diversa e mutável nos indivíduos, deve ser considerada nas suas múltiplas facetas, e deve estimular-se em função disso; deve ser formada e transformada, guiada e educada; o universal, a lei, não é uma estrutura que surja do ser, que esteja dada na natureza, mas um hábito, uma formação histórica, uma lei 'civil. Senhora da vida moral é a retórica, onde confluem não só a ciência das emoções humanas, mas também a de todos os processos internos. Dados que o discurso, verdadeiro tecido conectivo da sociedade, permite chegar ao homem, com ele se renova e se guia o homem sem violar a sua liberdade, persuadindo-o a fixar os seus melhores objectivos (sic) [30].

Em Vico a orientação humanista, bem como a relevância do saber retórico, está presente em sua formação. Desde seus primeiros escritos, como apresenta o *De ratione* (1708), Vico revela uma orientação pedagógica em que já expressava a relação entre saber e vida civil. Em tal escrito, Vico já criticava a insuficiência do modelo cartesiano, bem como enaltecia os saberes dos antigos para uma compreensão das coisas humanas: daí a preparação integral do homem em sociedade.

Na sua *Autobiografia*, Vico explicita seu desenvolvimento intelectual e filosófico, ao escrever sobre a sua vida e a sua trajetória intelectual. Ele comenta que seu escrito autobiográfico difere daquele de Descartes, sustentando que

> Não se fingirá aqui como fez astutamente Renato das Cartas em torno do método de seus estudos, apenas para por em evidência sua filosofia e matemática e aterrar todos os outros estudos que completam toda a aprendizagem humana e divina, mas com a sinceridade de um historiador, se narrará com honestidade o conjunto de todos os estudos de Vico, de maneira

[29] GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*, p. 120.
[30] Ibidem, pp. 122 - 123.

> que se saiba [m] as causas próprias e naturais de seu êxito e não como literato que foi [31].

As considerações sobre o humanismo renascentista e sua influência na proposta viquiana de um novo saber se revela na presença de temas como a Filologia, a Retórica, e certo interesse de Vico por alguns pensadores neoplatônicos renascentistas. A "*nova crítica*", de caráter cartesiano, refutou a tradição retórico-humanista, em que disciplinas pertencentes a essa tradição contribuiriam para uma formação integral do homem na vida civil. Os primeiros escritos viquianos revelavam, não apenas um incômodo em relação às "*modas*" filosóficas da época, mas uma preocupação com os danos à convivência e preservação da humanidade, pois poderiam decorrer das orientações intelectualistas de pensamento predominante, que desconsideravam faculdades e disposições relevantes para a integralidade antropológica.

1.2 Vico e o cartesianismo em Nápoles

Fins do século XVII e início do século XVIII estava em voga a filosofia de Descartes, que consistia na utilização do método geométrico e sua aplicação a todo os campos do conhecimento: a certeza de que o método cartesiano seria suficiente para explicar toda a realidade. Isso Descartes deixa claro em sua obra *Discurso do Método*, de 1631, em que apresenta sua recusa e desprezo dos saberes da tradição. Escritos que tratam dos costumes, bem como as fábulas e até o conhecimento histórico, não contribuiriam para fundamentar a certeza do conhecimento. Para Descartes, nada da tradição antiga seria relevante ou traria algum contributo para o avanço das ciências e para o conhecimento em se tratando da verdade. Daí a sua afirmação de que

> ...as fábulas fazem imaginar como possíveis muitos eventos que não o são, e mesmo as histórias mais fieis, se não mudam nem alteram o valor das coisas para torná-las mais dignas de serem lidas, ao menos omitem quase sempre as

[31] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1725-1728]. In: *La Scienza Nuova e Opere scelte di G.B. Vico, a cura di Nicola Abbagnano,* Torino: UTET, 1962. p. 79: "Non fingerassi qui ciò che astutamente finse Renato Delle Carte d'intorno al metodo de' suoi studi, per porre solamente su la sua filosofia e mattematica ed atterrare tutti gli altri studi che compiono la divina ed umana erudizione; ma, con ingenuità dovuta da istorico, si narrerà fil filo e con ischiettezza la serie di tutti gli studi del Vico, perché si conoscano le propie e naturali cagioni della sua tale e non altra riuscita di litterato".

> circunstâncias mais baixas e menos ilustres, de onde resulta que o resto não parece tal qual é, e que aqueles que regulam os seus costumes pelos exemplos que deles tiram estão sujeitos a cair nas extravagâncias dos paladinos de nossos romances... [32].

Para descartes, tudo que dizia respeito à tradição clássico-humanista não teria nenhum valor, em se tratando de um conhecimento seguro. Em contrapartida, Descartes havia proposto um método de análise que, segundo ele, "aplicá-lo tão utilmente às dificuldades das outras ciências" [33]. O autor pretendia uma verdade absoluta nas ciências, com base na auto-suficiência da razão, onde o conhecimento seria possível com o julgamento e ordenação das idéias, por meio do raciocínio matemático. Com isso, ter-se-ia uma compreensão completa da realidade.

O modelo cartesiano conquistava a credibilidade dos estudiosos dos séculos XVII e XVIII. Trata-se aqui da problemática de uma proposta de saber tida como absoluta, Vico, em sua *Vita,* faz a crítica a esse modelo, se opondo a seu método, que apresenta um total esquecimento e desprezo dos saberes humanísticos. Ademais, o modelo cartesiano era insuficiente no tratamento dos problemas humanos, ou seja, relativos à moral e à vida civil.

Essa era a maior inquietação de Vico, pois o instigou à reflexão sobre as coisas do mundo civil. Vico percebe a insuficiência de um método predominante e tido como satisfatório em todos os âmbitos do conhecimento. Desse modo, em sua *Vita,* ele explicita as transformações ocorridas com a presença do cartesianismo em Nápoles, narrando como ele pensou tais mudanças, e as transformações tanto no âmbito da cultura, como da filosofia em geral.

Vico, em um primeiro momento, retoma a tradição do Humanismo renascentista, destacando a importância do discurso, por participar de maneira formativa na vida civil. Ele cita Cícero (106. a.c)**,** para apresentar o sentido formativo dos autores clássicos, lembrando um tempo em que se tinha o conhecimento das coisas mais importantes da vida pública, pois os peripatéticos e acadêmicos ensinavam a ordem civil da prudência, a lógica e a física, para servir à eloqüência, a fim de contribuir para o bom funcionamento da *polis.*

---

[32] DESCARTES, René. *Discurso do Método* [1637]. Col. Os Pensadores. Trad.br. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 68.
[33] Ibidem, pp. 81-82.

O advento da nova ciência com base na filosofia de Descartes apresentava riscos ao homem em suas relações na sociedade civil. Sob esse aspecto, comenta o autor, que a filosofia de seus contemporâneos ensina a destruir as fontes de discursos plausíveis, frutíferos e perspicazes [34]. Daí ele propor que se atuasse considerando o senso comum, pois de que adiantaria a busca de uma verdade primeira em detrimento da observância da vida prática [35]. Tem-se, com efeito, uma preocupação com os problemas do trato entre os homens: seus hábitos, costumes, crenças, uma vez que contribuam para que esse homem viva em sociedade. A preocupação com a ausência, e até mesmo desprezo por elementos dos estudos das humanidades, como a prudência, a eloqüência e faculdades como o engenho, a fantasia, trariam perdas e danos irreparáveis às relações entre os homens na vida prática.

A oposição viquiana ao cartesianismo consiste na discordância, com motivos válidos e pertinentes, ao racionalismo, dada a subordinação de todas as coisas ao conhecimento matemático. Para Vico, o método proposto por Descartes seria insuficiente, pois as matemáticas não demonstram as questões relativas ao arbítrio humano, como revelam a retórica, a poesia, a história e a prudência que regulam a vida prática. É no âmbito da vida prática, que predomina a prudência e orienta o homem à sua racionalidade, mas as matemáticas e a Geometria não compreenderiam a realidade histórica do homem. Sendo a geometria insuficiente para o conhecimento de toda a realidade, não conseguiria compreender as coisas que se encontram exterior à mente, uma vez que as coisas físicas são distintas da mente [36]. As criações do pensamento não correspondem necessariamente à coisa física.

Não se tratava de tradicionalismo, mas da constatação viquiana de um total desprezo às contribuições dadas por autores como: Marsílio Ficino, Pico della Mirandola, Steuchio, Giacopi, Mazzoni, Alessandro Piccolomini, Matteo Accquaviva e Francesco Patrizzi. Esses pensadores haviam contribuído para a poesia, a história e a eloqüência, onde uma Grécia mais douta e mais eloqüente estava em evidência na Itália. Alusões a pensadores como Platão, limitava-se apenas, naquele momento, à ostentação de uma boa erudição por meio da memória [37].

Os danos eram visíveis, no entender de Vico, na medicina, no direito, bem como na poesia. Conforme comenta na sua *Autobiografia* :

---

[34] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo* [1708]. In: La Scienza Nuova e altri scritti di G.B. Vico, a cura di Nicola Abbagnano, Torino: UTET, 1976, p. 154.
[35] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 93.
[36] Ibidem, p. 94.
[37] Ibidem, p. 96.

> ... [na] medicina, em virtude das freqüentes alterações dos sistemas de física, tinha caído no ceticismo, e os médicos tinham começado a cair na acatalepsia, ou seja, na incapacidade de compreender o verdadeiro a cerca da natureza das doenças, e adiando na época, ou seja, a defesa de consentimento (...). Os antigos intérpretes da lei tinham caído de sua grande reputação na academia, e promovido os eruditos modernos, com grande prejuízo para o Fórum, porque, como estes são necessários para a crítica das leis romanas, igualmente aqueles são necessários para a tópica jurídica nas causas de duvidosa equidade..(...) O doutíssimo Senhor D. Carlos Buragna reintroduziu o costume de poetizar louvável, mas havia limitado na imitação de Giovanni della Casa, não derivando nada, embora ou de delicado ou de robusto, das fontes gregas ou latinas, ou das rimas de fluxos claros de Petrarca ou dos grandes fluxos de canções Dante. O eruditíssimo senhor Leonardo di Cápua tinha reposto a boa fala toscana em prosa, mas, com estas virtudes, não se ouvia discurso que fosse inspirado pela sabedoria grega em lidar com costumes (...) ou despertar os afetos (tradução nossa) [38].

As letras, antes cultivadas com base nos escritos de Platão, de Plotino e Marsílio, tomaram por referência as *Meditações* de Renato Descartes, de acordo com o seu livro o *Método* que, por sua vez, desaprovava e desprezava os estudos das línguas, dos oradores, dos historiadores e poetas, sendo importante apenas sua metafísica, sua física e sua matemática. Para Vico, isso ocorre quando se deveria ainda preferir Platão e Tácito, pelo fato de o primeiro conceber o homem como deve ser, e o segundo como o homem é [39]. Ambos contemplam o homem inserido na realidade, com suas paixões, vícios e virtudes, possibilitando o conhecimento e entendimento do mesmo na vida civil.

Nesse contexto, Vico nos fala ainda, em sua *Autobiografia*, sobre o método de estudos aplicados aos jovens, e apresenta o erro do procedimento, orientado com base na nova *ratio studiorum*. Ele questiona o ensino baseado no racionalismo cartesiano, proposto na obra de

---

[38] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 96 : "La medicina, per le spesse mutazioni de' sistemi di fisica, era decaduta nello scetticismo, ed i medici avevano incominciato a stare sull'acatalepsia o sia incomprendevolità del vero circa la natura dei morbi, e sospendersi sull'epoca o sia sostentazion dell'assenso a darne i giudizi e adoperarvi efficaci rimedi;(...) Gl'interpetri antichi della ragion civile erano caduti dall'alta loro riputazione nell'accademia, e salitivi gli eruditi moderni con molto danno del fòro; perché quanto questi sono necessari per la critica delle leggi romane, altrettanto quelli bisognano per la topica legale nelle cause di dubbia equità. Il dottissimo signor don Carlo Buragna aveva riportata la maniera lodevole del poetare; ma l'aveva ristretta in troppe angustie dentro l'imitazione di Giovanni della Casa, non derivando nulla o di delicato o di robusto da' fonti greci o latini o da' limpidi ruscelli delle rime del Petrarca o da' gran torrenti delle canzoni di Dante. L'eruditissimo signor Lionardo da Capova aveva rimessa la buona favella toscana in prosa, vestita tutta di grazia e di leggiadria; ma con queste virtù non udivasi orazione o animata dalla sapienza greca nel maneggiare i costumi (...) in commuover gli affetti".

[39] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, pp. 100 - 101.

Arnauld, conhecida como a *Logique de Port-Royal*, pois tal orientação contém severos juízos, próprios de matérias superiores, ainda não apropriadas para serem ministradas à juventude. O problema consistiria na observância de que os jovens eram levados prematuramente a aprenderem a crítica, para bem julgar, bem decidir, quando deveriam antes, seguindo a ordem natural das coisas, aprender, para depois julgar e por fim usar a razão. Em tal situação de engano tem-se como resultado uma juventude árida e seca ao se expressar, nunca tendo a capacidade de julgar nada por completo [40].

Para Vico, a idade do engenho é própria da juventude e a tópica possibilitaria realmente uma boa educação, bem como um bom desenvolvimento das faculdades mais proeminentes na juventude [41]. Essa retomada da questão pedagógica, em sua *Autobiografia*, diz-nos da necessidade do homem de ter uma boa formação, possibilitando a convivência civil: o tema pertence à obra *De nostri temporis studiorum ratione*, e é argumento relevante do próximo item.

1.3 O *De Ratione*: "tópica" e "crítica"

Fins do século XVII, com o advento das ciências naturais, o método de estudos proposto por Descartes, deixava de lado os saberes não justificados com base nas matemáticas e submetidos apenas à quantidade, à medida e à contagem. Se, por um lado, Vico reconhece a relevância do avanço das ciências de sua época, por outro, questiona a negação das contribuições dos antigos, em razão da presunção, de uma nova ciência, de resolver todos os problemas que se lhes fosse apresentados. Para Vico não se tratava da negação do alcance das ciências naturais. O problema estaria na presunção dos físicos cartesianos de que o método geométrico proposto conseguisse abarcar todo o conhecimento. Foi em um ambiente cultural europeu, Nápoles em particular, sob o predomínio das idéias cartesianas, que Vico contrapôs às pretensões de verdade do método de estudos de seu tempo [42].

---

[40] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p. 88.
[41] Ibidem, pp. 88 - 89.
[42] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 147.

Em sua oração inaugural [43] *De nostri tempori studiorum ratione*, de 1708, Vico apresenta a proposta de uma crítica à racionalidade moderna. Já no início de seu discurso, pode-se identificar o argumento viquiano da existência de certa proporcionalidade entre benefícios e danos, comparando o seu tempo com o dos antigos. Não se tratando, deixa claro o autor, de uma comparação entre as ciências modernas e o conhecimento dos antigos, e sim nas vantagens e desvantagens dos estudos modernos e antigos [44]. Vico observa e reconhece muitas coisas ignoradas pelos antigos, e que agora conhecidas em seu tempo, constituiriam vantagens, mas alerta sobre a rejeição da tradição em razão das conquistas e avanços científicos sobre a pretensão de se abarcar e conhecer a totalidade [45].

Com a compreensão das vantagens e desvantagens, Vico questiona ainda em que sentido os antigos e os modernos são incompletos. Tal postulação se apresenta na passagem em que ele questiona se:

> É mais justo e melhor a nossa ordem de estudos ou aquela dos antigos? Discutindo esse argumento, teremos exemplos das vantagens e desvantagens de um e de outro e veremos quais as nossas vantagens, podem-se e de que modo: e quais não se podem evitar, mas, e tão necessário enfrentá-lo, compensando as desvantagens dos antigos. O argumento é novo, se não me engano, mas tão necessária para enfrentar sejam surpreendentes ou novos (tradução nossa) [46].

Embora Vico reconhecesse a importância dos avanços científicos, "... o fim de todos os estudos, só um é considerado agora, cultivada e celebrada por todos: a verdade. E se você considerar a facilidade, utilidade e valor de todas estas coisas, a nossa ordem de estudos, sem dúvida, parece mais justo e melhor do que o antigo" (tradução nossa) [47], Vico observa que

---

[43] A prática de discursos acadêmicos quer em princípios de um ano escolar, de um curso de lições, ou mesmo um doutoramento, era comum em tais meios, as mesmas expressavam e seguiam apenas os costumes já existentes, desde a Itália medieval. Não se tratando, pois, de inventar este ou aquele procedimento discursivo, e sim apenas a aplicação de seus critérios de estilo e elegância, corrigindo e complementando as necessidades tanto praticas quanto artísticas da sua sociedade. Seus discursos nos forneciam "notícias sobre a vida pessoal e intelectual do seu tempo". Cf. KRISTELLER, Paul. Tradição clássica e pensamento do renascimento. Lisboa, Edições 70, 1995, p. 111.

[44] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 136.

[45] Ibidem.

[46] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 136: "È più giusto e migliore l'ordine nostro degli studi o quello degli antichi? Discutendo questo argomento, porteremo esempi dei vantaggi e degli svantaggi dell'uno e dell'altro e vedremo qualli vantaggi nostri si possono evitare e in qual modo; e quali non si possono evitare ma bilanciano gli svantaggi degli antichi. L'argomento e nuovo, se non mi inganno, ma e cosi necessario affrontarlo che è sorprendente sia nuovo".

[47] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 137: "Fra i nuovi sussidi enumero le arti che si occupano di molti argomenti che anticamente erano affidati alla prudenza, l'abbondanza di ottimi esemplari, i

uma forma de conhecimento com base no método geométrico, não abarcaria a vida ético-social, o bem comum, a manutenção do homem na vida civil. Ele nos alerta contra o afastamento, dos estudos de sua época, coisas relativas ao verossímil e presentes no senso comum:

> ...os estudos têm início hoje, em primeiro lugar, com a crítica: a qual, para purgar a sua verdade primeira não apenas do falso, mas de qualquer suspeita de falso, exigem que sejam eliminadas da mente também. E isso é uma desvantagem: porque é preciso reforçar, em primeiro lugar, nos adolescentes o senso comum para que os mesmos o levem em conta na vida prática, para que na maturidade, sejam evitadas atitudes estranhas e arrogantes (tradução nossa) [48].

O autor questionou a certeza dos críticos de abarcar a realidade sem considerar as especificidades. A crítica era o que orientava a educação de seu tempo, os métodos de estudos eram baseados em uma razão matemática. Para Vico, seria um erro, pois uma forma de se encontrar uma verdade livre de qualquer vestígio de falsidade antecederia à tópica: algo contrário à natureza, pela não observância do conhecimento fornecido por meio da sensibilidade [49]. Para que se tivesse êxito, em se tratando da construção de conhecimento válido e certo, Vico sugere o resgate do exercício da tópica oratória, ou seja, o exame de toda e qualquer situação aplicando todos os tratamentos até que se tenha uma completude. Com isso seriam relevantes os argumentos, a fim de que o orador satisfaça o ouvinte. Aqui se tem um dos aspectos do procedimento proposto por Vico no *De ratione*.

Conforme Vico, pode-se compreender a tópica como um método de pesquisa (*inventio*), que por sua vez não exclui os outros métodos, mas o completa. Já com a crítica ter se ia o juízo e a ordenação. Ele observa que para se obter um conhecimento mais próximo da realidade caberia à crítica o juízo e a ordenação e a tópica uma percepção do todo**.** Ademais, não se pode limitar o saber apenas a dois de seus aspectos, pois julgar e ordenar seriam

---

caratteri a stampa e l'istituzione delle università degli studi. Ma come fine di tutti gli studi, uno solo viene oggi considerato, coltivato e celebrato da tutti: la verità. E se considerate la facilità, l'utilità e il valore di tutte queste cose, il nostro ordine di studi vi apparirà senza dubbio più giusto e migliore di quello antico".

[48] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 140: "...gli studi cominciano oggi, innanzitutto, dalla critica: la quale, per purgare la sua prima verità non solo dal falso ma da ogni sospetto di falso, esige che siano eliminate dalla mente anche verità seconde e tutte le cose verosimili. E, questo, uno svantaggio: giacché bisogna rafforzare, per prima cosa, negli adolescenti il senso comune affinché non prorompano nella "vita" pratica, all'età matura, in atteggiamenti strani e arroganti".

[49] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 141.

insuficientes em se tratando de um conhecimento que se propusesse abranger, ao menos em boa parte, a realidade. Não se podia assim deixar de lado faculdades sensíveis, como a percepção, imprescindível para o ser humano, pois a mesma, entre outras mais, possibilita o descobrimento e a invenção. Daí o autor sustentar:

> Hoje é comemorada apenas a crítica; a tópica não apenas é anteposta, mas é bastante negligenciada. E por isso se tem uma desvantagem: uma vez que, como a invenção dos argumentos precede por natureza, o juízo sobre a verdade, assim deva ser a doutrina preliminar (tradução nossa) [50].

Se a fantasia e a memória são mais vigorosas nos jovens, a crítica impediria o desenvolvimento de tais faculdades, tão necessárias a artes como a pintura, a poesia, a oratória e a jurisprudência [51]. Conforme Vico, a crítica seria insuficiente em se tratando de um conhecimento das coisas humanas. A proposta de um conhecimento integral, apresentada pelos modernos, foi questionada pelo filósofo napolitano: "Mas como podem estar certos de terem visto o todo?" (tradução nossa) [52]. A proposta viquiana, para que se fosse corrigido o erro, seria a de ensinar todas as artes e ciências aos adolescentes, mas incluindo o senso comum, cultivando a prudência e a eloqüência, bem como a fantasia e a memória. A seguir, poderiam aprender a crítica, pois já estariam prontos para o julgamento sobre a totalidade, uma vez que já conheciam a tópica, já haviam exercitado os argumentos. Por conseguinte, a tópica antecederia a crítica [53].

Ademais, Vico nos apresenta que no caso da lógica formal da tradição, aplicada na lógica de Arnaud, tem-se um método de ensino utilizado sem a observação do verossímil, das opiniões. Sobre tal aspecto o autor escreve:

> E esse modo de estudar, mesmo em Arnauld, que nega com palavras, o confirmo e o professo no fato: porque traz de novo na sua lógica exemplos obscuros de todo o gênero de disciplina: exemplos que de nenhum modo podem ser compreendidos pelo ouvinte, se antes não

---

[50] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 141*:* " Oggi viene celebrata solamente la critíca; la topica non solo non è anteposta, ma è Del tutto trascurata. E cosi si ha un nuovo svantaggio: giacché, come l' invenzione degli argomenti precede, per natura, il giudizio sulla loro verità, cosi la tópica deve essere la dottrina preliminare".

[51] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 141.

[52] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 141: " Ma come possono esser certi di averle viste tutte?".

[53] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, pp. 144 - 145.

> tiver aprendido as ciências de onde provêem mediante a eloqüência e os grandes esforços dos preceptores. Por isso, se a lógica for aprendida por último, será evitado as desvantagens que acabamos de recordar, também isto: o que acontece com Arnauld que, resultam fornecer exemplos úteis, não é compreendido, o acontece aos aristotélicos, em que os exemplos por serem compreendidos, resultam completamente inúteis (tradução nossa) [54].

No tocante à poesia, uma arte que tem como faculdades o engenho e a fantasia, tem-se alguns elementos sobre a defesa e, por conseguinte, a importância em se considerar os resultados da arte poética. A arte da poesia é um dom de Deus, sendo por instinto reservado ao homem, é de grande importância o seu cultivo. Embora Vico, naquele momento, não quisesse o aprofundamento de tal tema, sugere ao menos que se investiguem as criações dos poetas para se ter uma maior ênfase nos estudos literários. Mesmo assim, sobre a observação de que os estudos de seu tempo são contrários até o ponto de negarem o valor do "pensar poético" [55], o autor é incisivo na defesa de tal argumento.

A idéia de se conhecer a realidade com base apenas na razão comprometeria outras faculdades. Sob esse aspecto, Vico nos diz que o poeta, descrevendo os costumes dos homens, com seus vícios e as mais variadas paixões, seria mais fidedigno ao que se poderia chamar de uma descrição da realidade. Sim, tem-se uma descrição carregada de imaginação e fantasia, mas não podemos esquecer que tais faculdades são anteriores ao modelo de pensar racional, logo, em tais manifestações criativas do homem, já estão presentes as primeiras tentativas do homem de descrever a realidade [56]. Se, por um lado, o poeta ensina com o deleite, por outro, o filósofo ensina com a austeridade: Nos dois casos estão presentes os costumes, os deveres e obrigações, bem como as virtudes e os vícios de uma determinada comunidade, inclusa no tempo e espaço.

A passagem em que Vico apresenta a defesa da poesia nos revela certa aproximação entre o filosofo e o poeta. Vico escreve

---

[54] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, pp.144 - 145: "E questo modo di studiare, lo stesso Arnauld, che lo nega a parole, lo conferma e lo professa nel fatto: perché riporta nella sua logica esempi astrusi di ogni genere di disciplina: esempi che in nessun modo possono essere compresi dall'ascoltatore, se prima non abbia imparato le arti e le scienze da cui provengono, mediante l'eloquenza e le fatiche grandissime dei precettori. Perciò se la logica si impara da ultima, sarà evitato, dopo gli svantaggi che abbiamo ora ricordato dato, anche questo: cio che accade ad Arnauld che, per apportar utili esempi, non viene capito; cio che accade agli aristotelici, i cui esempi, per esser capiti, riescono completam'ente inutili".
[55] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 158.
[56] Ibidem, pp. 158 - 159.

> De fato, eu não concordo com a opinião de que os poetas se deleitam principalmente com o falso, ousarei, ao contrário, afirmar que eles, como filósofos, procuram como dever, pôr a verdade deles. Já que o poeta ensina divertindo, e o filósofo ensina com austeridade: um e outro ensinam os deveres e, um e outro descrevem os costumes dos homens, um e outro exortam às virtudes e distanciam dos vícios; mas o filósofo, tendo que tratar com eruditos: discute tudo, isso segundo o gênero, o poeta, em vez disso, tem que tratar com o vulgo, persuade mediante os fatos e os ditos sublimes dos personagens que imagina, utilizando como de exemplos de qualquer forma inventada. Por conseguinte, os poetas se afastam das formas da realidade cotidiana, para imaginar uma espécie mais eminente da mesma, abandonar a natureza incerta e para seguir aquela constante e assim seguem o falso, para ser mais verdadeiro (tradução nossa) [57].

Vico chamou a atenção para os limites da aplicação do método geométrico à Física. Sendo mais uma vez irônico, observa que os físicos modernos se assemelham àqueles que, tendo recebido dos pais casas prontas, com todo o conforto e magnificência, não precisavam mudar nada, decorando apenas o local com pouco trabalho, como era moda na época. Acreditavam os estudiosos de seu tempo, que a Física se utilizando de um método tão eficaz, seria a própria natureza, logo sempre seria possível contemplar todo o universo natural, com tal exercício. Só teríamos a agradecer aos primeiros filósofos da natureza, ironiza o autor, contemplando a natureza no passado, nos deixando esta grande "casa economilíssima".

O autor sugere o questionamento que consiste na possibilidade de a natureza ter-se formado de maneira diferente, observando que se apenas uma das leis do movimento for falsa, toda a estrutura do conhecimento também estaria sob o risco da falsidade [58]. Na verdade, as coisas em física só são verdadeiras por força do método geométrico, sendo plausível a verdade do método, mas não explicam as manifestações da natureza. Conforme Vico os seus contemporâneos ainda se portam como os antigos filósofos naturais, contemplativos, conduzindo seus estudos no intuito de agradarem aos deuses [59].

---

[57] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 159: " Non sono d'accordo infatti sull opinione che i poeti si dilettano principalmente del falso: oserei anzi affermare che essi, come i filosofi, cercano per compito loro la verità. Giacché il poeta insegna dilettando ciò che il filosofo insegna austeramente: l'uno e l'altro insegnano i doveri, l'uno e l'altro descrivono i costumi degli uomini, l'uno e l'altro esortano alle virtù e distolgono daí vizi; ma il filosofo, avendo da fare con gli eruditi; discute di tutto ciò secondo il genere, il poeta invece, avendo a che fare col volgo, persuade mediante i fatti e i detti sublimi dei personaggi che immagina, servendosi di essi come di esempi in qualche modo inventati. Pertanto i poeti si allontano dalle forme quotidiane del vero, per immaginare una specie più eccellente di esso, abbandonano la natura incerta per seguire quella costante e così seguono il falso per essere di più nel vero".

[58] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 145.

[59] Ibidem, p. 146.

O alerta viquiano diz respeito aos limites das ciências em ascensão naquela época, com uma argumentação pertinente apresenta os limites do método geométrico, em particular, dos cartesianos. O autor demonstra com veemência que os critérios de verdade, com a aplicação de tal método, obtêm resultados prováveis apenas no que diz respeito aos fenômenos naturais. O que se consegue é apenas explicar o fenômeno, pois não poderíamos conhecer o que não fora feito por nós. O autor, lembrando a teologia cristã, adverte que a natureza é obra de Deus, e só ele, por ser o criador da natureza, é quem pode ser capaz de conhecê-la [60].

1.4 Retórica e cultura da vida civil na reflexão de Vico

Ao longo de sua trajetória filosófica, Vico nos apresenta, em suas obras, elementos retóricos para se compreender a situação da cultura e do saber de seu tempo: as mudanças culturais ocorridas em razão dos rumos tomados por seus contemporâneos. Atento ao discurso dos modernos, o autor percebeu que os mesmos faziam uso da Retórica, mas tal uso estava sujeito à dialética, à gramática, utilizando-as na maioria das vezes, como instrumento de habilidade nas disputas. Isso é indicado quando ele comenta sobre a prudência civil, afirmando que os oradores agem como cortesãos, e não como filósofos. Seus discursos, em conteúdo, têm apenas uma aparência de verdade, os mesmos fingem serem virtuosos quando deveriam procurar a verdade comum a todos, para assim obterem com honestidade a aprovação de todos [61].

Tem-se com isso um isolamento do contexto civil. Como conseqüência, ocorre a perda da vitalidade educativa, afetando o homem em seus aspectos civis. Ter vida implica estar vinculado aos afazeres humanos, ou seja, o homem em seus aspectos sociais, na vida prática, sem a observância de tais premissas, estaria impossibilitado até mesmo de convivência. A perda do vínculo com a ciência política e formativa é o que se tem, decorrente de uma razão autônoma, descontextualizando as partes, perdendo com isso seu vínculo com a questão da vida prática.

---

[60] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 146.
[61] Ibidem, pp.154 - 155.

Vico recorre à retórica clássica, pois a mesma tem como principal orientação o fazer público, em que as questões diziam respeito também aos afazeres humanos, a experiência civil, a realidade. O autor propõe o resgate do exercício retórico em que, entre outras coisas, se vê a importância do persuadir, com prudência, pois a presença da mesma possibilita a comunicação. Trata-se aqui de resgatar uma retórica pensada na sua instância prática, dando destaque ao contexto da vida civil e política dos homens, não havendo lugar para o discurso abstrato e seu formalismo, pois o mesmo é incompatível com a idéia de civil.

O motivo do seu questionamento sobre o orador, fazendo uso da prudência em seu discurso decorre da observação de que a Retórica de que se fazia uso, por seus contemporâneos, se reduziria apenas a instrumento de persuasão, ou para o divertimento dos ouvintes, como um ornamento do discurso, mas sem nenhum compromisso com a vida civil. Vico, identificando tal deficiência, lembra que a eloqüência é um instrumento do discurso, para que se persuada o ouvinte e os deixem em um estado de ânimo consciente. O discurso não se limita apenas a persuadir, deve-se ter também cumplicidade com os anseios dos ouvintes. Os mesmos, sem o menor decoro, fazem, porém, uso da eloqüência na medida em que não sejam contrariados seus interesses particulares [62], quando deveriam observar que é certo que um especialista precisa ser conhecedor do tema ao qual irá julgar e discutir, para então ser persuasivo em qualquer situação de conflito. Isso não é possível apenas com o método geométrico [63].

O autor lembra Cícero, em um julgamento, discursando sobre a importância de certificar a verdade com o verossímil, e não apenas com os instrumentos da razão. O orador é de grande importância, não apenas fazendo uso de um discurso eloqüente, usado apenas para persuadir o ouvinte. Para Vico, o discurso eloqüente vai mais além, vai buscar elementos reais na verdade dos fatos, no verossímil, o que por sua vez fora desprezado por seus contemporâneos como um pensamento inseguro [64]. O bom orador, para que seja produtivo e útil, deve conduzir o discurso, sendo capaz de acalmar os ânimos e de prender a atenção do ouvinte, com deleite, com uma boa pedagogia, comovendo a todos, estes são os requisitos, para que seja completo na arte de persuadir [65].

---

[62] Cf.VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, pp. 154 - 155.
[63] Ibidem, p. 155.
[64] Ibidem, p. 142.
[65] Ibidem, pp. 155 - 156.

É papel de o orador levar em conta os acontecimentos, os exemplos que se lhes apresentam. Tais situações se encontram na ordem do verossímil: na historiografia; nas transmissões orais; nas experiências diretas dos indivíduos; na imaginação dos poetas. Em tais circunstâncias, os exemplos estão presentes ao longo da trajetória do homem em sociedade, não para que se compare esta ou aquela situação em determinado grupo, mas para que se compreenda e se tenha uma visão histórica do homem e suas ações, rumo a sua humanidade. De acordo com Vico, os discursos são apresentados levando-se em conta o ouvinte, considerado na sua expressão vital: discurso em que se recorreria às letras, não apenas como ornamento, mas para que não se corresse o risco da dúvida do público e ou das autoridades presentes, com todo um interesse de caráter ético-político, vinculado a questões da vida civil.

Tal discurso não seria possível com o método de Descartes, pois a sua matemática racional só teria aplicabilidade no mundo da natureza e não no mundo dos homens. Os temas humanos dizem respeito a escolhas feitas, e são dominados pela ocasião. Com isso têm-se as respostas aos mais diversos problemas surgidos na comunidade política. Essas decisões, porém, não seriam acertadas sem a compreensão de que os temas humanos estariam vinculados a faculdades fundamentais do homem, como a fantasia e o engenho, o verossímil que estaria entre o falso e o verdadeiro das ciências, em que na maioria das vezes contém uma certeza, por ser uma construção humana [66].

Os sábios fazem uso da vontade para cumprirem os seus deveres, isso é comprovado pelo fato de seus conhecimentos estarem em conformidade com a razão. Isso difere do homem comum, pelo fato do mesmo ser inclinado às paixões, que na maioria das vezes os direcionam para a indolência e outros vícios, que influenciam negativamente nas relações de convivência civil. Para que seja encaminhado à virtude, e persuadido a cumprir a lei, o sábio, ao atuar como orador, tem como função convencer o vulgo da importância do agir virtuosamente. Para tanto é preciso que esse homem, com o compromisso político, deva fazer uso de “imagens corpóreas” para que o ouvinte não apenas ouça, mas acredite também na importância do que foi dito [67].

Ademais, Vico sustenta estar esta certeza, no âmbito da vida civil, sufocada pelos críticos modernos, em virtude dos mesmos privarem os adolescentes dos temas da vida prática, promovendo o interesse pelas ciências sem o cuidado de observar a importância da

[66] Cf. VICO, Giambattista. *L’ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 140.
[67] Ibidem, pp. 155 - 156.

fantasia e da memória, não promovendo o exercício de tais faculdades. A esse respeito concorda Vico que

> Como, de fato, a ciência nasce das verdades e o erro das falsidades, assim o senso comum nasce da verossimilhança. As coisas verossimilhantes estão quase no meio entre as verdadeiras e as falsas: na maioria das vezes são verdadeiras, raramente são falsas. Por isso, dever-se-ia desenvolver nos adolescentes sobretudo o senso comum, há de se temer que seja sufocado pela crítica moderna. Além disso, o senso comum é a regra de toda prudência, porém, por antecedência, da eloqüência: já que os oradores com freqüência esforçam-se muito por uma causa verdadeira, que não tem nada verossímil, que por uma causa falsa, que consiste em processo credível. Há, portanto o perigo que a crítica torne os jovens não aptos à eloqüência. Enfim, os nossos críticos colocam, porém por antecedência, a verdade, primeiro deles, fora e acima de todas as imagens de corpos (tradução nossa) [68].

A constatação de Vico é a de que a racionalidade moderna tomou um caminho auto-suficiente, ilusório, perdendo o vínculo com a vida prática, em que se atua no sentido de se preservar a humanidade. Pode-se perceber uma orientação retórico-pedagógica nas preocupações de Vico, mas orientada para o *ethos*. Apresenta-se na sua época uma racionalização na distribuição das disciplinas, articulando-as no sentido de elevar a mente a uma universalidade: um abandono da doutrina política. O objeto de estudos observado é a verdade, consistindo na investigação da natureza das coisas: algo insuficiente quando se trata do conhecimento da natureza humana. Tal orientação trazia prejuízos à educação dos jovens, por não ser observada a exigência do uso da prudência nos temas de conduta na vida civil.

Vico reenvia à Retórica renascentista, com uma aproximação de Aristóteles, no que diz respeito à sabedoria prática, mas com uma fundamentação em Platão e nos filósofos políticos. O autor comenta a definição de lei dada pelos romanos com o sentido grego dado à *sagezza*, como o 'conhecimento das coisas divinas e humanas', que por sua vez construída pela justiça civil e pela prudência. Ele concorda que os romanos aprenderam a doutrina do

[68] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 140: "Come infatti la scienza nasce dalle verità e l' errore dalle falsità cosi il senso comune nasce dalla verisimiglianza. Le cose verassimili stanno quasi in mezzo tra le vere e le false: il più delle volte sono vere, raramente sono false. Perciò, dovendosi negli adolescenti sviluppare soprattutto il senso comune, c'è da temere che sia soffocato in essi dalla moderna critica. Inoltre il senso come è la regola di ogni prudenza, cosi lo è dell eloquenza: giacché spesso gli oratori faticano di piu per una causa vera, che non ha niente di verosimile, che per una causa falsa che consiste in un procedimento credibile. C'e quindi il pericolo che la critica renda i giovani inadatti all' eloquenza. Infine i nostri critici collocano la loro prima verità antecedentemente,fuori e sopra di tutte le immagini dei corpi".

direito e do Estado e da justiça, o que seria na verdade a política uma verdadeira filosofia não simulada. Daí escrever:

> Por isso, os romanos utilizaram para a jurisprudência a mesma definição que os gregos davam da sabedoria como 'conhecimento das coisas divinas e humanas'. Como tal sabedoria é construída inteiramente pela justiça e prudência civil, os romanos, muito melhor que os gregos, aprendiam a doutrina do Estado e da justiça, não discutindo sobre elas, mas na própria prática política. Sustentando assim uma 'verdadeira filosofia, não simulada' (...) se fortaleciam antes nessas virtudes escrupulosamente, as funções públicas e as sedes militares; depois, com a idade, senhores da virtude, dirigiam o ânimo a jurisprudência como a mais nobre vida (tradução nossa) [69].

O erro estaria tanto em aceitar o falso, como não aceitar o provável. Vico propõe uma correção dos defeitos e falhas dos métodos de estudo, defendendo o ensino de todas as artes e ciências com o reforço do bom senso, da prudência e eloqüência, com o uso da memória e da imaginação, pois as mesmas reforçariam a mente. Com isso resultariam bons juízes, com um real conhecimento da realidade, em condições de discutirem argumentos opostos, para assim averiguarem a validade dos mais variados temas apresentados na esfera do saber. A intenção do autor era a de se evitar, tanto o risco da discussão de coisas por aqueles que ainda estão aprendendo, quanto corrigir àqueles que acreditam verdadeiramente que só aquilo que é ensinado por um teólogo, pretende a verdade [70].

Com uma crítica tópico-filosófica e retórica, Vico anuncia os limites da mente humana. Em vez dos critérios de certeza, seria posto o critério da prudência - um saber prático. Resgatando com isso o papel do senso comum, que por sua vez não estaria separado da vida prática. Não se trata do interesse de diminuir a importância do empreendimento de Descartes, mas a realidade se revela também nas semelhanças e não apenas nas verdades dadas.

---

[69] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* pp. 164 - 165: Perciò i romani usavano per la giurisprudenza la stessa definizione che i greci davano della saggezza come 'conoscenza dele cose divine ed umane'. Poiché tale saggezza e costituita interamente dalla giustizia e dalla prudenza civile, i romani, molto meglio dei greci, apprendevano la dottrina dello stato e della giustizia, non discutendo su di essa, ma nella stessa pratica politica. Sostenendo così « una filosofia vera, non simulata » (giacché allora queste parole del giureconsulto potevano esessere dette con piu verità) si rafforzavano in queste virtù prima esercitando scrupolosamente i pubblici uffici e i comandi militari; poi, divenuti anziani e per l'età padroni delIe virtù, volgevano l'animo alIa giurisprudenza come aI piu nobile approdo della vita".

[70] Cf. VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 144.

1.5 A defesa viquiana da "filosofia moral"

A proposta da "crítica moderna", ou seja, o procedimento cartesiano- como Vico reconhece no *De ratione*- afirma a verdade primeira com base na orientação da matemática, Vico observa que, no advento da física experimental, não estaria presente nada que remetesse para uma filosofia do homem. Por isso, em sua *Autobiografia*, ao reenviar às *Paixões da alma* de Descartes, Vico sustenta que tal tratado serve mais à medicina, que a moral, tampouco sua metafísica teria uma lógica própria, como aquela construída por Arnaud com base em Aristóteles. Autores como Malebranche e Pascal também não foram capazes de construir um sistema de moral. Para Vico não se pode aplicar a anatomia ao homem pensado por Descartes, pois não se encontra na natureza [71].

A proposta de Vico consistia em resgatar algumas disciplinas da cultura clássica, como a eloqüência, a poesia, e outras que poderiam contribuir para a construção de um novo saber. O êxito, não seria possível com o abandono e desprezo do senso comum, pois nele se encontraria material fundamental para a construção de um conhecimento realmente válido. O exagero da ordem de estudos de seu tempo teria sido a ênfase e dedicação exclusiva às disciplinas naturais. Daí Vico escrever:

> ...o defeito mais grave da nossa ordem de estudos é que, enquanto nos dedicamos com máximo zelo às disciplinas naturais, não fazemos o mesmo com a ciência moral, e, em especial, a parte que trata da alma humana, e das paixões que promovem a vida civil e a eloqüência, das características que promovem a vida cívica próprias das virtudes e dos vícios, das artes boas e más, das características dos costumes segundo a idade, o sexo, a sorte, da estirpe, do Estado da corrida, o estado ao qual cada um pertence... (tradução nossa) [72].

A proposta seria o resgate da ciência moral, para que se compreendessem as ações humanas em seus elementos constitutivos na vida civil. Pensar um saber capaz de reconhecer

---

[71] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 94.

[72] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo,* p. 152: "..il difetto più grave deI nostro ordine di studi è che, mentre ci dedichiamo col massimo zelo alle discipline naturali, non facciamo altrettanto con la scienza morale e specialmente con quella parte che tratta dell'ingegno dell'animo umano, e delIe passioni che promuovono Ia vita civil e l'eloquenza, dei caratteri che promuovono la vita civile e l'eloquenza, dei caratteri propri delle virtù e dei vizi, delle arti buone e cattive, delle caratteristiche dei costumi a seconda dell'età, dell sesso, della condizione, della fortuna, della stirpe, dello Stato cui ciascuno appartiene..."

as especificidades nas relações entre os homens, a valorização da doutrina moral em que o *Ethos* é considerado na reflexão sobre a vida civil.

> Mas esta ordem de estudo faz que os jovens na vida civil com suficiente prudência nem sabiam colorir o discurso com o apelo aos costumes e inflamá-los com as emoções. (...) porque as coisas humanas estão dominadas pela ocasião e pela escolha, as quais são muito incertas guiadas como são no mais pela simulação e dissimulação, coisas muito enganosas, - aqueles que se preocupam apenas pelo verdadeiro encontrando dificilmente os meios, mais dificilmente atingem a finalidade da vida civil (tradução nossa) [73].

O autor defende ser preciso, na educação dos jovens, um exemplo claro, em se tratando de uma educação de todos os homens que constituem os mais diversos grupos humanos, a inclusão das artes, os estudos das línguas incitariam o uso da memória, despertando a imaginação pelas lições dos poetas, historiadores e oradores, e o engenho com a geometria linear. Essas e outras artes contribuiriam para que os jovens fossem bem preparados para melhor julgar, bem como usar de sabedoria em seus discursos, com agudez e perspicácia. Vico escreve que

> ... as quatro coisas são muito necessárias para a cultura da melhor da humanidade: a primeira para a pintura, escultura, arquitetura, música, poesia e eloqüência; a segunda para a erudição das línguas e das histórias; e a terceira para as invenções; a quarta para a prudência (tradução nossa) [74].

O erro estaria tanto em aceitar o falso, como não aceitar o provável. Vico propõe a correção dos defeitos e falhas dos métodos de estudo, o ensino de todas as artes e ciências, com o reforço da prudência, da eloqüência, com o uso da memória e da imaginação, pois as mesmas reforçariam a mente.

---

[73] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p.152: "Ma questo ordine di studi fa sì che i giovani non si conducano nella vita civile con abbastanza prudenza né sappiano colorire il discorso col richiamo ai costumi e infiammarlo con le emozioni. (...) poiché le cose umane sono dominate dall occasione e dalla scelta, le quali sono incertissime, guidate come sono per lo più dalla simulazione e dalla dissimulazione, cose ingannevolissime, - coloro che si preoccupano soltanto del vero difficilmente trovano i mezzi e più difficilmente raggiungono i fine della vita civili".

[74] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 89: "...le quali quattro cose sono necessarissime per la coltura della miglior umanità: la prima per la pittura, scoltura, architettura, musica, poesia ed eloquenza; la seconda per l'erudizione delle lingue e dell'istorie; la terza per le invenzioni; la quarta per la prudenza".

> Por isso, ambos os modos de discutir são defeituosos: o dos tópicos porque aceitam, com freqüência, o falso, aquele dos críticos, porque não acolhem o verossímil. Portanto, para evitar um e outro defeito, creio ser preciso ensinar aos adolescentes todas as artes e as ciências com um juízo completo, para o qual se enriqueçam dos lugares da tópica , entretanto, se reforça com o senso comum para a prudência e a eloqüência, com a fantasia e a memória que se consolidam naquelas artes que exercitam essas faculdades da mente e, finalmente, aprendam a crítica (tradução nossa) [75]

Vico explicita seu interesse pela poesia, tendo acesso a autores antigos como: Virgílio, que lhe despertou admiração levando o mesmo aos estudos dos poetas latinos, desagradando-lhe a maneira de poetizar moderna, passa a leitura de Boccaccio, na prosa, Dante e Petrarca, no verso, e de Cícero, Virgilio e Horácio, Vico observa comparando respectivamente o primeiro a Boccaccio, o segundo a Dante e o terceiro a Petrarca, a fim de identificar as suas diferenças. Lendo a obra *Arte poética* de Horácio Vico observa ser um rico material que se aplicou à moral dos antigos gregos. Ele alertou ainda que na realidade a arte do justo era ensinada com muitos preceitos do direito natural.

Tendo também deixado de lado, tanto a metafísica de Aristóteles, como os escritos de Averróes, Vico sustenta que tais autores não haviam contribuído para seus estudos sobre a moral. A metafísica de Aristóteles diz respeito a princípios físicos da matéria e suas formas particulares. Daí se reportar a Platão com sua idéia eterna da imortalidade da alma realizada na sua *República* [76].

As obras de Cícero, de Aristóteles e de Platão têm em comum uma boa regulação do homem em sociedade, o que não acontece com a moral dos estóicos e dos epicuristas. Isso porque ambos praticam uma moral solitária: os estóicos negando as paixões e os epicuristas se entregando ao acaso [77]. Depois de se reportar à física de Aristóteles, de Epicuro, e por fim a de Descartes, Vico deixa claro que

---

[75] VICO, Giambattista. *L'ordine dgli studi del nostro tempo*, p. 164: "Perciô entrambi i modi di discutere sono difettosi: quello dei topici perché spesso accetta il falso, quello dei critici perché non accoglie anche il verosimile. Dunque, per evitare l'uno e l'altro difetto, credo che bisogna insegnare agli adolescenti tutte le arti e le scienze con un giudizio completo, per il quale si arricchiscano dei luoghi della topica e, nel frattempo, si rafforzino col senso comune per la prudenza e l'eloquenza; con la fantasia e la memoria si rinsaldino in quelle arti che esercitano queste facoltà della mente; e infine imparino la critica".
[76] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* pp. 86 - 87.
[77] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p. 87.

> ...estava disposto a se satisfazer com a física Timaica, seguida por Platão, a qual defende que o mundo é feito de números, e de ser a física estóica, que quer que o mundo seja constituído de pontos, entre as quais não há nada de diferente na substância, como em seguida se pôs a restabelecer no livro *De Sapientia antiquissima italorum*; e finalmente, não receber nem como jogo nem com seriedade as físicas mecânicas de Epicuro, bem como a de Renato, que são ambas de posição falsa (tradução nossa) [78].

O pensamento de Giambattista Vico tem como pressuposto um resgate da cultura e de elementos da tradição retórica, não apenas como ornamento e conteúdo para a vida civil, e sim como orientação para a formação do homem em sociedade. Ele nos revela a necessidade de revisão de determinada ordem de estudos, se considerada também as qualidades específicas ainda presentes nos antigos, observando os benefícios, bem como evitar nossos próprios defeitos, discutindo o que não podemos evitar. Com tal argumento, uma proposta pedagógica, no sentido de reforçar os ensinos na adolescência, com o desenvolvimento das coisas que dizem respeito ao senso comum, a fim de se obter uma formação integral útil, ao homem, como ser social.

[78] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 87: .... si ritrovò disposto a compiacersi della fisica timaica seguita da Platone, la quale vuole il mondo fatto di numeri, e ad esser rattenuto di disprezzare la fisica stoica, che vuole il mondo costar di punti, tralle quali due non è nulla di vario in sostanza, come poi si applicò a ristabilirla nel libro De antiquissima italorum sapientia; e finalmente a non ricevere né per gioco né con serietà le fisiche meccaniche di Epicuro come di Renato, che sono entrambe di falsa posizione.

CAPÍTULO 2

DA *ANTIQUISSIMA SAPIENTIA* À IDEIA DE UMA NOVA *SCIENTIA*

Na trajetória intelectual e filosófica de Giambattista Vico sempre esteve presente a problemática do saber. Já na oração *De nostri temporis studiorum ratione* (1708), conhecida como *De ratione*, Vico questiona o método cartesiano, no que diz respeito à pretensão de postular uma ciência universal, em especial, no que diz respeito ao mundo civil. No ano de 1710, a publicação do *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda* [*Sobre a sabedoria dos antigos italianos extraída das origens da língua latina*], revela a proposta de um estudo sobre as origens da língua latina, ou seja, a pretensa descoberta de uma antiga sabedoria dos italianos. As opiniões dos antigos sábios italianos, sobre questões como: a verdade primeira, Deus e o ânimo humano, questões metafísicas, que contribuiriam para explicar o desenvolvimento do saber humano. Trata-se da sua Metafísica, para assim conhecer a verdade, com base no princípio do *verum factum*, ou seja, como critério do verdadeiro o "ter feito", sendo Deus como criador, o único capaz de conhecer a natureza, cabendo ao homem apenas o que fora feito por ele. A partir de 1720, Vico alerta sobre a necessidade de um sistema filosófico de um novo sistema de Direito, em que reconhece a contribuição de Hugo Grotius, e posteriormente põe em dúvida o empreendimento grotiano. Até o *De uno*, tem-se a proposta de uma fundamentação metafísica do direito eterno, valendo-se do pressuposto o direito natural para justificar a sociabilidade humana. A proposta viquiana é buscar compreender as produções da humanidade e os primórdios da convivência humana. No ano de 1721, a publicação da obra intitulada *De constantia Iurisprudentis*, composta de duas partes: *De constantia philolosophiae* e o *De constantia philologiae*, Vico apresenta, nesta última, um capítulo intitulado *nova scientia tentatur*, que consistia na proposta do estabelecimento de uma nova ciência.

2.1 A metafísica do *De Antiquissima*

O ano de 1710 fora aquele da publicação do escrito em latim, intitulada *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda [Sobre a sabedoria dos antigos italianos extraída das origens da língua latina]*. Nessa obra Vico propôs um estudo sobre as origens da língua latina, isto é, a pretensa descoberta de uma antiga sabedoria dos italianos. A justificativa de Vico foi a de que, diante de tantas palavras doutas encontradas, as mesmas poderiam ter suas origens em uma antiga sabedoria. Alguns exemplos foram apresentados pelo autor, pois no tempo em que florescia os filósofos aristotélicos e a medicina galênica, teria comprovado a presença no vulgo, de expressões como, fuga do vazio (*fuga vacui*), aversões e amores da natureza (*naturae aversiones et studia*), quatro humores (*quatuor humores*), qualidades (*qualitates)*.

Na física moderna e na arte da medicina não seria diferente, pessoas comuns pronunciavam palavras como "'circulação' e 'coagulação do sangue' [sanguinis circulationem et coagulum], de 'fermentos úteis e nocivos'[utilia noxiaque fermenta], 'pressão do ar' [aeris pressionem], e outras do gênero" [79]. Ademais, argumenta o autor que, antes do imperador Adriano locuções como, 'ente' [*ens*], 'essência' [*essentia*], 'substância'quatro [*sustantia*], 'acidente' [*accidens*], que remetiam à Metafísica de Aristóteles, até então desconhecida, só posteriormente os doutos da época, com o reconhecimento da mesma, passam a divulgá-las e outros vocábulos eruditos [80].

A presença de locuções doutas latinas, e o fato de que desde o tempo de Pirro, os romanos se ocupavam somente da agricultura e da guerra, contribui para que o autor conjecturasse terem sido tais vocábulos recebidos de uma nação douta, e passasse a fazer uso dos mesmos, independente da compreensão do sentido deles. A antiguidade de tais origens remete desde os antigos povos etruscos e jônios, pois os mesmos seriam as mais antigas civilizações, e teria o povo grego recebido suas culturas [81]. Com os jônios, embora não fossem tão avançados nas ciências, tem-se a assertiva de que entre eles florescera a escola filosófica

---

[79] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina.*Trad. espan. NAVARRO GOMES, Francisco J. In: Cuadernos sobre Vico 11-12, Sevilla, (1999-2000). Disponível em:
http://institucional.us.es/cuadernosvico/uploads/11y12/gvico.pdf
p. 443.

[80] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 443.

[81] Ibídem.

italiana. No caso dos etruscos, povos de muita erudição contribuíram com sua teologia civil cultivada com uma teologia natural e também com sua arquitetura, pois na geometria, antecederam aos gregos.

Vico propõe, dada à importância de suas descobertas, um estudo sobre as origens dos vocábulos latinos, e assim, conseqüentemente, o resgate de uma antiga sabedoria dos italianos. Trata-se da tentativa de apresentar a sabedoria dos sábios jônios e etruscos por meio de uma análise filológica dessas palavras latinas, para tal empreendimento, Vico se inspira na obras de Platão, O *Cratilo* e de Francis Bacon, a *Sabedoria dos antigos*, bem como "Varrão na *Orígenes*, Júlio Escalígero em *De las causas de La lengua latina*, Francisco Sánchez com sua Minerva e por último Gaspar Schopp e suas notas"...[82]. Ele sustenta que tais autores teriam aprimorado seu sistema com base na filosofia que haviam sido instruídos e cultivados (a de Platão e Francis Bacon). Quanto a ele, não estaria vinculado à escola filosófica alguma, acrescentando seu estudo da cultura dos etruscos, onde se tem uma maior ênfase, bem como a dos jônios [83]. Vico escreve:

> Por esse motivo suponho que as doutas origens das palavras latinas vieram de ambos os povos; e por causa disso me encontro a desvendar a antiqüíssima sabedoria dos italianos, partindo desde as origens da própria língua latina (...) sem estar inscrito em escola filosofia alguma, vamos indagar qual tinha sido a sabedoria dos antigos desde as próprias origens das palavras (tradução nossa) [84].

O *De antiquissima* fora idealizado em três livros, a saber, o metafísico, o físico e o moral, mas apenas o livro metafísico teria sido publicado, passando a ser identificado pelo título originário da obra. Embora não se tenha uma segurança sobre os motivos do abandono do projeto original, há duas hipóteses, uma seria a falta de recursos para a publicação e a

---

[82] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 444: "Varrón en los *Orfgenes*, Julio Escalígero en *De las causas de la lengua latina*, Francisco Sánchez en su *Minerva* y Gaspar Schopp en las notas".

[83] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 444.

[84] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 444: "Por ello con certeza conjeturo que los doctos orígenes de las palabras latinas provinieron de ambos pueblos; y por esta causa me di a desvelar la antiquísima sabiduría de los italianos, partiendo desde los orígenes de la propia lengua latina (…) sin estar adscritos a escuela filosófica alguna, vamos a indagar cuál haya sido la sabiduría de los antiguos italianos desde los propios orígenes de los vocablos".

ausência de um patrocinador [85]. A investigação sobre as origens da sabedoria dos antigos consistiria em saber as opiniões dos antigos sábios italianos, sobre questões como: a "verdade primeira", "Deus" e o "ânimo humano" [86]. Ademais, seriam questões metafísicas, contribuindo assim, para explicar o desenvolvimento do saber humano [87].

Dedicando seu texto a Paolo Mattia Dória, Vico reconhece o esforço desse douto e a originalidade de sua obra, pelo fato de tratar o problema da verdade primeira vinculada às necessidades humanas. De acordo com Vico

> O que não diminui a sua sabedoria que só tu dentre todos os filósofos modernos de ter derivado a verdade primeira da utilidade humana, e de tê-la encaminhado por um lado à mecânica, e por outro à ciência política, e formas um príncipe não contaminado por todas as más artes do governo, que impregnadas [nas obras] de Cornélio Tacito e Nicolás Machiavelo: nada é mais em consonância com esta lei de Deus e nada mais desejável para a felicidade dos Estados (tradução nossa) [88].

A investigação das origens da sabedoria dos antigos, identificada por Vico com uma metafísica, remete no *De antiquissima* à questão da verdade, da alma, não separadas de uma relação entre conhecimento divino e humano, da relação do homem com Deus. Tal metafísica não é fruto de uma empresa solitária, pois decorre do diálogo com os doutos e reconhece o valor dos mesmos. Vico escreve:

> ...você e os homens mais eminentes da cidade por sua ciência, Agustin Ariano, Jacinto Cristóforo e Nicolás Galizia, me aconselharam tal empresa desde o início, a fim de parecer bem estabelecida de forma regrada e ordenada. Assim, seguindo o mesmo método utilizado nas origens do latim,

---

[85] Cf. GUIDO, H. Nota Introdutória a tradução da Sinopse do *Diritto Universale* de Giambattista Vico. Educação e Filosofia, América do Norte, 23, set. 2009. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2281/1870.
Acesso em: 17 Set. 2010, p. 303.
Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2281/1870.
Acesso em: 17 Set. 2010.

[86] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 445.

[87] Ibídem.

[88] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 445: "Y no responde a una sabiduría menor el que seas el único de entre todos los filósofos más modernos en haber derivado la verdad primera hacia la utilidad humana, y en haberla encaminado por un lado hacia la mecánica, y por otro hacia la ciencia política, y formas a un príncipe incontaminado por todas las malas artes de gobierno, de las que imbuyeron a los suyos Camelia Tácito y Nicolás Maquiavelo: nada hay más conforme que esto con la ley cristiana y nada más deseable para la felicidad de los Estados ".

> meditei sobre essas questões metafísicas que te dedico pessoalmente por estas razões: por causa dos meus trabalhos posteriores dedicarei alguns a estes três homens muito iluminados, em sinal de minha gratidão e minha mais elevada consideração (tradução nossa) [89].

2.2 O princípio do *Verum- factum*

A curiosidade humana na tentativa de investigar a "natureza das coisas", não poderia obter êxito, pelo fato de que as causas, as quais o homem procura, não seriam acessíveis. Não obstante o reconhecimento da utilidade da Aritmética e da Geometria, para que depois fosse possível a Mecânica, progenitora de todas as outras artes úteis ao homem, tais ciências, criadas pelo homem como instrumentos de investigação da natureza, seriam insuficientes em se tratando de uma investigação da verdade [90].

A ciência humana teria nascido de um defeito da mente humana, pelo fato da limitação de sua natureza, que consiste no fato da separação do homem das coisas que pretende conhecer. Em uma escala de certezas, o autor defende ser a Física menos certa que a Mecânica, a segunda contempla o movimento externo das circunferências e a Física o interno, e de uma maior certeza que a moral, pelo fato da mesma considerar os movimentos dos corpos por natureza, ao passo que a moral trata em suas pesquisas dos movimentos dos ânimos, incertos, inconstantes e profundos, provenientes em sua maior parte dos caprichos e decisões nem sempre acertadas do homem [91]. Conforme Vico:

> E, em uma palavra, para concluir, assim é convertido o verdadeiro com o bem, se o que se conhece como verdadeiro tem também o ser da mente que é conhecido; e assim, é a ciência humana imitadora da divina, porque Deus, enquanto conhece o verdadeiro, o gera desde a eternidade e o faz dentro e fora no tempo. E o critério do verdadeiro é o ter comunicado a bondade de seus pensamentos durante a criação: 'viu Deus que eram bons', e assim estipulou aos homens o que eles fizeram que conhecessem como

[89] Ibídem, p. 445: "…tú y los más eximios varones de esta ciudad por su ciencia, Agustín Ariano, Jacinto de Cristóforo y Nicolás Galizia, me aconsejasteis que acometiese tal empresa desde un principio, con objeto de que pareciese bien establecida, de forma reglada y ordenada. En consecuencia, perseverando en el mismo método de los orígenes del latín, he meditado sobre estas cuestiones metafísicas que te dedico personalmente por estas razones: pues de mis posteriores trabajos dedicaré algunos a estos tres muy preclaros hombres, en prueba de mi gratitud y de mi consideración más distinguida ".

[90] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, pp. 449 - 450.

[91] Ibídem, p. 450.

> verdades. Mas para que estas questões se situem com mais segurança, devem ser defendidas como dogmáticas e cépticas (tradução nossa) [92].

É na Metafísica em que há a possibilidade de se encontrar os princípios que possibilitem o conhecimento da verdade. Os princípios para o conhecimento das coisas, no entanto, só podem ser encontrados em Deus, que, por conseqüência, traz os elementos da natureza por ele criada. O homem é partícipe da natureza, mas atua imaginando hipóteses, imitando a natureza. Ademais, Deus, criador da natureza, é o único capaz de conhecê-la por completo. Conforme Vico sustenta:

> ...porque estão em Deus todos os elementos das coisas, exteriores e interiores pois as contem e dispõem: mas a mente humana, por ser finita e exterior a todas as demais coisas , trata de agrupar os extremos das coisas, porem nunca abarca o todo; de modo que pode pensar as coisas, mas não entendê-las; portanto a mesma participa da razão, mas não dona da razão (tradução nossa) [93].

Vico contesta a verdade primeira de Descartes, o "penso, logo existo", pois o fato de pôr em dúvida todas as coisas da vida, como a moral, e outras mais formas de conhecimento, pondo a metafísica como a única ciência que nos forneceria uma verdade indubitável, seria uma postura dogmática e céptica, que remonta aos antigos. Descartes propunha que se esquecessem tudo que se tivesse adquirido no âmbito do conhecimento, desde a infância, pois seriam pré-juízos no que diz respeito ao que fora concebido, diante do fato de que os sentidos

[92] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 450: "…Y, en una palabra, para concluir, así es convertible lo verdadero con lo bueno, si lo que se conoce como verdadero tiene también su ser de la mente por la que es conocido; y así es la ciencia humana imitadora de la divina, por la que Dios, mientras conoce lo verdadero, lo genera desde la eternidad hacia dentro y lo hace hacia fuera en el tiempo. Y el criterio de lo verdadero, tal como en Dios es haber comunicado la bondad a sus pensamientos durante la creación: «vio Dios que eran buenos», así se ha dispuesto que sea en los hombres el haber hecho las que conocemos como verdades. Mas, para que estas cuestiones se sitúen en lugar más seguro, deben ser defendidas de dogmáticos y escépticos ".

[93] Ibídem, p. 446: "...porque Dios comprende dentro de sí todos los elementos de lãs cosas, tanto exteriores como interiores, pues los contiene y dispone: mas la mente humana, por ser finita y exterior a todas las demás cosas que no son ella misma, puede tan sólo tratar de agrupar los extremos de las cosas, pero nunca los abarca todos; de modo que puede pensar en las cosas, mas no entenderlas; y es, por ello, partícipe, mas no dueña de la razón ".

nos enganam, assim como os conhecimentos adquiridos pela tradição. Da sua dúvida hiperbólica, conforme Descartes, chegar-se-ia a uma primeira verdade indubitável [94].

Vico questiona a originalidade de Descartes, e a sua certeza na idéia do "cogito". No que diz respeito à sua pretensa originalidade e, de seu "gênio maligno", que poderia enganar-nos pela vida, Vico afirma que tal recurso cartesiano vai buscar nos estóicos, em uma fábula pertencente a obra *Amphitruo* de Plauto em que Sósia, duvidando de si mesmo, apresenta uma situação idêntica à questão que Descartes expõe como original [95].

Como os cépticos, Descartes duvida, mas não põe a certeza de que pensa, e até defende sua visão com sofismas. Vico, com o mesmo argumento dos cépticos, sustenta que pensar é consciência, e não ciência, sendo tal exercício atribuído a qualquer um, a um conhecimento vulgar, e não a uma verdade rara e excepcional, que necessite de grandes esforços intelectuais e meditação de um grande filósofo, para se encontrar a verdade das coisas [96]. Para Vico, a ciência pressupõe saber as causas de onde nascem as coisas. Ademais, aquele que pensa é mente e corpo, não sendo o pensamento a causa do ser, pois, se assim fosse, seria a causa do corpo. Corpo e mente são a causa do pensamento e não se pode pensar um sem o outro. Pensar não é a causa que justifique que se seja mente, e sim um sinal[97].

Vico não concordara com o pensamento dogmático, mas evitava cair no erro dos cépticos, ou seja, o da impossibilidade do conhecer. Daí sustentar o critério do verdadeiro é o feito. A possibilidade de conhecer é atribuída somente a Deus, ele é o artífice da natureza, somente ele pode conhecê-la. Deus seria a "primeira verdade, pois compreende todas as causas, entre as que também contêm as últimas; e, uma vez que as compreender é anterior ao corpo, do qual é causa, (...), ou seja, Deus [98], quanto ao homem tem-se que "são sem duvidas aquelas cujos elementos nós mesmos representamos, estão contidos em nós e prosseguimos até o infinito mediante postulados; e, quando as compomos, fazemos as verdades que

---

[94] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 451.
[95] Cf. VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 449.
[96] Ibidem, p. 450.
[97] Ibídem.
[98] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina*, p. 453: "… primera verdad, pues comprende todas las causas, entre las que se contienen también las últimas; y, puesto que las comprende todas, es anterior al cuerpo, del que es causa, (…), esto es, Dios (…) y son, sin duda, verdades humanas aquéllas cuyos elementos nos representamos nosotros mismos, los contenemos en nuestro interior y los proseguimos hasta el infinito mediante postulados; y, cuando los componemos, hacemos las verdades que conocemos componiéndolos; y por todo ello conocemos el género o la forma en que las hacemos".

conhecemos compondo-as, e por isso, conhecemos o gênero e a forma como fazemos"[99] (tradução nossa).

Assim, tem-se com o autor que não fora observada por seus contemporâneos, em particular os cartesianos, as diferenças entre a consciência humana, os limites do conhecimento científico, e a inteligência divina. A pretensão de uma razão absoluta em abarcar a realidade, não teria sustentação. Para Vico as pretensões cartesianas, de se conhecer a verdade absoluta não passam de uma "curiosidade ímpia aqueles que buscam provar a existência do Deus ótimo máximo a *priori,* pois seria como fazer Deus de Deus, e negar ao Deus que buscam" [100]. Para Vico, Deus seria a norma para que se meçam as outras verdades e certezas. Descartes teria posto Deus sob o julgo dos decretos da Razão. No *De Antiqüíssima*.

2.3 *De constantia* e o anúncio da *nova scientia* viquiana

Desde as suas orações inaugurais, o *De ratione,* seguida do escrito *De antiquissima,* o pensamento viquiano vinha se constituindo com a presença dos sábios das academias, bem como das práticas dos sábios das republicas. Tais idéias teriam sido esboçadas desde aqueles tempos, de retórico-pedagógica no *De ratione*, e filológico-filosófica no *De antiquissima*. Estava ausente ainda um projeto filosófico que considerasse a Filologia como ciência certa. Vico sustenta:

> ...não existir ainda no mundo das letras um sistema, em que conciliasse a melhor filosofia, a platônica, subordinada à religião cristã, com uma filologia que satisfizesse a necessidade de ciência nas suas partes, que são as duas histórias, aquela das línguas, a outra das coisas; e da história das coisas se certificasse aquela das línguas, de tal conduta que tal sistema compusesse amigavelmente as máximas dos sábios das academias e as praticas dos homens sábios das republicas (tradução nossa) [101].

---

[99] VICO, Giambattista. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina,* p. 443: "son, sin duda, verdades humanas aquéllas cuyos elementos nos representamos nosotros mismos, los contenemos en nuestro interior y los proseguimos hasta el infinito mediante postulados; y, cuando los componemos, hacemos las verdades que conocemos componiéndolos; y por todo ello conocemos el género o la forma en que las hacemos".

[100] Ibídem, p. 458: "impía curiosidad quienes se afanan en probar a Dios Óptimo Máximo *a priori,* pues sería tanto como hacerse Dios de Dios, y negar al Dios que buscan".

[101] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728]. In: *La Scienza Nuova e Opere scelte di G.B. Vico, a cura di Nicola Abbagnano,* Torino: UTET, 1952, p. 115: "... non esservi ancora nel mondo delle lettere un sistema, in cui accordasse la miglior filosofia, qual è la platonica subordinata alla cristiana

As questões pertinentes a um sistema de Direito, passam a ter mais ênfase com a sua leitura de Hugo Grotius (1597-1645), ocorrida por ocasião da edição de sua biografia sobre a vida do marechal Antonio Caraffa, publicada em 1716, em que Vico toma conhecimento da obra de Grotius, *De iure belli pacis*, de 1625. Grotius passou a ser considerado como o seu quarto autor, ao lado de Platão, tendo como apóio a sabedoria recôndita vulgar de Homero; de Tácito, a sua metafísica, sua moral e política, de Bacon a crença de que nas leis universais estariam todas as condições para que se organizassem as cidades, mas o mesmo não teria levado em conta as leis no tempo, bem como as nações [102].

Para Vico, o Direito teria como fundamentos filosóficos a equidade e a sociabilidade natural do homem, bem como a presença da divina providência, sendo a ausência da terceira, o motivo do seu afastamento em relação a Grotius. Conforme Vico comenta à respeito do tratado de Grotius, que "não era conveniente a um homem de religião católica adornar de notas a obra de um autor herege" [103], discordância ocorrida com a publicação do *De constantia* e na *Scienza Nuova* de 1725. Vico, diante da ausência de um sistema que conciliasse a melhor filosofia, como a platônica, subordinada à religião cristã, percebe a insuficiência de seus autores no que diz respeito à sua idéia de uma filosofia [104].

A religião e as leis estariam presentes, como princípios, em todos os povos desde as suas formações. Daí a inadequação do sistema de Direito proposto por Grotius, pois a ausência dos princípios da religião vinculada às leis seria o principal motivo que autorizaria a Vico identifica a insuficiência de tal sistema. Embora seu empreendimento fosse mais grandioso, como alguns disseram, não seria viável, pois Pico della Mirandola já havia tentado algo bem mais simples, ao propor as *conclusiones de omni scibilis,* mas sua filosofia teria sido considerada pelos doutos como obscura e irracional, não satisfazendo os princípios de uma ciência capaz de compreender a realidade [105].

---

religione, con una filologia che portasse necessità di scienza in entrambe le sue parti, che sono le due storie, una delle lingue, l'altra delle cose; e dalla storia delle cose si accertasse quella delle lingue, di tal condotta che sì fatto sistema componesse amichevolmente e le massime de' sapienti dell'accademie e le pratiche de' sapienti delle repubbliche".

[102] LIMA, José Expedito Passos. A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico. 2006. 387 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, p. 115.

[103] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p. 115: "non conveniva ad uom cattolico di religione adornare di note opera di auttore eretico".

[104] Ibidem, p. 115.

[105] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p. 116.

Em 1720, Vico publica um ensaio sob o título de *Sinopsi del diritto universale*, onde demonstra seu sistema, bem como a possibilidade do mesmo se sustentar. Ainda naquele ano Vico publica a obra *Diritto universale*, com o título de *De uno universi iuris principio et fine uno*, em que sustentou alguns questionamentos que apontavam a insuficiência do sistema [106]. No ano seguinte, 1721, saiu o volume intitulado *De constantia iurisprudentia*, dividido em duas partes *De constantia philosophiae* e a outra a *De constantia philologiae*.

Embora Vico reconhecesse que sua obra não teria sido compreendida, a não ser por poucos doutos da sua cidade, nessa segunda parte tem-se o título "*Nova scientia tentatur*". Nela, o autor propõe que a Filologia passe a ter o estatuto de ciência, como atesta esta passagem pertencente à *Autobiografia*

> ...de onde inicia a Filologia a pôr em condições a reduzir os princípios de ciência e reconhecendo, de fato, que a promessa feita por Vico na terceira parte da dissertação não era de todo em vã, não só para a parte da Filosofia, mas (...) para aquela da filologia, ou melhor, muito mais, porque neste sistema faziam-se muitas e importantes descobertas de coisas fatalmente novas e todas distante de todas as opiniões dos doutos e produtos de todos os tempos (...), Mas testemunharam ao mundo que ela fosse muito bem compreendida pelos homens mais doutos da cidade, os quais aprovaram e a elogiaram com a serenidade e com eficácia, cujos elogios se lêem na própria obra [107].

Como já havia demonstrado na *Sinopsi*, Vico reconhece a necessidade de *se* "estabelecer um princípio no qual toda a erudição, divina e humana, venha demonstrada" [108], com o reconhecimento da Filologia como ciência e seu uso na investigação das coisas civis. Daí Vico buscar uma fundamentação, e a abordagem dada à natureza humana seria realizada com base nos discursos sobre o homem, para assim obter uma fundamentação histórica do Direito natural, já que o Direito é uma prática social. Desse modo, com uma análise filológica

---

[106] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 117.

[107] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 118 "...donde s'incomincia la filologia a ridurre a princìpi di scienza, e ritruovando infatti che la promessa fatta dal Vico nella terza parte della dissertazione non era punto vana non solo per la parte della filosofia, ma, (...), né meno per quella della filologia, anzi di più che sopra tal sistema vi si facevano molte ed importanti scoverte di cose tutte nuove e tutte lontane dall'oppinione di tutti i dotti di tutti i tempi, (...). Ma attestarono al mondo che ella s'intendesse benissimo uomini dottissimi della città, i quali l'approvarono pubblicamente e la lodarono con gravità e con efficacia, i cui elogi si leggono nell'opera medesima".

[108] Cf. Vico, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*. Trad. br. GUIDO, H. Educação e Filosofia, América do Norte, 23, ago. 2009. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2171/1790. Acesso em: 17 Set. 2010.

das provas históricas, ter-se-ia a descoberta dos fundamentos do Direito natural das gentes. Trata-se de princípios que possibilitariam uma compreensão do como se estabeleceram as leis, observando a premissa de que as mesmas em seus fundamentos remontam aos costumes humanos: ao mundo da cultura.

Quanto ao estatuto científico para a Filologia, torna-se possível em virtude da mesma ser um instrumento de investigação histórica do passado, pois a história das palavras e das coisas forneceriam princípios seguros a um sistema da civilização. Vico anuncia sua proposta de um sistema de Direito universal, e refuta muitas das idéias jus naturalistas em voga. Nesse sentido ele escreve:

> Os céticos, Epicuro, Maquiavel, Hobbes, Espinosa, Bayle e outros disseram que o homem é sociável pela utilidade, a qual, com a necessidade ou com o temor o conduziu, porque não perceberam que são outras as causas e as ocasiões das coisas; as utilidades mudam, mas a igualdade é eterna; e, não podendo o temporal ser a causa do eterno, nem o corpo produzir o abstrato, a utilidade é a ocasião que desperta na mente do homem a idéia de igualdade, que é a causa do justo [109].

No *De constantia*, Vico propõe uma nova concepção para a poesia, a mesma não seria concebida apenas como arte ou como um determinado gênero artístico. Ainda na *Sinopsi del diritto universale*, Vico afirma ser a poesia inerente à natureza humana, os homens são poetas por natureza, a poesia os orienta e é possibilidade da existência. Não se tratando de negar a época dos heróis, Vico alerta para o fato da ausência ainda de princípios para toda a história profana, "porque são ignorados os verdadeiros princípios da poesia, que se prova ser a primeira história das gentes, logo ela deve ser também o primeiro lume do direito das gentes (...) os primeiros poetas foram teólogos e com a sua teologia fundaram as republicas" [110].

A proposta viquiana consiste em buscar compreender as produções da humanidade e os primórdios da convivência humana. O homem é constituído de vontade e intelecto que, por sua vez, constituem o *direito natural imutável.* As ações humanas se submetem à vontade, para que assim se tenha o certo das leis, sendo, pois, a autoridade do arbítrio humano, em determinada ordem social, que fornecerá à ciência jurídica os elementos para que se elaborem as leis.

---

[109] Cf. VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, p. 313.
[110] Ibidem, p. 315.

Vico apresenta a origem e o progresso da autoridade por estágios: em sua primeira forma tem-se o homem submetido à sua própria natureza, "(...) cujas propriedades são: conhecimento, vontade, poder, e certamente, a posse do ânimo e do corpo, porque ela consta de ambos'; graças à ela o homem é senhor de toda natureza mortal" [111]. Desta primeira natureza se origina a autoridade da razão. Vico apresenta outra origem para o Direito, como nos indica a passagem em que nos fala sobre o nascimento dos direitos das gentes, e sua coerência com as formas de autoridades, corrigindo assim as hipóteses até então concebidas sobre o nascimento das repúblicas.

> O primeiro é o direito da violência privada no estado sem lei, e dele, alem das famílias, nasceu um outro esboço das repúblicas, o que é demonstrado com as clientelas, as quais, se vêem, na história antiga, (...) destas nasceram as repúblicas dos ótimos sob o nome de 'reinos' na Itália e na Grécia e de 'principados' nas demais; (...) Por tal situação não percebida, se acreditou de boa fé que as primeiras repúblicas fossem reinos absolutos; onde se elegiam os reis pela sua robustez e dignidade de aspecto; e que, naquela rude e desenfreada liberdade, como se fosse a ciência do bom gosto, todos de acordo escolhiam o mais robusto e mais belo [112].

2.4 Metafísica e vida civil

Vico expõe os obstáculos que impossibilitam fundamentar os princípios da jurisprudência. Tais impedimentos justificam a insuficiência de se pretender os princípios do direito natural valendo-se dos jurisconsultos e dos "dogmas de algumas seitas de filósofos" [113]. Daí sustentar a ausência de um principio único da jurisprudência, pois o principio tido como válido e coerente estaria sujeito a princípios de natureza diversa: razão e autoridade não estavam em acordo. Por um lado, faltava aos filósofos, o questionamento sobre as razões da sua autoridade, por outro, os filólogos ao fazerem uso dos dogmas dos filósofos, faziam

[111] Cf. VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, p. 314.
[112] VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, p. 314.
[113] VICO, Giambattista . *Opere Giuridiche.* apud LIMA, José Expedito Passos. A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico. 2006. 387 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. p. 231: "dogmi di una qualche setta di filosofi", p. 232.

levando em conta em suas investigações, observando e considerando apenas sob ponto de vista histórico [114].

Diante desta situação, Vico destaca Grotius, pois o mesmo havia se dedicado ao direito natural e proposto um sistema do Direito, fundamentado na união de vontades particulares de onde derivaria o direito natural. Ademais, o sistema grotiano não se limita ao direito civil romano. O "certo", que provêm da autoridade, deve estar submetido ao verdadeiro, sendo inconcebível, pois, uma situação adversa em que se tem a lei em oposição à razão [115]. Vico reconhece que o estudo de Grotius constitui uma reunião de saberes, entre eles o estudo das línguas eruditas para a compreensão do Direito.

Posteriormente, Vico põe em dúvida o empreendimento grotiano, seu sistema ainda não ofereceria um fundamento rigoroso, que possibilitasse a crítica do Direito e sua validade. Ademais, a ausência da religião seria outro aspecto que indica a insuficiência do sistema grotiano [116]. Vico defende que a religião e as leis estariam presentes desde a formação do homem em sociedade. A investigação dos princípios que fundamentam o Direito, para que tivesse segurança e validade, não seria suficiente sem a reflexão com base na observação do vínculo entre a ideia de divindade presente na concepção das leis. Com tal pressuposto viquiano do Direito, justificando a sociabilidade humana, tem-se a certeza dos princípios da realidade civil do homem.

A universalidade dos princípios do Direito não seria possível com o sistema proposto por Grotius, tampouco pelo sistema dos filósofos, dado a ausência dos elementos que constituem a natureza humana que, por sua vez, é compartilhada com a natureza divina. Para que fosse realizada a crítica, Vico alertara para os erros presentes nas interpretações do Direito: erros presentes nas duas tendências que movimentavam as reflexões sobre o estatuto da jurisprudência e as normas de convivência.

A primeira residiria na crença da sacralidade da lei, a mesma seria imutável e suas determinações seriam "exteriores" ao homem, pelo fato do caráter divino do Direito, o que difere aqui da concepção de Vico que consiste igualmente na presença da divindade, mas as normas que possibilitariam dar forma às leis estariam no próprio homem. A segunda tendência consistia na crença de que o Direito varia de acordo com as circunstâncias

[114] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232.
[115] Ibidem, p. 229.
[116] Ibidem, p. 232.

históricas, o que pressupõe uma forma de "relativismo jurídico". Nessa segunda tendência, pode-se dizer da discordância de Vico por causa da redução do Direito ao utilitarismo. Vico, entre outras premissas, nos esclarece sobre a presença e importância da utilidade no trato entre os homens, a mesma, no entanto, difere do sentido dado pelas idéias prevalentes na época sobre tema.

Vico toma Malebranche e sua distinção entre causa e ocasião, para assim demonstrar a sua discordância no que diz respeito à utilidade como justificação da lei, separando assim o útil, correspondente às necessidades do corpo, e o que é da ordem do *verum*, para que se fundamente o direito eterno. A utilidade não pode fundamentar o Direito, as ocasiões das coisas não constituem a causa da coisa, o que se tem é apenas o momento em que o corpo, por meio dos sentidos, satisfaz suas necessidades, que por sua vez são de caráter temporário e transitório, variando no tempo e em todos os seres. Tem-se com isso o momento em que se iluminam na mente a idéia eterna das coisas [117], o que é mutável não é causa do eterno que é superior ao corpo, parte-se das coisas finitas, sensíveis, e isso é estar na esfera das opiniões [118].

Para Vico, o útil assume outra orientação, e contribui até para que se construa e mantenha o homem em sociedade. Desse modo, Vico observa que homem faz, e ao fazer deve ter algumas noções sobre verdades eternas [119], pois se reunindo em torno do útil é também guiado pela razão [120]. Ademais, ele comunica aos outros homens a utilidade, tendo como regra a equidade compartilhando o que se possui. Tudo isso pelo fato de ser naturalmente social [121]. A utilidade teria sido a ocasião para que os homens e suas necessidades particulares passassem a constituir a sociabilidade [122].

As idéias que não constituiriam uma justificação filosófica do Direito foram apresentadas por Vico na passagem em que comenta a constatação de que os filósofos acabaram reduzindo o Direito ao útil. Daí reenviar a Carneades, Epicuro, Maquiavel, Hobbes

---

[117] Cf. PEREIRA FILHO, Antonio José. *Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana da linguagem.* 2010. 258 p. Tese (Doutorado em Filosofa) Universidade de São Paulo, São Paulo, USP/SP, Brasil, p. 148.
Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-01102010-112543/. php
Acesso em: 17 Set. 2010.
[118] Ibidem, 148.
[119] Ibidem, p. 155.
[120] Cf. PEREIRA FILHO, Antonio José. *Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana da linguagem*, p. 155.
[121] Ibidem.
[122] Ibidem.

e Bayle, estando, neste último, a descrença na possibilidade da justiça e da lei ter como fontes os afazeres humanos [123]. No entender de Vico, argumentos como a repressão pelo medo, tendo a lei como único meio para reprimir a multidão, seriam insuficientes para se fundamentar e justificar o Direito [124]. Em tal situação, o Direito seria reduzido a uma ferramenta que usada segundo a conveniência em determinadas situações da vida pública, servindo apenas aos interesses dos homens; o critério seria a eficácia ou a força, submetida às circunstâncias.

Vico nos apresenta a necessidade de conciliar o *verum* com o *certum*, pois o primeiro é resultado da conformidade da mente com a ordem das coisas. Como a razão é aquela que está em conformidade com a ordem das coisas, consistindo nisso a sua eternidade e verdade, assim a essência do verdadeiro que é a razão e a essência do certo que é a autoridade, seja válida no tempo, no espaço e para todos, desde aquilo que percebemos pelos sentidos, bem como o que apreendemos dos outros pela persuasão. Isso ocorra, porém, com a observância de que a autoridade é também submetida à razão, pelo fato de ser verdadeira ou falsa a persuasão, em caso de falsidade, esta última é chamada de preconceito [125].

Diante das situações acima expostas, Vico propõe que se busque uma metafísica para fundamentar o Direito e se estabelecer os princípios da jurisprudência. Ele defende que somente a metafísica demonstraria a existência do Direito, para que não se pusessem em dúvida a justiça, extraindo assim princípios jurídicos universalmente e coincidentemente válidos [126]. Vico, com isso, pretende afastar o Direito do arbítrio da vontade, das circunstâncias, pois os princípios metafísicos seriam como uma "régua eterna", medindo e comparando o Direito no tempo e na história, sob um único princípio necessário e eterno, a saber, Deus.

No *De uno*, Vico nos fala da ausência, tanto nos jurisconsultos como no sistema de Grotius, de um princípio único de jurisprudência que possibilitasse uma justificação filosófica do Direito. Tanto eram insuficientes as idéias jus naturalistas, consistindo na idéia de um direito imutável e divino, ou na idéia de que o Direito positivo seria suficiente para que se mantivesse o homem em sociedade. Daí propor que se buscasse um fundamento metafísico do

---

[123] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232.
[124] Ibidem.
[125] Ibidem.
[126] Cf. PEREIRA FILHO, Antonio José. *Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana da linguagem*, p. 232.

direito, pois somente assim possibilitaria a crítica e demonstraria a existência e importância da lei, bem como afastaria as dúvidas quanto à importância da justiça, bem como a sua validade e legitimidade ante o homem em sociedade.

2.5 Novo sistema do direito e senso comum

É sabido que para Vico, a Filologia tem como objeto de investigação todo o campo do fazer humano, portanto, tudo aquilo que é produzido pelo homem historicamente. Nessa orientação, o papel que tem a Filologia difere daquele dos eruditos, onde se reduz a mesma apenas a um discurso coerente segundo a vontade daqueles que se propunham à investigação filológica.

A pretensão viquiana consistia em encontrar uma ciência que explicasse os fundamentos do Direito. Vico teria encontrado na Filologia, pois com ela tem-se a investigação de tudo que diz respeito ao arbítrio humano e sua manifestação na História, como os costumes, as leis, as instituições, as disciplinas, onde se tem o filólogo investigando "os mais importantes testemunhos da antigüidade (...) para interpretar os escritores de línguas doutas (oradores, filósofos, historiadores e, sobretudo, poetas)" [127], pretendendo com isso a compreensão da história dos povos.

O filólogo iria encontrar os princípios da história, buscando aquilo que fosse *verossímil*, para que se garantisse a autoridade das fontes, e assim assegurar a autenticidade dos princípios. Cabia à Filologia "o estudo do discurso e a consideração que se dirige às palavras (...) que a história transmite delas explicando as origens e o seu desenvolvimento" [128]. Com a ordenação do estudo do discurso, tem-se a linguagem presente na história, desde as origens do pensamento humano, do desenvolvimento do homem ao longo da história, na compreensão das propriedades, das variações e uso da mesma, pelo fato das palavras corresponderem à idéia das coisas. Com a presença da linguagem, Vico, em sua crítica, contraria a tradição, com a afirmação de que "toda a história se divide em história das coisas e

---

[127] VICO, Giambattista. *Opere Giuridiche. apud* LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232: "... le più importanti testimonianze dell'antichità (...) per poter interpretare gli scrittori di lingue dotte (oratori, filosofi, storici e sopratutto poeti)".

[128] VICO, Giambattista . *Opere Giuridiche. apud* LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232:...Lo studio del discorso e la considerazione che si rivolge alle parole e che ne tramanda la storia spiegandone le origini e gli svilupp.

em história das palavras: a segunda descende da primeira porque não há dúvida que as coisas precedem os seus sinais" [129].

A função do filólogo seria investigar "os mais importantes testemunhos da antiguidade" [130] e, além disso, é evidente sua importância para as repúblicas, pelo fato da possibilidade de se averiguar e conferir a autenticidade da antiga linguagem das religiões e das leis [131]. Daí Vico buscar na história os elementos que constituiriam os fundamentos para seu sistema de direito. Vico principia sua investigação com a autoridade de Varrão (116 - 26 a.C.) e sua divisão das épocas em obscura, fabulosa e histórica [132]. Não sendo seu interesse apenas a averiguação dos fatos, e sim a validade filológica das criações humanas, para então assegurar a coerência das mesmas com a Filologia. A época escolhida por Vico fora a fabulosa (heróica), nela se encontrava os primeiros registros históricos, como as mitologias, pois o tempo obscuro não teria condições de fornecer elementos que possibilitassem a sua investigação naquele momento [133].

Em seu intento, Vico se depara com outros obstáculos, um diz respeito à mitologia, que embora fosse uma primeira forma de história, por seu caráter fantástico, seria insuficiente para se constatar a veracidade dos fatos, como pôde ser averiguado ao longo dos séculos, tão incerta, inconstante e até improdutiva [134]; o outro seria o desacordo entre os críticos quanto à realidade dos acontecimentos, bem como a dúvida em relação a existência dos heróis que as fábulas narram [135]. O erro dos eruditos é enfrentado por Vico com a poesia. Para Vico, ter-se-ia que constituir os fundamentos da poesia, ausentes na história profana, e assim assegurar os fundamentos para seu sistema. Vico propõe, para a poesia, uma nova concepção de que a poesia faz parte da natureza humana, as criações poéticas do homem já estariam presentes nele antes do surgimento das artes do útil e do prazer [136]. Na *Sinopse*, embora se tenha apenas os encaminhamentos sobre a demonstração do direito natural tendo a história das línguas e das coisas humanas, Vico já expunha a sua opinião sobre a poesia, no que dizia respeito às

---

[129] Ibidem, 236: "Tutta la storia si divide in storia delle cose e in storia delle parole: la seconda discende dalla prima perché è fuori dubbio che le cose precedono i loro contrassegni".
[130] Ibidem, p. 236: ...le più importanti testimonianze dell'antichità.
[131] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232.
[132] Ibidem.
[133] Ibidem.
[134] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 232: "... si presenta così malsicura, inconstante e addiritura infeconda".
[135] Ibidem.
[136] Cf. VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, p. 315.

suas verdadeiras origens, bem como a poeticidade natural do homem. Como indica a passagem abaixo:

> ...se diz faltar os princípios de toda a historia profana, porque são ignorados os verdadeiros princípios da poesia, que se prova ser a primeira historia das gentes, logo, ela deve ser também o primeiro lume do direito das gentes. Por isso, suspende temporariamente o crédito dado à antiguidade- os primeiros poetas foram teólogos e com a sua teologia fundaram as repúblicas...[137]

Para justificar as verdadeiras origens da poesia, Vico remete a necessidade que os primeiros poetas tinham de comunicar suas fábulas, e assim comprova a sua teoria tanto sobre as origens do artifício poético, como a poeticidade natural do homem. O autor faz uma analogia dos primórdios do mundo comparando os homens às crianças que por natureza ainda não são capazes de um entendimento universal. Elas "compreendem somente os particulares; as mais engenhosas sabem explicar-se apenas por semelhanças" [138], isso comprova o erro que consiste em atribuir as origens da poesia ao útil ou ao prazer: tais coisas só foram possíveis à partir do surgimento das repúblicas. Assim, nos primórdios de suas origens, a poesia

> ... não foi nem o prazer nem o cômodo, mas a necessidade que tiveram os primeiros pais para ensinar aos filhos os exemplos dos antepassados. E as gentes humanas, porque engenhosas, naquela pobreza das línguas, tal como crianças engenhosas, ao invés de gêneros, dos quais eram incapazes, pela natureza foram levadas a formar imagens, que são os primeiros caracteres das línguas, e depois chamados de letras 'caracteres'. Estas foram, por exemplo, as fábulas dos gregos e os hieróglifos dos egípcios. E porque os filhos ainda não dominavam a escrita, eles conservavam mais facilmente a memória com certas medidas de palavras que lhes eram ditas cantadas [139].

Para confrontar-se com a idéia vigente de que a poesia teria nascido intencionalmente e na separação entre locuções poéticas e locuções vulgares, em que as fábulas eram frutos de um engenho divino e as locuções poéticas invenções de caráter intencional [140], Vico argumenta sobre a impossibilidade de tal conjectura. Sendo as línguas testemunhas das coisas e as locuções poéticas frutos do engenho e da arte de um poeta, Vico deduz que os poetas não

[137] VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, pp. 314 - 315.
[138] Ibidem, p. 315.
[139] VICO, Giambattista. *Sinopse do Direito Universal*, pp. 314 - 315.
[140] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 237.

poderiam prover todos os costumes comuns de todo um tempo histórico [141]. Os erros a serem observados seriam o de admitir a precedência da prosa em relação à poesia. Tais coisas são peculiaridades de uma mente reflexiva: algo que não estaria presente nos primórdios da humanidade.

Vico, com efeito, contesta a idéia de que os poetas teriam fundado as repúblicas, conduzindo o "vulgo" em sua liberdade bestial até a sociedade civil. Tais poetas seriam portadores de uma linguagem própria diferente da língua popular que para eles era imprópria. Ele ironiza indagando como poderiam ter usado uma linguagem diferente e superior à popular, de qual gramática fizeram uso [142]. Outro erro seria o de não haver observado que a ordem das palavras e a ordem das coisas precisariam estar interligadas e obedecendo ao processo adequado de desenvolvimento humano.

Vico adverte ainda em relação a outra dificuldade: a Etimologia se apresenta de maneira incerta, como se vê na historia das coisas profanas, onde se tem a mitologia presente na época fabulosa, desprovida de uma origem e sucessão [143]. Isso, por sua vez, teria provocado incertezas que impossibilitaria o conhecimento das coisas do tempo obscuro. Daí Vico se reportar à história sacra, pelo fato da mesma expor todos os acontecimentos, o que não incide na história profana, pois limitada pelas incertezas, quer do tempo obscuro, quer do tempo fabuloso. A justificativa viquiana é a de que a história sacra, em virtude da sua antiguidade, seria o meio pelo qual os tempos, obscuro e fabuloso, passariam a ter início e sucessão certa, convertendo-se assim em uma história do tempo verdadeiro [144].

Como se vê, quando Vico demonstra a origem da poesia e sua presença desde os primórdios da humanidade, ele, ao mesmo tempo, refuta a falsa opinião de que os poetas teriam fundado as falsas religiões e as cidades. Em seguida, ele justifica a presença e autoridade da religião, em sua proposta, quando diz que os filósofos deveriam levar em conta que "a língua poética foi a primeira língua dos gentios, com a qual foram fundadas as suas primeiras leis (...) e (...) religiões" [145].

---

[141] Ibidem, p. 240.
[142] Ibidem, p. 240.
[143] Cf. LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 242.
[144] Ibidem.
[145] VICO, Giambattista *De constantia, apud* LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*, p. 242: "...la lingua poetica fu la prima lingua delle genti, con la quale furono fondate le loro prime leggi (...) e (...) religioni".

Em sua reflexão, Vico demonstrou o que havia sido negligenciado pela Filosofia: a investigação dos princípios da humanidade não está separada do estudo das línguas. A antiguidade da linguagem poética teria possibilitado os fundamentos das leis e das religiões, bem como a compreensão do desenvolvimento humano. Daí os princípios da humanidade gentílica no senso comum, como uma sabedoria vulgar, possibilitada pelos estudos da Filologia. Trata-se do vínculo entre linguagem e humanidade.

Tais estudos reconhecem nos objetos do passado, tudo o que fora feito pelo homem, antecedendo à sabedoria dos eruditos, possibilitando assim a compreensão dos primeiros modos de pensar da humanidade. Com os princípios da filologia viquiana reportando-se à história sacra, ter-se-ia a reconstituição da história do tempo obscuro encontrando assim as origens da história profana. Tratam-se dos elementos que constituiriam os fundamentos para o direito, núcleo relevante do pensamento viquiano.

CAPÍTULO 3

A *NUOVA SCIENZA* VIQUIANA: UMA NOVA METAFÍSICA

A filosofia de Giambattista Vico fora alvo de diversas críticas depreciações sobre o conteúdo filosófico de sua obra. Escritos como, o De *ratione,* o *De antiquissima,* bem como o *Diritto universale* e a *Scienza Nuova,* foram retomadas e descritas na *Vita,* onde Vico narra sua trajetória filosófica, as fases de seu desenvolvimento filosófico, bem como os obstáculos que encontrou na elaboração de suas idéias. Na *Autobiografia,* Vico apresenta a primeira edição da *Scienza Nuova,* aquela de 1725, suas especificidades, os temas tratados, enfim, seu novo projeto de ciência. Na *Aggiunta* à *Autobiografia* (1731), Vico expõe as críticas que lhes foram dirigidas por seus contemporâneos em que, por um lado, reconhece os doutos que identificaram o valor de suas obras, por outro, a sua crítica implacável aos seus detratores, que lhe chamavam de louco, ou com palavras pouco mais civilizadas, de excêntrico e de ideias singulares ou obscuros. Vico, desde muito tempo, se sentira incompreendido na exposição de suas idéias, como ocorreu por ocasião da publicação do *De antiquissima,* pois teve de responder às críticas que lhe foram dirigidas, no *Giornale de Letterati de* Veneza.

3.1 Os limites da *Scienza nuova* de 1725: as considerações viquianas

Conforme o seu relato na *Autobiografia,* entre as obras que antecederam à *Scienza Nuova,* Vico apresenta o *Diritto universale,* sendo acrescentanda no ano de 1722, com o título, *Iohannis Baptistae Vici Notae in duos libros, alterum De universi iuris principio, alterum De constantia iurisprudentis.* Orgulhoso da sua contribuição à Filosofia, por meio da Filologia, apresentava os seus estudos sobre Homero, sobre a mitologia, sob outra abordagem. Vico comenta que suas idéias eram baseadas em "outro aspecto com o qual tinham sido observadas até então" [146].

Vico resolve, em seguida, concorrer a uma vaga na catedra de direito (1723), acreditando obter êxito, mas fora reprovado. Aquela reprovação teria sido recebida com

[146] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p.119:... in altra comparsa di quello con la quale sono stati finora osservati.

tristeza e com o sentimento de ter sido injustiçado. “Vico avaliou levar a tal pretensão os seus méritos e o exame da lição para cujo aplauso universal era posto certamente a esperança de alcançar a cátedra; quando ele percebeu o infeliz evento” [147], desistindo da cadeira sob os conselhos de Domenico Caravita, “com grandeza de alma professou sua desistência” [148]. Sua frustração, de não haver obtido um “lugar mais digno em sua pátria” [149], teria ao menos um alívio, nos juízos proferidos por Giovan Clerico [150], reconhecedor do valor de sua obra. Daí narrar: “‘o Sr. Vico foi particularmente aplicado a estas três ciências [a Filosofia, a Jurisprudência e a Filologia] e a pensou bem, como todos que leram suas obras concordaram com isso’” [151].

Mais adiante, há o reconhecimento da preocupação do autor “como muito entendido da metafisica, da lei e da Filologia, e a obra dele como original e repleta de importantes descobertas’” [152]. No ano de 1725, Vico publica a primeira edição da obra *Princìpi di una Scienza nuova d'intorno alla natura delle nazioni, per li quali si ritruovano altri princìpi del diritto naturale delle genti,* em que retornam alguns temas já apresentados em seu *Diritto universali.*

Ademais, traria a idéia de uma providência divina [*provvedenza divina*] presente nas coisas humanas, em especial, nas questões que diziam respeito à organização do Estado, bem como os temas que tratavam da moral, da vida em comunidade: algo contrário aos interesses de uma maioria. Vico estava ciente da recepção por parte dos eruditos do seu tempo, pois a obra apresentava novas propostas, tanto para as questões do direito, das origens das sociedades, bem como da presença e importância da Providência para a formação dos povos. O que não agradou às opiniões, como apresenta esta passagem:

> O livro saiu em uma idade na qual, com a expressão de Tácito, onde reflete sobre o seu tempo muito semelhante a este nosso, ‘está na moda corromper e corromper-se’; e por isso, como livro que desgosta ou incomoda

[147] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p.122:... “Stimò soltanto il Vico portare a questa pretensione i suoi meriti e 'l saggio della lezione, per lo cui universal applauso era stato posto in isperanza di certamente conseguire la cattedra; quando egli fatto accorto dell'infelice evento”...
[148] Ibidem p.122: ... “con grandezza di animo andò a professare che si ritraeva dal pretenderla...
[149] Ibidem: “più degno luogo nella sua patria”.
[150] Cf. VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p. 122.
[151] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* p.123:... “ il signor Vico si è particolarmente applicato a queste tre scienze e le ha ben meditate, come tutti coloro che leggeranno le sue opere converranno in ciò...
[152] Ibidem*:* “‘come intendentissimo della metafisica, della legge e della filologia, e la di lui opera come un originale pieno d'importanti discoverte’”.

> a muitos, não pode conseguir aplausos universais. Porque ele é trabalhado com base na idéia da Providência, se empenha para a justiça do gênero humano e conclama as nações ao rigor (tradução nossa) [153].

Com a edição da *Scienza Nuova*, de 1725, não fora diferente. Embora Vico tivesse recebido elogios de alguns doutos da época, as polêmicas e depreciações eram constantes por parte daqueles que rejeitavam as suas ideias. O autor constatou a indiferença, bem como as acusações, que tinham como objetivo refutar o valor filosófico da sua obra.

Os questionamentos que poriam em dúvidas o conteúdo da *Scienza Nuova*, bem como de outras obras, se encontram, em sua maioria, no epistolário viquiano. As cartas apresentam as respostas de Vico aos impedimentos dos doutos da época. No que diz respeito a seu descontentamento, pode-se identificar em uma carta dirigida a Bernardo Maria Giacco, em que Vico reclama ao padre da não observância sobre a importância do *Diritto universali*, por parte dos doutos, já que aquela obra tinha como proposta um "sistema da civilização, das repúblicas, das leis, da poesia, da história"[154]. Vico se ressente posteriormente, reportando-se mais uma vez a Giacco, em 1725, agora comentando o desinteresse dos doutos pela *Scienza Nuova.* Em tal carta indica o motivo do desprezo, com a observação: o fato de serem "tempos demasiado desbastados pelos métodos analíticos, demasiado enrijecidos pela aspereza dos critérios" [155].

Tais motivos, por sua vez, constituiriam uma reflexão sobre sua época. Ao mesmo tempo em que respondia às críticas, Vico comentava sobre a decadência de seu tempo no âmbito do saber. Na passagem da carta de dezembro de 1726, endereçada ao advogado a Luigi Esperti, Vico relata seu descontentamento, mas também demonstra ter conciência dos obstáculos na aceitação da *Scienza Nuova:*

> Primeiramente ela chegou a um tempo muito aguçado pelos métodos analíticos, muitos rígidos pela severidade dos critérios, e assim de uma

[153] VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 55: "Il libro è uscito in uma età in cui, con l'espressione di Tacito, ove rifletere sopra i suoi tempi somigliantissimi a questi nostri, 'corrumpere et corrumpi saeculum vocatur'; e perciò, come libro che o disgusta o disagia i molti non può conseguire l'applauso universale. Perché egli è lavorato sull'idea della Provedenza, si adopera per la giustizia del gener umano e richiama le nazioni a severità".

[154] G. Vico, *Epistole, con aggiunte le epistole dei suoi corrispondenti*, a cura di Manuela Sanna, Napoli 1992, edizione elettronica (*Prima parte: 1693-1728*) a cura di L. Pica Ciamarra e A. Sansone, in «Laboratorio dell'ISPF», IV, 2007, 1,www.ispf.cnr.it/ispf-lab. p.14: "sistema della civiltà, delle repubbliche, delle leggi, della poesia, della istoria".

[155] Ibidem, p. 49: ... "tempi troppo assottigliati da' metodi analitici, troppo irrigiditi dalla severità de' criterj".

> filosofia que professa amortecer todas as faculdades do ânimo que [são] provenientes do corpo, e sobre todas aquelas de ensinar, que hoje se detesta como mãe de todos os erros humanos, e, em uma palavra, ela veio no tempo de uma sabedoria que esfria toda generosidade da melhor poesia, a qual não sabe explicar-se por entusiasmo, faz sua regra o juízo dos sentidos e imita e pinta as coisas vivamente, os costumes, os afetos imaginando-os bem e, portanto, sentindo-as de modo vivo. Mas aos raciocínios filosóficos sobre tais matérias, como freqüentemente tenho advertido apenas como a sua mente se aproxima como para vê-los na praça ou no teatro, não para recebê-los, dissipando a fantasia, dispersando a memória e sufocando o engenho (tradução nossa) [156].

Vico edita sua obra em uma época que seguia às idéias de Descartes. O conhecimento científico obedecia ao modelo cartesiano, não tendo interesse algum, da parte dos "homens de ciência", por obras muito extensas, com um vasto conteúdo, cultural, filosófico, pois tais coisas eram tidas como inúteis, em se tratando de constituir um conhecimento válido e seguro. Entre os estudiosos de seu tempo havia uma rejeição a livros cujos conteúdos exigiam reflexão e erudição de imediato, uma vez que tais escritos eram tidos como incompreensíveis, não despertando nenhum interesse. Vico comenta em outra carta de janeiro de 1726 que os filósofos "tinham aplacado os engenhos com o método de Descartes, pelo qual, só recompensados com clara e distinta percepção deles, (...) sem despesas ou cansaço, encontram prontas e abertas todas as livrarias" [157]. Em suas investigações, os eruditos estavam se ocupando apenas com coisas superficiais, pois se contentavam em descrever, acreditando consistir nisso o "conhecer". Não poderia ser diferente, pois, como Vico já havia dito antes, em uma carta de dezembro de 1725, aquele modelo apresentava "uma filosofia que professa amortecer todas as faculdades do ânimo que derivam do corpo e, sobretudo, aquela da imaginação, que hoje se detesta como mãe de todos os erros humanos" [158].

---

[156] G. Vico, *Epistole, con aggiunte le epistole dei suoi corrispondenti*, p.54: "Primieramente Ella è venuta a tempi troppo assottigliati da metodi analitici, troppo irrigiditi dalla severità de' criteri, e sì di una filosofia che professa ammortire tutte le facoltà dell'animo che li provvengono dal corpo, e sopra tutte quella d'insegnare, che oggi si detesta come madre di tutti gli errori umani; ed, in una parola, Ella è venuta a' tempi di una sapienza che assidera tutto il generoso della miglior poesia, la quale non sa spiegarsi che per trasporti, fa sua regola il giudizio de' sensi ed imita e pigne al vivo le cose, i costumi, gli affetti con un fortemente immaginarli e quindi vivamente sentirli. Ma a' ragionamenti filosofici di tali materie Ella, come spesso ho avvertito, soltanto con la sua mente si affacia come per vederle in piazza o in teatro, non per riceverle dentro a dileguarvi la fantasia, disperdervi la memoria e rintuzzarvi lo ingegno".

[157] G. Vico, *Epistole, con aggiunte le epistole dei suoi corrispondenti*, p.60:... " hanno intropiditi gl'ingegni col metodo di Cartesio, per lo qual, solo paghi della lor chiara e distinta percezione (...) senza spesa o fadiga ritrovano pronte ed aperta tutte le Librerie".

[158] G. Vico, *Epistole, con aggiunte le epistole dei suoi corrispondenti*, p.54: ... " una filosofia che professa ammortire tutte le facoltà dell'animo che li provvengono dal corpo, e sopratutte quella d'immaginare, che oggi si detesta come madre di tutti gli errori umani".

Na *Aggiunta* à *Autobiografia,* Vico se reporta à *Ata eruditorum Lipsiensia,* protestando junto aos editores daquela revista sobre os erros e equívocos, no que dizia respeito ao título de seu novo escrito, pois "se calam sobre o título do livro, que é o principal dever dos censores literário, pois se diz apenas Ciência Nova sem explicar sobre qual matéria ela trata" [159]. Não sendo observado também, pelos editores, que se tratava de um escrito sobre o direito natural das gentes, que iria além do direito natural refletido pelos filósofos, como Selden, Pufendorf e Grotius. Ademais, como não bastasse, o conteúdo da obra era descrito da seguinte maneira

> ...um sistema, ou mais precisamente, fábulas do direito natural, nem distingue aqueles dos gentios, daquele dos filósofos, que raciocinam os nossos teólogos morais, e como se esta fosse a matéria da Ciência Nova, quando ele é um corolário; informa deduzir-se de princípios distintos daqueles dos quais fizeram até agora os filósofos, em que, não querendo, confessa a verdade, porque não seria Ciência Nova aquela da qual se deduz tais princípios [160].

Outra calúnia seria a de aquela obra fora escrita por um padre e em concordância com a doutrina da Igreja católica, o qual estava submetido. A *Scienza Nuova* teria, como um dos princípios, a Providência. Tratava-se do fundamento do seu novo sistema de direito natural, justificado teoricamente com base na autoridade de Platão, de Cícero e dos juristas romanos. Daí Vico afirmar não ser pertinente a acusação de que teria realizado uma adaptação do dogma da Igreja católica, reclamando ao mesmo tempo, de que, pois argumentava que "como se o está fundamentado na providência divina não fosse de toda a religião cristã, alias de qualquer religião" [161].

As acusações caluniosas, segundo Vico, foram comunicadas aos editores da revista por certo amigo, o qual Vico denominou "detrator desconhecido". Em seguida, foram rebatidas por Vico em uma publicação sob o título de *Vici vindiciae* de 1729. As hostilidades

---

[159] VICO, Giambattista.*Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 142: "qual tace il titolo del libro, ch'è il principal dovere de' novellieri letterari (perocché dice solamente 'Scienza nuova', né spiega dintorno a qual materia)".

[160] Ibidem: ... " un sistema o piuttosto 'favole' del diritto naturale (né distingue quel delle genti, che ivi ragiona, da quel de' filosofi che ragionano i nostri morali teologi, e come se questa fusse la materia della Scienza nuova, quando egli n'è un corollario ragguaglia dedursi da princìpi altri da quelli da' quali han soluto finor i filosofi (nello che, non volendo, confessa la verità, perché non arebbe 'scienza nuova' quella dalla quale si deducono tai princìpi".

[161] VICO, Giambattista.*Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p.142: ... "come se l'esser fondato sulla provvedenza divina non fusse di tutta la religion cristiana, anzi di ogni religione".

e desacordos no ambiente napolitano, bem como os argumentos que possibilitariam a consciência da originalidade da sua reflexão, também foram tratados em tais escritos. Na *Aggiunta*, Vico comenta ainda sobre a carta que enviara ao padre Giacco, em dezembro de 1729, pois inclui uma copia da *Vici vindiciae,* em latim, explicando os motivos que o teriam induzido a responder publicamente àquelas acusações [162].

Vico solicita a Menckenio, diretor da revista, uma investigação pessoal sobre as origens das informações recebidas, e reclama a atenção dos editores quanto as contradições e inobservância ao publicar em suas atas resenhas e juízos dos livros, sem vê-los [163]. Vico, no entanto, usa o sentimento de amizade para desacreditar seu detrator, e comenta que um informador anônimo, com suas informações levianas, estragaria qualquer amizade, o mesmo deveria ser destituído do convívio civil. Esta carta não fora enviada ao seu destinatário, mas, foi impressa na *Aggiunta* à *Autobiografia* de 1731. Vico, ao expor sobre o tema, separando as responsabilidades dos redatores e do seu detrator, dirigiu-se com maior intensidade ao segundo, e atribui ao mesmo a maior parte das responsabilidades.

Quanto à estrutura da *Scienza nuova prima*, Vico reconhece ter se equivocado em relação à forma de expor as ideias. Ele identificava que deveria ter tratado unitariamente as questões relacionadas aos princípios das idéias juntamente com aqueles das línguas, uma vez que ambos surgiram simultaneamente [164]. Vico errou também no método e na ordem de exposição. Tais erros seriam, com efeito, corrigidos nas subseqüentes edições de 1730 e naquela de 1744, ou seja a *Scienza nuova seconda* [165].

3.2 Pintura alegórica da *Scienza Nuova* de 1744: considerações sobre o mundo civil

Vico, na obra *Scienza Nuova* de 1744, faz uso de uma pintura alegórica, com a intenção de despertar nos leitores a imaginação, antes da leitura da mesma e depois de lida contribuir para que se recordasse mais facilmente o conteúdo da obra após a leitura. Vico escreve:

---

[162] Cf. Ibidem, p.144.
[163] Cf. Ibidem.
[164] Cf. Ibidem.

[165] Cf. VICO, Giambattista.*Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 148.

> Tal como o tebano Cebes fez para as coisas morais, assim nós aqui apresentamos uma TABUA DAS COISAS CIVIS, que sirva ao leitor para conceber a idéia desta obra antes de a ler e para, com a ajuda que lhe falte a imaginação, traze-la mais facilmente à memória, depois de a ter lido [166].

A figura é composta de hieróglifos, que são explicados, individualmente, ao longo das páginas introdutórias, a fim de que o leitor tivesse uma síntese de seu pensamento. O autor propõe uma nova ciência que, por sua vez, teria como instrumento uma metafísica do homem, distinta da metafísica prevalente, voltada para a natureza.

Tal proposta de ciência buscava encontrar os princípios que indicassem as origens do "mundo civil das nações". Vico apresenta a figura que representa a metafísica, uma mulher com as têmporas aladas, contemplando a ordem das coisas naturais que, para o autor, se tinham sido antes contempladas pelos filósofos. Para uma maior abrangência, Vico nos apresenta a luz refletida não só nas coisas naturais, pois a jóia no peito da mesma reflete, iluminando também as mentes humanas, o mundo das almas humanas, o mundo civil. Tal mundo é formado por todas as coisas que a figura representa por meio dos hieróglifos, em particular, aqueles dispostos na parte inferior da figura [167].

Vico reconhece a insuficiência dos filósofos até então na demonstração da Providência nas coisas civis, pois o hieróglifo do globo, apoiado em uma parte do altar, nos mostra a incompletude dos filósofos demonstrando a Providência divina por meio da ordem natural, não observada as ordens civis. Vico escreve:

> ...mas não contemplaram já pela parte que era mais própria dos homens, cuja natureza tem esta propriedade principal: a de serem sociáveis. (...) pela própria utilidade foram eles levados como homens a viver com justiça e conservar-se em sociedade e assim, a celebrar a sua natureza sociável; a qual, na obra, se demonstrará ser a verdadeira natureza civil do homem e, assim, existir um direito natural. Essa conduta da Providência divina é uma das coisas de que principalmente se ocupa de refletir esta Ciência; pelo que,

[166] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova* [1744]. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. p.3.

[167] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 4.

> por esse aspecto, vem a ser uma teologia civil refletida da providência divina [168].

Com a sua proposta de uma nova ciência, tendo como base uma metafísica, bem como a presença de uma providência divina, tem-se a possibilidade de se compreender os fundamentos que constituiriam a estrutura civilizatória dos povos. A defesa viquiana de uma nova metafísica refuta as escolas estóicas e epicuristas, pois, ambas negam a Providência. O desenho de um raio iluminando o peito da metafísica representa a pureza da Providência. Esse raio não ilumina apenas as coisas inteligíveis, regulando apenas as coisas morais, pois ele, iluminando a jóia no peito da metafísica é direcionado às coisas morais públicas, os costumes civis, ou seja, Deus se faz conhecer, pelos atributos de sua providência, nas coisas humanas. Segundo Vico:

> ... a cognição de Deus não termina nela mesma, de modo que ela se ilumine particularmente com os inteligíveis e, portanto, regule apenas as coisas morais, tal como até agora fizeram os filósofos; o que teria sido significado com uma jóia plena. Mas ela é convexa, onde o raio se refracta[sic] e irradia para fora, para que a metafísica conheça Deus providente nas coisas morais públicas, ou seja, nos costumes civis, com os quais vieram ao mundo e se conservaram as nações [169].

Entre as coisas civis a serem examinadas, Vico propõe que se busque outros princípios da mitologia, da poesia, e assim demonstrar a veracidade das fábulas, pois as mesmas teriam sido histórias dos costumes das gentes da Grécia, onde os deuses ali descritos contavam as histórias em um tempo onde se acreditavam que "todas as coisas necessárias ou úteis ao género [sic] humano eram deidades" [170]. Para Vico, os primeiros autores das nações eram poetas teólogos e nos contam em suas fábulas, os fundamentos das nações gentias. O autor cita Homero, representado pela figura de uma estátua, recebendo a refração da luz que irradia do peito da metafísica. A justificativa se dá, pelo fato de Homero ter em seus poemas a história do povo grego. As fábulas homéricas "foram histórias verdadeiras dos heróis e dos seus heróicos costumes". Ademais, Vico afirma que "se verifica terem florescido em todas as nações no tempo da sua barbárie" [171].

---

[168] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 4.
[169] Ibidem, p.7.
[170] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 9.
[171] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 10.

Para Vico, todos os povos teriam começado com as religiões, representado pelo altar, onde se encontra um lítuo, uma vara que se tomavam os augúrios e se observavam os auspícios, predizendo o futuro, providenciando e organizando a sociabilidade, conservando o homem nas ordens civis. Ainda sobre o altar tem-se a presença da água e do fogo, significando o sacrifício, para bem compreender os augúrios. Estas seriam as coisas divinas que, por sua vez, foram causa das coisas humanas. A primeira destas coisas está representada pelo archote aceso, significando os matrimônios, e a segunda das coisas humanas seriam as sepulturas, representada por uma urna cinerária que nos diz da imortalidade da alma [172].

Ademais, Vico intensifica a simbologia da urna cinerária, pois a mesma se reporta à origem da divisão dos campos, que, por sua vez, se poderia encontrar as origens e destituição das cidades, povos e nações; a urna nos fala ainda sobre o marco divisório do dilúvio universal, e serve para explicar a diferença entre o povo hebreu e da geração humana resultada do dilúvio. A geração humana surge a partir das três raças que se afastaram da religião de Noé, a saber: as de Cão, Jafeth e Sem, remanescentes e precursoras do mundo das nações. Por causa do abandono da religião de Noé, as mesmas saem em "divagação ferina" pela terra, e passam a criar Jupiteres, por medo e desconhecimento das causas das intempéries naturais. Vico escreve que, a partir de então, quando afastados da religião hebraica, tais raças ainda sobre as ordens da Providência, passam a restabelecer seus desejos de sociabilizarem-se, celebrando os laços matrimoniais naturais, como apresenta a seguinte passagem:

> ...pelo temor da divindade perseguidora, às escondidas, com ligações religiosas e pudicas, celebraram os matrimônios e fizeram filhos certos, e assim fundaram as famílias (...) e por causa das sepulturas dos antepassados, verificaram ter ai fundado e dividido os primeiros domínios da terra [173]

De tal situação surgem os chamados "gigantes", que significa "filhos da terra", por serem descendentes dos sepultados, são considerados nobres, pelo fato de terem sido gerados humanamente pelo temor da divindade, como foram as famílias, povos e nações, em fim, a geração das primeiras gentes. Tem-se, então, de um lado, o povo hebreu, de justa compostura

[172] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp.11-13.
[173] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 14.

e, de outro, os “filhos da terra”, disformes em força e estatura, e fundadores das nações gentias [174].

Os primeiros pais das nações gentias eram chamados, pelo caractere poético, de Hércules, pelo fato dos mesmos terem sido os desbravadores e cultivadores das primeiras terras sob a luz da Providência divina. Os mesmos teriam sido os administradores das comunidades, sob as prescrições dos auspícios, de onde viria sua moral para bem conduzi-los pela vida. Ademais, eles se acreditavam superiores aos demais membros da comunidade, ou seja, os fâmulos, “esses heróis depositavam a razão, a ciência e, portanto, a administração que tinham das coisas, ou seja, dos auspícios divinos” [175].

O homem, desde os primórdios de sua humanização, teria duas naturezas, uma nobre, que comandaria, e outra vil, que serviria. A nobreza dos primeiros pais das nações decorre da observância dos três costumes, ou seja, as religiões, os matrimônios e as sepulturas. Em tais princípios estariam contidos as verdadeiras virtudes morais que, por sua vez, favoreceriam e possibilitariam sua humanidade. Alem disso, os de natureza vil, ímpios e nefandos, pela não observância dos três princípios, não teriam as condições sequer de viverem com dignidade. Conforme Vico escreve:

> ...como animais selvagens, não compreenderam a sociedade no meio dessa infame comunhão das coisas, todos sós e, portanto, débeis e, finalmente, míseros e infelizes, porque necessitados de todos os bens que são precisos para conservar com segurança a vida [176].

Tais grupos recorrem aos nobres, sendo acolhidos pelos mesmos sob a qualidade de fâmulos. Vico nos fala assim, sobre as origens das famílias e das cidades. Estas últimas teriam, em seus fundamentos, como objetivo, a proteção dos injustos e violentos que ainda insistiam na inobservância dos pressupostos para a humanização do homem. Aqui se explica também as origens das jurisdições, e mais tarde a expansão dos impérios [177].

Os fâmulos, acolhidos e protegidos pelos nobres, estariam sob a proteção dos mesmos, mas não tinham direito à comunhão das coisas divinas, à celebração dos matrimônios solenes e tampouco o domínio dos terrenos. Isso faz que, ao longo de algum tempo, os mesmos se

[174] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 15.
[175] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.17.
[176] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.18.
[177] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 21.

revoltem contra os heróis, e muitos deles, sob o comando de alguns lideres, saíssem à procura de novas terras. Vico explica:

> Para não serem oprimidos e encontrarem refúgio e salvação, entregaram-se com os da suas facções à sorte do mar e foram a procura de terras livres pelas praias do mediterrâneo, para o ocidente, cujos litorais, naqueles tempos, não eram habituados (...) foi o direito heróico que criou a necessidade a esses referidos bandos de homens dessas nações de abandonarem as próprias terras as quais, naturalmente, não se abandonam senão por qualquer extrema necessidade [178].

Vico explicita que as transmigrações dos povos não teriam como motivo as invasões ou sede de conquista, algo que se comprova pelo fato de não se ter conhecimento de colônias do Egito ou da Grécia, no Ocidente, nem mesmo em razão dos negócios, por não se comprovar ser o Ocidente habitado nos litorais [179].

Usos, costumes, hábitos os mais diversos, tiveram suas origens remotas desde o errar ferino que, ao longo do tempo, sob as ordens da providencia divina e a crença nas mais diversas divindades produzidas em suas mentes primitivas, os conduziram à sua humanidade. Com as línguas não teria sido diferente. Cada povo teve a sua, formada em suas próprias terras, para depois se misturarem as línguas orientais ou egípcias ou gregas: tendo isso acontecido com a transmigração dos povos. Vico nos alerta sobre os erros nos estudos etimológicos existentes, no que diz respeito às origens das palavras nativas e das línguas estrangeiras, e explica a diferença que consiste na observância de que as palavras nativas dizem respeito ao significados das coisa, sob a "ordem natural de idéias", ao passo que as etimologias das línguas estrangeiras "serão meras histórias de palavras que uma língua tenha recebido de uma outra" [180].

3.3 Sobre os hieróglifos e princípios fundamentais

Como apresentado no item anterior, em que Vico defende ter o mundo civil começado com as religiões. Daí os hieróglifos do altar, e sobre o mesmo um lituo, a água, o fogo, o

[178] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 23.
[179] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova.*
[180] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, pp.24-25.

archote e o timão, representando e destacando a presença da religião. Trata-se do sentimento religioso no homem, conduzindo-o, gradativamente, desde que passou a pensar humanamente, à civilidade.

Os hieróglifos dispostos na parte inferior da figura nos indicam todas as coisas que compõem o mundo civil, em seus começos. O curso que fizeram as nações teria representado nos hieróglifos em destaque, pois nos falam sobre o surgimento, a ascensão e declínio, do mundo das nações. Daí os elementos constitutivos da trajetória do homem rumo à sua humanização, nos mitos, nas fábulas e nos mais diversos hábitos e costumes, em tempos e espaços distintos. Para Vico, tais elementos nos indicariam as possíveis causas para os efeitos observados no mundo das nações.

Entre as particularidades, nos inícios da humanidade, ou seja, em seus fundamentos, Vico nos apresenta os elementos constituidores do mundo civil em suas origens. O mundo das nações, nos seus primórdios, foi preciso se estabelecer para que o homem pudesse se conservar em sociedade, segundo as necessidades determinadas no tempo e nas mais diversas épocas.

Teria sido assim o surgimento dos primeiros impérios civis, tendo origem na união dos primeiros pais da gentilidade, representados pelo hieróglifo do feixe. De tal união surgiram as primeiras ordens de senados reinantes, tendo surgido então os primeiros reis das cidades heróicas. Tais reis unidos, para conter os fâmulos sublevados, concederam aos mesmos os domínios naturais dos campos, ou seja, as primeiras leis agrárias que seriam as primeiras leis civis que se tiveram notícias. Tais fâmulos posteriormente originaram as primeiras plebes das cidades. As cidades em suas origens tiveram como base, para a sua formação, as famílias e os fâmulos, como Vico reforça, pois as cidades “não podem [se constituir] com base em famílias somente de filhos, nem dessa nem de nenhuma maneira, de facto [sic], nascer nesse mundo” [181]. As origens da organização política, os poderes públicos, teriam nascido da

> ...união dos poderes privados paternais-públicos, que nasceram da união dos poderes privados paternais-soberanos no estado das famílias, bem como as origens da guerra e paz, onde todas as repúblicas nasceram pela ação das armas, para depois se estabelecerem as leis [182].

[181] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp.26-27.

[182] Ibidem, p. 27.

Também o direito heróico, um direito da força, provinha da religião com os atributos de uma providência, pelo fato da mesma ser a única capaz de manter o homem em sua humanidade. Tamanha a influência da religião, Vico cita os duelos, celebrados desde os primeiros tempos bárbaros, em que invocavam a Deus como juiz. Conforme esta passagem:

> [Por] Alto conselho da providência divina, a fim de que em tempos bárbaros e cruéis, nos quais não se compreendia o direito, a razão fosse avaliada por ter Deus propício ou contraditório, para quede tais guerras privadas não se disseminassem noutras guerras que levassem à extinção definitiva do género [sic] humano[183].

Para Vico, os governos, foram em número de três. Os aristocráticos e, a seguir, os governos humanos subdivididos em de espécie popular, tendo como aspecto principal a compreensão da natureza racional humana, igual em todos, para que depois, gradativamente os heróis conduzirem à igualdade civil. Em tal governo, porem, uma contradição, que consistia, de um lado, aqueles que queriam a igualdade civil e, de outro, a facção dos poderosos como empecilho para que se estabelecesse a igualdade de fato. Ante tal situação, Vico sustenta que naturalmente o homem passa a se valer da lei régia natural, comum a todos os povos em todos os tempos. Com ela ter-se-ia a terceira forma de governo humano, a monarquia, surgida da lei régia civil, um costume natural das gentes humanas em que os homens passam a estabelecê-la por necessidade de proteção e de garantia da sua liberdade civil [184].

A sucessão dos governos teria sido a dos governos aristocráticos, a dos governos de espécie popular, seguidas dos governos monárquicos: todos conduzidos pela Providência divina. Tais ciclos podem vir a ressurgir em determinado tempo, mas apenas dois deles (os de espécie popular e as monarquias), permutam entre si. Ademais, Vico não nega a existência de outras formas, mas essas formas seriam produto da providência humana: “a natureza das nações não as suporta” [185], como Vico lembra, a assertiva de Tácito quando diz que se poderia até louvar, mas, essas formas não se estabeleceriam nem tampouco seriam duráveis [186].

---

[183] Ibidem, p. 31.
[184] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 33.
[185] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*.
[186] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 33.

No hieróglifo do caduceu, a representação simbólica de que os primeiros povos, nos seus tempos heróicos, olhavam-se entre si como inimigos, pois as guerras entre os mesmos eram internas. Com os governos humanos, os arautos foram introduzidos, declarando-se além das guerras, as pazes. Gradativamente os povos foram se tornando amistosos para com outros costumes, e nas guerras passam a poupar a vida dos vencidos, com a justa lei das vitórias [187].

Vico apresenta também os princípios das línguas e das letras, afirmando que as mesmas foram construções dos primeiros gentios, chamados por ele de "poetas teólogos". Os primeiros homens, sendo poetas por natureza, construíram um mundo de sentido por meio dos mitos e fábulas. Os poetas teólogos faziam uso de caracteres poéticos, pois as fábulas, ou seja, falas verdadeiras, eram frutos das mentes de homens primitivos, de robustas fantasias e de débil raciocínio, em que os sentimentos são vestidos de grandíssimas paixões, tendo por intenção, diante de uma "pobreza de linguagens e necessidade de se explicar e de se fazer entender" [188].

Para Vico, a evolução do homem teria passado por três espécies de natureza e de governo, bem como três espécies de língua e de jurisprudência. As três idades foram respectivamente: a idade dos deuses, sob a crença de que se vivia sob um governo divino, onde os auspícios e oráculos eram determinações dos deuses; a dos heróis, onde tiveram domínio as repúblicas aristocráticas, pelo fato dos mesmos se acreditarem superiores, e de natureza divina, aos plebeus; e a terceira teria sido a dos homens, onde os mesmos se consideravam iguais pela natureza humana, celebradas respectivamente na repúblicas populares e nas monarquias [189].

Quanto às línguas, Vico diz que foram faladas três línguas respectivamente: no tempo das famílias, uma língua muda, por sinais e caracteres relacionados à natureza, expressando as idéias do que se queria significar; a heróica teria sido um falar por semelhanças, comparações, imagens e metáforas também naturais, em um tempo onde reinavam os heróis; e a linguagem humana que surge com as repúblicas populares e com os governos monárquicos, onde os vocábulos dariam significados às leis, pelas quais deveriam estar subordinados não só as plebes, mas também os nobres [190].

---

[187] Ibidem, p. 34.
[188] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 38.
[189] Onde será explicado mais adiante.
[190] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 35.

Sobre a tripartição de tais línguas, Vico sustenta que no mundo foram faladas respectivamente três línguas:

> ...uma hieroglífica, ou seja, sagrada ou secreta, por actos mudos, adequada às religiões as quais importa mais serem observadas que faladas; - a simbólica, ou por semelhança, a qual vimos há pouco ter sido a heróica; e finalmente a epistolar, ou seja, vulgar que lhes servia para os usos vulgares da sua vida. Três línguas essas que se comprovam entre os Caldeus, Citas, Egípcios, Germânicos, e todas as outras nações gentias antigas; muito embora a escrita hieroglífica se tenha conservado, sobretudo entre os Egípcios, porque estiveram durante mais longo período de tempo que os outros fechados a todas as nações estrangeiras [191].

Com base nas três línguas Vico identifica um vocabulário mental, onde as mesmas, com suas significações próprias, nos forneceriam elementos para uma compreensão da língua que fala a história ideal eterna: transcorrida nas histórias de todas as nações, para se ter a devida autoridade e com isso confirmar o "que se reflete no direito natural das gentes, e, portanto, em toda a jurisprudência particular" [192].

Na mesma ordem, em cada um dos tempos históricos, surgiu uma jurisprudência apropriada que Vico apresenta na seqüência: a de uma teologia mística, onde os poetas teólogos interpretavam os oráculos, para bem formular as leis e costumes civis, sob os desígnios dos deuses; a heróica, predominando o poder das palavras, onde os melhores argumentos ganham as contendas: as leis e costumes eram ditados pelos heróis, com a crença de serem eles e suas famílias, de origem nobre, além de se acreditarem salvadores de suas pátrias; a da equidade natural, pois os povos já percebiam o bem particular de cada um, como igual em todos [193].

Tem-se, pois, os hieróglifos nos contando sobre todas as coisas que compõem o mundo civil sobre o surgimento, a ascensão e declínio do mundo das nações. Para Vico, os diversos hábitos e costumes, em tempos e espaços distintos, forneceriam os elementos que nos indicariam as possíveis causas para os efeitos observados no mundo das nações. Os hieróglifos nos revelam o surgimento dos primeiros impérios civis, bem como a evolução do

[191] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 36.
[192] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 40.
[193] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 40.

homem em suas três espécies de naturezas e de governos, suas três espécies de línguas e de jurisprudências.

3.4 Dignidades filosóficas e Dignidades filológicas: origens do mundo civil das nações

Na seção segunda sob o título *Dos elementos,* Vico apresenta as dignidades, a fim de estabelecer a relação entre Filosofia e Filologia, já anunciada no *Diritto universali*. Vico retoma os conceitos de *"vero"* e *"certo"*, defendendo a importância dos mesmos para sua proposta investigativa do mundo civil. Daí sustentar que a "filosofia contempla a razão, donde provém a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde provém a consciência do certo" [194]. Com o emprego da Filologia, investigando tudo o que diz respeito ao arbítrio humano, tem-se a possibilidade de se conhecer o desenvolvimento do homem desde os seus primórdios: algo negligenciado pelos doutos de seu tempo, como Vico demonstra na *Dignidade X*:

> ...o fato de terem ficado a meio caminho tanto os filósofos, que não acertaram suas razões com a autoridade dos filólogos, como os filólogos, que não cuidaram de certificar a sua autoridade com a razão dos filósofos; o que, se o tivessem feito, teria sido mais útil às repúblicas e ter-nos-ia prevenido o meditar desta Ciência [195].

Vico apresenta em forma de axiomas ou Dignidades filosóficas e filológicas, com a intenção tanto de indagar como de esclarecer, e assim justificar, sobretudo o que fora refletido ao longo da *Scienza Nuova* sobre a natureza comum das nações [196]. Apresentando as propriedades da mente humana, ele põe em dúvida tudo o que se acreditava ser definitivo em relação às origens da humanidade. As quatro primeiras Dignidades apresentam os fundamentos dos erros dos eruditos, refutando tudo o que havia sido posto como verdadeiro sobre os princípios da humanidade. Entre as propriedades da mente humana, Vico sustenta que "o homem, devido à indefinida natureza da mente humana, quando cai na ignorância, faz de si a regra do universo" [197]. Ele observa que o homem, "tendo percorrido um longuíssimo

[194] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 110.
[195] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 110.
[196] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 105.
[197] Ibidem.

caminho desde o princípio do mundo" [198], e adverte que "a fonte perene de todas as magníficas opiniões até agora sobre a, por nós desconhecida, longinquíssima antiguidade, devido àquela propriedade da mente humana advertida por Tácito" [199], na Vida Agrícola, "com aquele mote: 'Omne ignotum pro magiífico est [Tudo o que é ignorado é considerado magnífico]" [200].

Embora a *Dignidade I* aborde que os defeitos da mente humana, além de serem naturais, são produtos desta mesma mente, o erro estaria no fato de que, com o desenvolvimento da civilização, tais produtos da ignorância natural vem se transformar em presunção de saber. Vico fala dos erros tanto das nações, como dos doutos, que decorrem da propriedade da mente humana que consiste na avaliação das "coisas longínquas e desconhecidas, avaliam-nas a partir das coisas que lhes são conhecidas e presentes" [201]. A presunção das nações, bem como as reflexões dos doutos sobre as origens da humanidade teriam seus fundamentos em um critério de certeza que tinha como base os dados fornecidos a partir do surgimento da Filosofia, "desde os tempos iluminados, cultos e magníficos, dos quais começaram as nações a adverti-los, e os sábios a refletir sobre eles, todos têm avaliado as origens da humanidade, que deviam ter sido, por natureza, pequenas, grosseiras, obscuríssimas" [202]. Vico dissipa assim a opinião das Nações gregas ou bárbaras, de terem obtido "antes de todas as outras, as comodidades da vida humana e conservado as memórias das coisas desde o princípio do mundo" [203], ou de Nações como a dos Caldeus, Citas, Egípcios e Chineses, "de terem sido eles os primeiros a fundar a humanidade do mundo antigo" [204].

Para Vico, uma maior antiguidade, fora atribuída ao povo Hebreu. As opiniões até então concebidas como verdadeiras, constituiriam em falácias e preconceitos que dificultariam uma ciência verdadeira das origens das nações, "que pretendem que a sua sabedoria seja tão antiga quanto o mundo" [205]. Vico rebate a presunção dos doutos, que consiste na crença de uma antiqüíssima sabedoria, concordando com os críticos mais distintos

[198] Ibidem.
[199] Ibidem.
[200] Ibidem, p. 105- 106.
[201] Ibidem, p. 106.
[202] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.106.
[203] Ibidem.
[204] Ibidem, p. 107.
[205] Ibidem.

"que reprova [m] como inoportunos todos os sentidos místicos atribuídos pelos doutos aos hieróglifos egípcios e as alegorias filosóficas atribuídas às fábulas gregas" [206].

Nas quatro primeiras Dignidades, Vico demonstra os fundamentos das suas refutações que, por sua vez, em virtude dos erros presente nas opiniões acerca dos princípios da humanidade: "inverossimilhanças, absurdos, contradições e impossibilidade de tais opiniões" [207]. A seguir, ele indica o caminho a ser percorrido, para que se tenha a possibilidade de realização da sua proposta investigativa: uma "nova arte crítica", da V à XV *Dignidades*, nas quais estão expostos os "fundamentos do verdadeiro" (*fondamenti del vero);* e os "fundamentos do certo" (*fondamenti del certo*), da XVI à XXII *Dignidades*. Entre os principais aspectos tem-se o afastamento dos filósofos pertencentes às escolas epicuristas e estóicos. Para Vico a "filosofia, para aproveitar ao gênero (sic) o humano, deve levantar e reger o homem caído e débil, não destruir-lhe a natureza nem abandoná-lo a sua corrupção" [208]. Tais escolas limitavam o homem ao destino ou a predestinação, Vico preferira os filósofos políticos, os platônicos, que concordam com os legisladores, na existência de uma providência, que modera as paixões, bem como admitem a imortalidade da alma. Ele retoma a importância da legislação na formação do homem e a manutenção do mesmo em sociedade. Nesta passagem, ele nos diz que:

> A legislação considera o homem tal como é, para fazer bons usos dele para a sociedade humana: como da ferocidade, da avareza, da ambição, que são os três vícios que põem a deriva todo o género(sic) humano, fazem as actividades (sic) militar, mercantil e de corte, a força, a opulência e a sabedoria das repúblicas; e destes três grandes vícios, que destruiriam certamente a geração humana sobre a terra, deles faz a felicidade civil [209].

Não se tratando de acaso ou predestinação, como indica, a seguir, a *Dignidade* VIII, o homem por disposição natural, com livre arbítrio, "ainda que débil, para fazer das paixões virtudes" [210], tem-se a legislação sob o auxílio da providência divina, conduzindo-o à civilidade. Nas *Dignidades* IX e X, há a demonstração da necessidade da união entre o "*vero*" e o "*certo*", Filosofia e Filologia, pois a vontade antecede o momento filosófico: "os homens

[206] Ibidem.
[207] Ibidem, p.118.
[208] Ibidem, p.108.
[209] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, pp. 108, 109.
[210] Ibidem, p. 109.

que não sabem o verdadeiro das coisas procuram apegar-se ao certo, porque, não podendo satisfazer o intelecto com a ciência, ao menos que a vontade repouse sobre a consciência" [211]. A n*uova* s*cienza* promove a integração entre ciência do verdadeiro e consciência do certo: a "filosofia contempla a razão, donde provém a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do humano arbítrio, donde provém a consciência do certo" [212].

As *Dignidades* XI a XV abordam as questões da natureza incerta do livre arbítrio, que se certifica e se determina "com o senso comum dos homens acerca das necessidades ou utilidades humanas" [213]. O senso comum é aqui compreendido como "um juízo sem reflexão alguma" [214], sentido por "toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo género(sic) humano" [215]. Ademais, há a demonstração de que o direito natural teria nascido privadamente entre os povos, para que posteriormente fosse difundido e reconhecido como comum a todo gênero humano. Vico observa:

> ...será um dos trabalhos um dos trabalhos perpétuos que se fará nestes livros: o demonstrar que o direito natural das gentes nasceu privadamente entre os povos sem nada saberem uns dos outros; e que, depois, com as circunstâncias das guerras, embaixadas, alianças, comércios, foi reconhecido como comum a todo o gênero (sic) humano [216].

Daí a passagem do individual ao coletivo, mesmo com uma razão ainda em formação. Vico enuncia, em seguida, a fim de justificar o seu procedimento na reflexão da *nuova scienza* que:

> Natureza das coisas não é senão o seu nascimento em certos tempos e (...) e circunstâncias que, sempre que são tais, as coisas nascem tais e não outras,(...) As propriedades inseparáveis dos sujeitos devem ser produzidas pela modificação ou circunstâncias em que as coisas nasceram; pelo que ela nos podem certificar que é tal e não de outra a natureza ou o nascimento dessas coisas [217].

[211] Ibidem, p. 110.
[212] Ibidem.
[213] Ibidem, p.111.
[214] Ibidem.
[215] Ibidem, p. 112.
[216] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.112.
[217] Ibidem, p.113.

Ademais, outra grande questão seria a de "encontrar os fundamentos do verdadeiro, que, com o passar dos anos e com o mudar das línguas e costumes, nos chega recoberto de falso" [218].

A partir da XVI até XXII *Dignidades***,** há a constatação de que as tradições vulgares devem ter tido fundamento público de verdade, consistindo assim os fundamentos do "*certo*" que, por sua vez, seriam dados filológicos a serem levados em consideração, para assim serem interpretados pela "nova arte crítica". Tratam-se de dados que continham "os falares vulgares":

> ...necessário que exista na natureza das coisas humanas uma língua mental comum a todas as nações, que compreenda uniformemente a substancia das coisas factíveis na vida humana social, e a explique nas muitas diferentes modificações e nos vários diferentes aspectos que essas coisas possam apresentar. (...) Esta língua é própria desta Ciência, à luz da qual, se os doutos das línguas lhes prestarem atenção, poderão formar um vocabulário mental comum a todas as diferentes línguas articuladas, mortas e vivas... [219]

Vico dividiu as dignidades em dois grupos, o primeiro, conteria proposições gerais e para estabelecer esta Ciência no todo [220]. Já o segundo grupo, aquele de *Dignidades* particulares, subdividido em duas partes reunidas em temáticas, pois estabelecem tais dignidades "separadamente nas diferentes matérias que trata" [221]. Na primeira parte, religião e poesia, e na segunda, História e direito, isto é, os temas abordados ao longo da obra *Scienza Nuova*. Tais temas constituem o objeto de investigação da Filologia. Como Vico advertira:

> ...terem ficado a meio caminho tanto os filósofos, que não acertaram as suas razoes com a autoridade dos filólogos, como os filólogos, que não cuidaram de certificar sua autoridade com a razão dos filósofos; o que, se o tivessem feito, teria sido mais útil às repúblicas e ter-nos-ia prevenido o meditar desta Ciência[222].

As *Dignidades* que tratam da religião, um dos três princípios da *nuova scienza*, são apresentadas em comum com o tema da poesia, desde a *Dignidade* XXIII à *Dignidade* XL,

---

[218] Ibidem.
[219] Ibidem, p.118.
[220] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p.119.
[221] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.119.
[222] Ibidem, p.110.

com a observação de que as últimas remetem à linguagem e introduzem o tema da história: *Dignidades* XXXVII XXXVIII a XL.

A religião, a poesia, a história e o direito são os temas tratados na *Scienza Nuova* como um todo, e no conjunto constituem, em suas exposições, os elementos presentes na formação do mundo civil, desde o momento em que se passou a pensar humanamente e a querer se viver em sociedade. Nas *Dignidades*, Vico demonstra a presença da Religião, e sua antiguidade, desde os tempos mais remotos, na história grega, e "toma as suas origens a partir do dilúvio e dos gigantes" [223]. Ademais, apresenta a divisão do primeiro gênero humano em duas espécies: a dos Hebreus, o povo mais antigo, e a dos Gentios, que deram origem ao mundo das Nações [224].

Tem-se ainda os fragmentos deixados pelos Egípcios, a divisão das suas três idades, a dos deuses, a dos heróis e a dos homens, bem como as narrativas de Homero, quando este último "menciona uma língua mais antiga do que a sua, que certamente foi a heróica, e chama-lhe 'língua dos deuses'" [225]. Vico cita ainda Varrão, quando teve "a diligência de recolher trinta mil nomes de deuses (...) nomes esses que se reportavam a outras tantas necessidades, ou da vida natural, ou moral, ou económica ou, finalmente, a vida civil dos primeiros tempos" [226]. Não se tratando aqui de determinada religião, e sim de um sentimento religioso natural do homem, em que "Providência divina" vem em seu auxílio para restabelecer a ordem. Vico escreve:

> Quando os povos se encarniçam com as armas, de modo que entre eles já não têm lugar as leis humanas, o único meio poderoso para os submeter é a religião. (...) Esta dignidade estabelece que, no estado fora-da-lei, a providência divina deu origem a que os ferozes e violentos se encaminhassem para a humanidade e que se ordenassem as nações, ao despertar neles uma idéia confusa da divindade, que eles, devido à sua ignorância, atribuíram a quem ela não convinha; e assim, com o pavor desse divino imaginado, começaram a submeter-se a uma certa ordem [227].

No que diz respeito à poesia, a sua importância, como já havia defendido nas *Dignidades* gerais XVII, XVIII, sobre a importância dos falares vulgares e como testemunhos

[223] Ibidem, p.121.
[224] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.122.
[225] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*.
[226] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.123.
[227] Ibidem, p.123.

dos costumes dos tempos primitivos, Vico dedica algumas proposições que certificam a sua presença e contribuição na formação humana. Como Vico escreve:

> Os homens ignorantes das causas naturais que produzem as coisas, quando não as podem explicar nem mesmo por coisas similares, atribuem às coisas a sua própria natureza, como o vulgo, por exemplo, diz estar a calamita enamorada do ferro.(...) pois a mente humana, devido à sua natureza indefinida, quando cai na ignorância, faz de si regra do universo no que respeita (sic) a tudo aquilo que ignora [228].

Vico reconhece que a "fantasia é tanto mais robusta quanto mais débil é o raciocínio" [229]. Tal faculdade é natural no homem, pois

> O mais sublime trabalho da poesia é dar às coisas insensatas sentido e paixão, e é propriedade das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, divertindo-se, falar-lhes como se elas fossem pessoas vivas. Esta dignidade filológico-filosófica faz-nos admitir que os homens do mundo infantil foram, por natureza, sublimes poetas [230].

Daí a linguagem expressar os pensamentos, refletidos das coisas naturais, das quais o homem busca dar sentido. O pensamento é resultado das imagens observadas na natureza. Conforme Vico sustenta:

> A mente humana é naturalmente inclinada pelos sentidos a revelar-se fora no corpo, e com muita dificuldade, por meio da reflexão, a compreender-se a si mesma.Essa dignidade dá o universal princípio da etimologia em todas as línguas, onde os vocabulos são levados a significar as coisas da mente e do ânimo a partir dos objetos e das propriedades dos objetos [231].

Ao abordar o direito nas questões sobre a origem do mundo civil, Vico diz que a leis eram compostas pelo certo, e, mesmo obscuras, tais leis, por serem baseadas em costumes

[228] Ibidem, pp.124-125.
[229] Ibidem, p.126.
[230] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, 126.
[231] Ibidem, p.140.

primitivos, eram produto das necessidades de determinada comunidade. Os sábios avaliavam como certo o que se determinasse pela utilidade. Como apresenta a seguinte passagem:

> O certo das leis corresponde a uma obscuridade do direito unicamente sustentada pela autoridade, que no-las faz experimentá-las duras ao pô-las em prática, e temos necessidade de as pôr em prática pelo seu 'certo', que em bom latim significa 'particularizado' ou como dizem as escolas, 'individualizado'; sentido no qual 'certum' e 'comune', com grande elegância latina, são opostos entre si[232].

Ainda tratando a problemática do direito e suas origens, Vico sustenta: "Os homens inteligentes estimam certo tudo o que dita essa utilidade igual das causas" [233], bem como a afirmação de que o "verdadeiro das leis é uma certa luz e esplendor com que ilumina o direito natural; pelo que frequentemente(sic) os jurisconsultos costumam dizer 'verum est'[é verdade] por 'aequum est'"[é justo] [234]. Tais definições, segundo Vico, provam aquilo o que ele já propora por ocasião da matéria do direito natural, bem como nas definições do verdadeiro e do certo: expostos nas *Dignidades* gerais IX e X.

3.5 Princípios e método da *nuova scienza*: primórdios do mundo civil

Para pôr à prova as proposições expostas nos elementos e dar forma às matérias dispostas na *tábua cronológica,* Vico se propõe refletir sobre os princípios de qualquer matéria pertencente ao saber divino e humano da gentilidade [235]. Vico considera, de início, uma verdade indubitável, de que o mundo civil foi certamente feito pelos homens. Ele reconhece o erro dos filósofos, que consistiu em se esforçarem em conseguir a ciência do mundo natural, o que teria sido em vão, pois tal mundo é criação de Deus, e só ele pode ter ciência do mesmo. Daí a assertiva de que, se esse mundo foi feito pelos homens é possível uma investigação das coisas que perpetuamente concordavam e ainda concordam todos os homens, ou seja, investigar os princípios universais e eternos, pressuposto de toda ciência, sobre os quais surgiram todas as nações e todas se conservaram. Daí reconhecer que todas as

[232] Ibidem, p.168.
[233] Ibidem, p.169
[234] Ibidem.
[235] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p.171.

nações, tanto bárbaras, como humanas, conservaram três costumes humanos fundamentais, mesmo estando separadas no tempo e espaço: a religião, os matrimônios e as sepulturas foram costumes conservados e presentes em toda a trajetória do homem em seu processo de humanização [236].

Retomando a *Dignidade* que tem por afirmação de que as idéias uniformes, nascidas em povos desconhecidos entre si, devem ter um princípio comum de verdade, Vico confirma os princípios da sua ciência, apresentando a sua legitimidade, pois tais princípios contribuem para a formação e conservação do homem em sociedade. Daí Vico sustentar que "devem ser santissimamente conservadas por todas, para que o mundo não se enfureça e se torne de novo selvagem, por isso tomamos estes três costumes eternos e universais como os primeiros três princípios desta ciência" [237].

Todas as nações tiveram, portanto, uma crença em uma divindade providente, e identifica quatro religiões primárias, a saber: a dos hebreus e cristãos, onde as mesmas acreditam em uma divindade com uma mente infinita e livre, uma terceira, a dos gentios, com a crença em múltiplos deuses imaginados, compostos de corpo e mente livre, atuando no sentido de reger e conservar o mundo, e uma quarta, a dos maometanos, com seu deus, mente infinita e livre em um corpo infinito, e uma fé na recompensa dos prazeres dos sentidos como prêmio em outra vida. Vico observa ainda que nenhuma teve a crença em um deus todo corpo, ou em um deus todo mente que não fosse livre. Sua assertiva afasta tanto os epicuristas, "que não apresentam mais do que corpo" [238] sujeito ao acaso, bem como os estóicos, com seu Deus "mente infinita em um infinito corpo" [239], fadado ao destino. Daí de reportar a Cícero questionando Ático:

> Pelo que tinha razão Cícero, que dizia a Ático, porque ele era epicurista, não poder refletir consigo acerca das leis, se aquele não lhe concedesse que existia providência divina. Tanto as duas seitas estóica e epicurista são consentâneas com a jurisprudência romana, que coloca a providência divina como seu princípio fundamental [240].

[236] Ibidem, p.172.
[237] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p 173
[238] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 173.
[239] Ibidem.
[240] Ibidem, p.175

Os matrimônios, segundo os princípios identificados por Vico, seriam justificados pelo fato de serem a condição para que os primeiros pais tivessem um vínculo com as leis. Ademais, sem a celebração de tais solenidades, ter-se-ia uma situação de abandono dos pais a seus filhos, pois estariam entregues à sorte, como explicita a seguinte passagem:

> Pelo que, no que respeita a esses pais, não mantendo unidos necessariamente qualquer vínculo de leis, acabam por disperder os seus filhos naturais, que, podendo os seus pais separar-se a qualquer hora, abandonados por ambos, tinham que jazer expostos a ser devorados pelos cães; e, se a humanidade pública ou privada não os alimentasse, teriam que crescer sem ter quem lhes ensinasse religião, nem língua, nem outro costume humano [241].

Por fim, as sepulturas, pois não haveria povos ou nações, em que, de alguma maneira, não fosse celebrada alguma cerimônia de sepultamento dos corpos: isso seria regredir o homem a um estado de bestialidade. Vico, com esta última observação nos lembra também a imortalidade da alma. No seu entender:

> É uma sentença na qual certamente concordam todas as nações gentias: que as almas permaneçam sobre a terra inquietas e andem errando em torno de seus corpos insepultos e, consequentemente, que não morram com seus corpos, mas que sejam imortais [242].

Um completo estabelecimento dos princípios requer também refletir sobre o método que deve ser adotado. Vico retoma a dignidade que diz que as coisas devem começar onde começou a matéria. O seu procedimento metodológico segue tal pressuposto. Ele procedia retirando de suas pesquisas boa parte das opiniões enunciadas tanto pelos filósofos, quanto pelos filólogos de seu tempo, no que dizia respeito aos princípios da humanidade em virtude dos equívocos. Para Vico, epicuristas, estóicos, ou mesmo filósofos como Hobbes, Grocio, Purfendorf e mesmo Platão, não esclareceriam totalmente as suas dúvidas.

A sua proposta investigativa é a de buscar causas mais fiáveis para a sua Ciência, e começar a refletir desde o momento em que o homem começou a pensar humanamente sob o temor de qualquer divindade, que atuaria no sentido de refrear suas paixões, conduzindo-o à

[241] Ibidem.
[242] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p.176

humanidade. Não se trata de uma tentativa determinista, Vico reconhece ser de grande dificuldade tal empreitada, mas sobre a possibilidade de ser realizada. Investigar o homem desde quando o mesmo fazia uso de suas faculdades pré-reflexivas, ainda movido pelas paixões, bem como submisso aos caprichos da natureza. Nesse sentido Vico afirma:

> ...descer destas nossas naturezas humanas civilizadas àquelas completamente ferozes e imanes, as quais nos é completamente negado imaginar e apenas com grande custo nos é permitido compreender. Por tudo isso devemos começar de uma qualquer cognição de Deus (...) que o homem caído no desespero de todos os socorros da natureza, deseja uma coisa superior que o salve [243].

Vico reconhece que o homem, em seu estado natural, a princípio busca a sua própria conservação, para em seguida estender suas pretensões às outras instituições, ou seja, desde as famílias, passando pela vida civil, às cidades, às nações, e a partir destas últimas, a de todo gênero humano. A Providência divina os manteve dentro de tais ordens. Daí a importância da religião em tais instituições, pois a presença da mesma contribui para que o homem se sociabilize e se mantenha em sua humanidade. Vico afirma:

> ...senão pela providência divina deve ser mantido dentro de tais ordens para celebrar com justiça as sociedades familiar, civil e finalmente a humana; ordens pelas quais, não podendo o homem conseguir aquilo que pretende, pretenda ao menos conseguir da utilidade aquilo que deve; que é aquilo que se chama 'justo'. Donde o que regula todo o justo dos homens é a justiça divina, que nos é ministrada pela divina providência para conservar a sociedade humana [244].

Para Vico, a importância da providência, é inquestionável. Ele nos diz que, refletindo sobre a economia das coisas civis, implica refletir sobre a propriedade das palavras na jurisprudência. Com isso, há de se levar em conta que, providência, equivaleria à divindade, que tem suas raízes em "*divinare"*, ou seja, adivinhar o que está por vir. Sob esse aspecto, a providência seria o primeiro e o principal tema da jurisprudência. Conforme a seguinte passagem:

---

[243] Ibidem, p. 180.
[244] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 182.

> ...e é aquela que propriamente ocupa a parte primeira e principal do assunto da jurisprudência, que são as coisas divinas, das quais depende a outra que a completa, que são as coisas humanas. Portanto, uma tal Ciência deve ser uma demonstração por assim dizer, de um fato histórico da providência, porque deve ser uma história das ordens que aquela, sem nenhuma advertência ou conselho humanos e, frequentemente [sic], contra esses propósitos dos homens, deu a esta grande cidade do género [sic] humano, pois, se bem que este mundo tenha sido criado particular e no tempo, porem, as ordens que nele pôs são universais e eternas[245].

Vico admite ser quase impossível remontar ao passado, sem deixar de se pensar em sociedade e civilização, e difícil construir um quadro exato dos primeiros homens em um estado irracional. Contudo, a história teria sido feita pelos homens, logo, sempre se pode ter acesso a mesma pelos outros homens, ou seja, pelo fato de que desde que o homem passou a querer viver em sociedade, a buscar sua humanização, tem-se sempre presente a sua capacidade imaginativa dando sentido ao mundo, quer em nosso tempo, quer em tempos remotos. Tal observação implica necessariamente que, pelo menos, se reflita no sentido de compreender as culturas remotas. Daí Vico argumentar:

> ...pelo que a própria prova que continuamente aqui se fará será o estabelecer e refletir se nossa mente humana, na série dos possíveis que nos é permitido compreender, e pelo quanto nos é permitido, poderá pensar mais ou menos ou as várias causas daquelas donde provêm os efeitos do nosso mundo civil [246].

Vico denominou de provas teológicas que compõem os elementos de sua história ideal e eterna, a presença da religião, dos matrimônios e sepulturas, como fundamentos do mundo civil. Ele articula tais provas com as provas lógicas para "refletir sobre as origens das coisas humanas" em sua proposta de procedimento científico para a *nuova scienza* . Para Vico, sua Ciência seria uma história das idéias humanas, seguindo uma metafísica da mente humana. Observando que as ciências devem começar desde que começou a matéria. Disso resulta uma investigação, que ultrapassa a crítica filológica que se tinha até então, apresentando assim os primórdios da humanidade. Conforme Vico sustenta:

---

[245] Ibidem, p. 183.
[246] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, pp.184-185.

> ...desde o momento em que os primeiros homens começam a refletir sobre as idéias humanas (...) esta Ciência usa uma arte crítica, também metafísica, sobre os autores dessas mesmas nações, entre as quais deverão transcorrer bastante mais de mil anos para ai poderem surgir os escritores, a cerca dos quais a crítica filológica se tem agora se ocupado [247].

Ainda sobre os procedimentos da sua ciência, Vico defende ser a sua proposta de Ciência um relato da história ideal e eterna, que narra a história de todas as nações: desde os surgimentos, decadências e fins. Com isso se apreende as modificações dentro da nossa própria mente humana. Ademais, aquele que narra, ao mesmo tempo faz a história: isso justificaria e certificaria a possibilidade de um saber sobre a história. A Ciência viquiana procede como a geometria, construindo seu mundo de grandezas, mas com a diferença de que é investigado o tema pertencente ao mundo humano, separando-se do método geométrico de seu tempo. Vico destaca, porém, que a reflexão dos filósofos pressupunha um mundo já formado e racionalizado, tendo sido deixada de lado a reflexão pré-racional, em que se tinha o certo da autoridade, relevante para uma reflexão sobre as origens das nações [248]. Nesse sentido, Vico defende que:

> ...com o certo da autoridade, isto é, o senso comum desse género [sic] humano (...) sobre o qual repousam as consciências de todas as nações (..) vem a ser essa Ciência uma filosofia da autoridade, que é a fonte daquilo a que os teólogos morais chamam de 'justiça interna' [249].

Vico identifica nos chamados príncipes da doutrina do direito natural das gentes, o erro de terem buscado suas razões nos textos dos escritores. Tais escritos não teriam provas suficientes que servissem de fundamentos para uma compreensão das origens das nações, pois os fundamentos, ou os elementos constitutivos e formadores das nações, estariam presentes bem antes mesmo de terem surgido os escritores. Grócio, mais que Selden ou Purfendorf, teria cometido o erro mais grave, ao combater os jurisconsultos romanos, pois "...porque aqueles estabeleceram os seus princípios do justo sobre o certo da autoridade do género [sic] humano, não sobre a autoridade dos instruídos" [250].

---

[247] Ibidem, p. 186.
[248] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p.187.
[249] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p.188.
[250] Ibidem.

Além das provas filosóficas que, por sua vez, seriam usadas pela sua ciência, pois absolutamente necessárias, Vico destaca aquelas que tomaram o último lugar, ou seja, as filológicas. Tais provas concordam com as mitologias, que seriam constitutivas da história civil dos primeiros povos, que foram naturalmente poetas; assim como as frases heróicas, e suas expressões de verdade de sentimentos; as etimologias das línguas nativas, que narram as histórias das coisas, desde as suas origens, assim como 'o vocabulário mental das coisas humanas sociáveis', presentes e sentidas por todas as nações [251].

Tal procedimento separaria o falso do verdadeiro, do que nos foi conservado pelas tradições vulgares. Com isso teríamos uma recomposição lapidada, descobrindo, por fim, as causas necessárias que "dominam todos os efeitos que nos narra a história certa". Daí argumentar que:

> ...pelo que, através das provas filosóficas anteriormente feitas, as filológicas, que sucedem em seguida, chegam ao mesmo tempo e vêm a ter confirmada a sua autoridade com a razão e a confirmar a razão com a sua autoridade. (...) aquilo que é sentido por todos ou pela maior parte dos homens como justo deve ser a regra da vida social (...) estes devem ser os limites da razão humana. E quem quer que deles se queira apartar, veja se não se aparta de toda a humanidade [252].

[251] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p.189.
[252] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 189-190.

CAPÍTULO 4

ETICIDADE ORIGINÁRIA DA VIDA CIVIL: CRIAÇÃO DE UM MUNDO DE SENTIDO

Contrapondo-se aos princípios da poesia até então conhecidos, Vico se propõe investigar os princípios da sabedoria poética, ou seja, o saber, dos primeiros homens: daí a primeira sabedoria do mundo gentio. Vico denomina o seu procedimento de uma nova arte crítica, que consistia na investigação da verdade sobre os autores das nações, pois até então a crítica dos autores de seu tempo tinha se ocupado. Seria uma investigação do mundo da cultura, em que se buscariam elementos que compunham as antiguidades da humanidade. Daí destacarmos aqui a importância da dimensão mítico-poética na reflexão viquiana sobre o pensamento originário dos primeiros homens, ou seja, o significado da sabedoria poética: a sua relevância nos inícios da humanidade gentílica para dar sentido ao mundo à volta. Trata-se, portanto de compreendermos a *poieticidade* fantástica dos princípios da formação do pensamento primitivo. Para a descoberta de tais princípios, Vico destaca a necessidade de uma reflexão sobre a linguagem, assim como outras formas de expressão das culturas antigas.

4.1. Sabedoria poética e enciclopédia dos saberes poéticos

Diante das incertezas, bem como da insuficiência no que concerne aos princípios das nações, Vico dedica um livro em sua *Scienza Nuova*, sob o título "Sabedoria poética", em que explicita desde o sentido originário do vocábulo sabedoria, seu desenvolvimento ao longo da história, bem como a apresentação dos elementos que compõem tal sabedoria: pertencente aos fundadores do mundo civil das nações. Retomando o que fora dito nas Dignidades, em que se encontra a assertiva de que "todas as histórias das nações gentias tiveram princípios fabulosos" [253], Vico contesta o erro cometido tanto pelas nações, com a pretensão de terem encontrado primeiro as "comodidades da vida humana e conservado a memória das coisas

[253] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova [1744]*. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 106.

desde o princípio do mundo" [254], quanto a presunção dos doutos, consistindo na certeza de que "a sabedoria seja tão antiga quanto o mundo" [255].

Com isso estabelece a importância da "sabedoria poética", demonstrando que a sabedoria dos "poetas teólogos" antecederia à sabedoria da Filosofia, pois "... tudo quanto primeiro tinham escutado os poetas acerca da sabedoria vulgar, outro tanto compreenderam depois os filósofos acerca da sabedoria secreta; de modo que se pode dizer terem sido aqueles o senso e estes o intelecto do género (sic) humano... [256]. Nesse sentido, Vico concordara com Aristóteles na idéia de que "... a mente humana não compreende coisa alguma da qual não tenha recebido algum motivo (...) dos sentidos, que usa o intelecto quando, da coisa que sente, recolhe coisa que não cai sob a acção (sic) dos sentidos" [257].

A "sabedoria poética" (*sapienza poetica*) principiou rude, assim como foram rudes os primeiros homens que a pensaram. De modo algum, esta sabedoria foi elaborada por grandes sábios, tão pouco não se identifica com a concepção de uma sabedoria oculta. Os primeiros sábios foram poetas teólogos, mas a avaliação da "sabedoria poética" deve ser feita levando em conta que a natureza das coisas nascidas ou feitas era em sua origem de natureza grosseira. O que se tinha a respeito dos fundamentos de tal sabedoria era fruto de avaliações precipitadas e conclusivas das nações e dos doutos.

Vico indica as causas que justificariam sua observação da insuficiência tanto das nações, quanto a presunção dos doutos. Explicitando de forma breve tem-se que as nações gentias foram fundadas com as fábulas tendo como base a religião. Daí o reconhecimento de que o mundo civil fora ordenado tendo como causa uma sabedoria sobre-humana. As circunstâncias dessas fábulas, com uma veneração da religião e um crédito sem igual, possibilitaram aos filósofos a pesquisa e a meditação em Filosofia. Tais idéias e explicações filosóficas remetem às expressões que haviam deixado os poetas. As aprovações das coisas por eles meditadas ocorreram com a autoridade da religião e com a sabedoria dos poetas [258].

No que diz respeito à sabedoria em geral, Vico diz, a princípio, que a mesma é faculdade que comanda todas as disciplinas que por sua vez se apreendem todas as ciências e

[254] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 106.
[255] Ibidem, p. 107.
[256] Ibidem, p. 197.
[257] Ibidem.
[258] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 196.

artes orientando o homem rumo à sua humanidade [259]. Tal sabedoria não estaria pronta e acabada com os filósofos. Ela evoluiu desde a formação do mundo gentil e começou entre os gentios com a "musa", com o mito. Daí o nome de Homero, em um trecho da obra *Odisséia*, definindo como a "ciência do bem e do mal", posteriormente passa a ser chamada de "'adivinhação'. Como indica a seguinte passagem

> ...a musa, primeiro, deve ter sido propriamente a ciência em divindade de auspícios; a qual (...) foi a sabedoria vulgar de todas as nações de contemplar Deus pelo atributo da sua providência, pela qual, de '*divinare'*, a essência dele foi chamada 'divindade'. E de tal sabedoria (...) terem sido sábios os poetas teólogos [260].

A seguir, a sabedoria foi atribuída a homens ilustres, com a interpretação dos auspícios divinos, fornecendo por pareceres úteis ao gênero humano [261]. A sabedoria evolui de significado passando a ser aplicada a homens que ordenaram povos e nações sabiamente as repúblicas. Por fim, passa a ser denominada o conhecimento das divinas coisas além do mundo físico, ou seja, a metafísica. Tem-se assim uma providência atuando desde quando o ser humano agia sob os impulsos, sob o controle das paixões, para, em seguida, ser pensada pelos filósofos. Daí as nações se dispuseram a receber uma teologia acima de uma fé sobrenatural e superior, tanto aos sentidos quanto as razões humanas [262].

Vico, diante do fato de serem as origens de todas as coisas grosseiras e rudes, propôs-se principiar com uma metafísica grosseira. Ele define a Metafísica como um tronco, onde por um dos ramos tem-se "a lógica, a moral, a economia e a política, todas poéticas; e em outro ramo, todas também poéticas, a física" [263]. Tem-se assim que os fundadores da humanidade gentílica:

> ...com sua teologia natural (ou seja, metafísica) imaginaram os deuses; com a sua lógica inventaram as línguas; com a moral geraram os heróis; com a economia fundaram as famílias; e com a política, as cidades; com a sua física estabeleceram os princípios de todas as coisas divinas, com a física particular do homem geraram de certo modo a si mesmos", com a cosmografia fingiram um universo seu pleno de deuses, com a astronomia

[259] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 199.
[260] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 200.
[261] Ibidem.
[262] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 201 - 202.
[263] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 203.

> levaram da terra ao céu os planetas e as constelações; com a cronologia deram início aos tempos, e com a geografia, os Gregos, para dar um exemplo, descreveram o mundo dentro da sua Grécia [264].

Vico sustenta que "os primeiros homens das nações gentias" foram poetas, de uma natureza primitiva, pré-reflexiva, com uma vasta imaginação e ainda sujeitos às paixões. Ao explicar suas naturezas poéticas, Vico sustenta:

> ... foram chamados 'poetas' que em grego significa o mesmo que 'criadores'. Pois são os três trabalhos que deve fazer a poesia, isto é, encontrar fábulas sublimes apropriadas ao entendimento popular e que perturbem excessivamente, para conseguir o fim, a que ela se propôs, de ensinar ao vulgo a agir virtuosamente, como eles a si mesmo o ensinaram [265].

A proposta de Vico seria a de se começar, tanto os filósofos, como os filólogos, a refletir sobre a sabedoria dos antigos gentios, ou seja, a dos poetas teólogos. A sabedoria poética foi a primeira sabedoria da gentilidade. Vico defende que a mesma seria uma "metafísica não refletida e abstrata como é esta agora [a] dos instruídos, mas sentida e imaginada como deve ter sido a desses primeiros homens" [266], sem nenhum raciocínio, em que a poesia era uma faculdade conatural, pelo fato de serem os poetas teólogos naturalmente dotados de tais sentidos e fantasias. Trata-se de poesia que havia começado com eles, e por ser divina, "imaginavam serem deuses a causa das coisas que sentiam e admiravam" [267]. Nesse sentido, ele escreve:

> Fingiram os primeiros poetas teólogos a primeira fábula divina (...) tudo aquilo que viam, imaginavam e até o que eles próprios faziam, acreditavam ser Júpiter, e a todo o universo que podiam ser capazes de conceber e a todas as partes do universo deram o ser de substância animada [268].

Nos seus primórdios, todas as nações tiveram uma crença em uma divindade, ou seja, tiveram o seu júpiter, nascido naturalmente na poesia divina. As religiões estariam presentes

---

[264] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, pp. 203 - 204.
[265] Ibidem, p. 213.
[266] Ibidem, p. 212.
[267] Ibidem, pp. 211 - 212.
[268] Ibidem, p. 216.

na história das nações, motivo pelo qual Vico denomina de poetas teólogos os primeiros autores do mundo civil das nações. Na seguinte passagem Vico afirma:

> ...pois começaram a sabedoria poética a partir desta poética metafísica de contemplar Deus pelo atributo da sua providência, e foram chamados 'poetas teólogos', ou seja, sábios que compreenderam o falar dos deuses concebidos através dos auspícios de Júpiter, e foram denominados propriamente 'divinos', no sentido de 'adivinhos', de 'divinari', que propriamente significa 'adivinhar', ou 'predizer'[269].

Os primeiros autores do mundo gentil, a partir do dilúvio universal, começaram a olhar para o alto e a celebrar sua curiosidade natural [270]. Fora uma sabedoria natural dos legisladores, mediante uma providência divina, que fundara o gênero humano, muito antes do que era chamada sabedoria secreta dos filósofos doutos e onipotentes em sapiência [271]. Tais fundadores das nações fizeram uso da imaginação, criando os deuses e heróis, as primeiras famílias, as cidades. Daí a sabedoria poética possibilitar o acesso à compreensão da mente do homem primitivo e sua forma de pensamento: já presente nos filósofos poetas. Vico deixa clara a certeza de que

> Desta maneira, esta ciência vem a ser de uma só vez uma história das idéias, costumes e fatos do gênero humano. E de todos os três se verão surgir os princípios da história da natureza humana, e serem estes os princípios da história universal, à qual parecem ainda faltar os seus princípios [272].

Por defeito do raciocínio humano, nasceu a poesia, sublime e superior às artes tanto poéticas, como crítica, e até as filosofias que surgiram depois. A descoberta dos princípios da poesia dissipa, de uma vez por todas, a opinião de que se tinha sobre uma sabedoria inatingível dos antigos, desde Platão. O mérito seria o da "sabedoria vulgar dos legisladores que fundaram o género (sic) humano, e não a sabedoria secreta de sumos e raros filósofos [273]. Vico declara serem "inoportunos todos os sentidos místicos de altíssima filosofia, dados pelos

[269] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 218,
[270] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 214.
[271] Ibidem, p. 220.
[272] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 204.
[273] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 220.

doutos às fábulas gregas e aos hieróglifos egípcios, quanto que surgirão naturais os sentidos históricos que aqueles e estes naturalmente deveriam conter" [274].

Ao propor a investigação do mundo da cultura, atribuindo aos saberes vulgares um sentido histórico, Vico articula, necessariamente com a história oficial, elementos que possibilitam resgatar os caminhos tomados pelo homem rumo à sua humanidade. Seria uma metafísica do homem atuando no sentido investigativo, que indica o "como" esse homem, providencialmente, com um sentimento religioso e de sociabilidade natural, atribuiu sentido ao seu mundo, criando deuses, mitos e fábulas, que inconscientemente nos conta sobre os caminhos tomados para se chegar à humanidade.

4.2 Sobre os universais poéticos e primórdios da humanidade

Com o primado da imaginação ou da fantasia, Vico fundamenta a sua filosofia na constatação de que a primeira forma de conhecimento teria como fontes as formas poéticas. A vida sensitiva, onde a fantasia predomina e dá sentido às mais diversas instâncias do homem, seus afazeres, suas formas de convivência, bem como seus desejos e necessidades da vida em comum, forneceria ao homem, com as suas mais diversas construções fantásticas, as condições que possibilitariam a construção de um mundo que o conduziria à sua vida civil. A vigorosa fantasia dos primeiros homens da gentilidade ganha as mais diversas formas, para assim constituírem os fundamentos das primeiras sociedades. As fábulas e os mitos contam a história da humanidade bárbara e heróica. Os poemas nos dizem sobre as origens das nações. Documentos como os de Homero, da mitologia dos caldeus e egípcios, nos fornecem elementos que possibilitariam compreender, desde a moral das famílias às premissas das ordens políticas e sociais, seus nascimentos, desenvolvimento e declínio.

Os hieróglifos, denominados por Vico de universais poéticos (ou fantásticos), seriam decorrentes da necessidade natural de se falar por meio dos mesmos. Vico refuta a idéia de que a invenção de tais instrumentos seria mérito dos filósofos, para "esconder no seu interior os seus mistérios de alta sabedoria secreta" [275]. Ele cita Heliodoro, na obra *das coisas da Etiópia*, onde os Etíopes se serviam de tais caracteres como representação das artes fabris.

[274] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 221.
[275] Ibidem, p. 269.

Outro exemplo seria o de Idantirso, rei dos Citas, que teria respondido a Dário, que lhe tinha declarado guerra, fazendo uso de cinco palavras, a rã, para significar que o mesmo, como as rãs que nascem da terra quando chove, seria também filho da terra; o rato, para significar, que teria construído sua casa onde nasceu, e ali havia fundado a sua gente, o pássaro para significar que possuía os auspícios e que não estaria sujeito a mais ninguém senão a Deus. Outro signo seria o arado, para significar a posse das terras pelo cultivo, tendo-a dominado pela força e, por último, o arco, significando que na Cítia possuía o império das armas, tendo pois o dever e o poder de defendê-la. Tais exemplos teriam sido uma explicação natural e necessária do uso dos hieróglifos [276].

Vico afirma que uma investigação do direito natural das gentes, para ser completa, e se dirigindo aos jusnaturalistas Grocio, Selden e Pufendorf, deveria ter como fontes os hieróglifos criados desde os tempos mais remotos. Como fontes, Vico propõe que se levem em conta a invenção de Mercúrio Trismegisto, na sua invenção das letras e leis para os Egípcios, e dos ‘nomes’, com o significado tanto de ‘gentes’, como direito para os Romanos. De tais coisas se deveria começar uma investigação sobre o direito natural das gentes, “com os hieróglifos e com as fábulas, que são as medalhas dos tempos nos quais se fundaram as nações gentias” [277].

Outro exemplo seria o hieróglifo de uma águia no cimo de um cetro que, para Vico, “por uniformidade de idéias, entre os Egípcios, os antigos Toscanos, os Romanos e os Ingleses” [278], tal signo estaria presente nessas nações que, mesmo “ divididas entre si por imensos espaços de terra e de mares, devem ter igualmente significado que os reinos tiveram os seus começos dos primeiros reinos divinos de júpiter em virtude dos seus auspícios” [279]. Daí a possibilidade de certificação dos costumes com uma metafísica sobre os autores das nações, tornando-se essa primeira crítica filológica, apresentada por Vico quando reflete na seção quarta *Do método*, sobre as provas filológicas e sua autenticidade. Ele diz que as mesmas “se sucedem em seguida, chegam ao mesmo tempo e vêm a ter confirmada a sua autoridade com a razão e a confirmar a razão com a sua autoridade” [280].

Os primeiros autores da humanidade faziam uso da tópica sensível unindo as propriedades, ou qualidades das coisas “ou relações por assim dizer, concretas dos indivíduos

[276] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 269.
[277] VICO, *Giambattista. A Ciência Nova,* p. 319.
[278] Ibidem, p. 313.
[279] Ibidem, pp. 313 - 314.
[280] Ibidem, p. 190.

ou das espécies e com elas formavam os seus géneros [sic] poéticos" [281]. Faziam uso do engenho, que tem como propriedade o descobrir, assim, perceberam todas as coisas necessárias à vida, o cômodo, o prazeroso, e mesmo o supérfluo do luxo, já existiam antes mesmo de aparecerem os filósofos [282].

Como já foi explicitado, os primeiros autores da gentilidade foram os "poetas teólogos", pois ao interpretarem os sinais da natureza, fazendo uso da imaginação e fantasia, nos forneceram, por meio dos hieróglifos, sua compreensão da realidade. O fantástico seria o critério de verdade, atribuindo sentido às suas vidas [283].

Com os poetas teólogos têm-se as leis orais contadas em seus versos, para serem refletidas e passarem a ser objeto da lógica e da retórica. Daí passou a ser compreendidos os universais inteligíveis, passando a lei a ser universal. Vico adverte que nas repúblicas heróicas não existiam leis referentes aos agravos e ofensas privadas [284]. Os hieróglifos, presentes ao longo das histórias, mitos, fábulas, bem como nos hábitos e costumes os mais diversos, seriam os pressupostos para que se tivesse ciência da formação dos povos. Um dos aspectos principais de sua ciência consistia no fato da mesma ser uma *teologia civil* refletida da providência, começada com base na sabedoria vulgar dos primeiros legisladores: os poetas teólogos contemplando Deus pelo seu atributo providente. Em seguida, com a sabedoria secreta dos filósofos, ter sido demonstrada com a razão sua *teologia natural* [285].

Outro aspecto seria o da autoridade da sua filosofia, sendo em um primeiro momento divina. O divino aqui foge, porém, às idéias dos estóicos e a suas causas externas, como é apresentado por Vico na fábula homérica em que Júpiter, para provar ser o rei dos homens e dos deuses, propõe, com o uso de uma argola, que por uma das extremidades se agarrassem todos os homens e deuses, que no outro extremo os arrastaria a todos. A interpretação de Vico se contrapõe a dos estóicos e à ideia deles de causas externas, onde Júpiter é condenado a conduzir o mundo. Vico afirma não se tratar de fado, pelo fato de Júpiter ter feito uso do arbítrio. Essa fábula teria o significado do divino conduzindo os primeiros homens [286].

Ademais, no âmbito do humano, Vico nos diz da autoridade humana, pois defende que os homens primitivos celebravam a liberdade do "humano arbítrio", pelo fato de eles

[281] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 321.
[282] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 322.
[283] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 216.
[284] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 326.
[285] Ibidem, p. 223.
[286] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 225.

refrearem seus motos, dando melhores direções aos seus vícios bestiais de vagarem, se habituando a costumes totalmente contrários, ou seja, o de se fixarem escondidos por muito tempo nas grutas. Por se estabelecerem, desde o tempo dos "primeiros raios" nas grutas, teriam se tornado naturalmente senhores das terras, pela ocupação e permanência: ter-se-ia com isso uma autoridade do direito natural. Daí os princípios de todos os domínios do mundo, tornando-se os príncipes das gentes, em que "casas nobres antigas, ramificadas em muitas famílias, das quais foram compostos os primeiros reinos e as primeiras cidades" [287].

4.3 A relevância do senso comum

É notória, ao longo da obra *Scienza Nuova*, a presença e importância do senso comum como tema fundamental para proposta viquiana de uma nova ciência. Vico define o senso comum como "um juízo sem reflexão alguma, comummente (sic) sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero (sic) humano" [288]. Ademais, os homens não são constituídos apenas de intelecto e razão, pois são dotados ainda de corpo, são movidos pelas paixões, pelos afetos, enfim, por todas as coisas que dizem respeito às faculdades pré-reflexivas. O "senso comum" é a realidade primordial dos seres humanos, e neste "juízo sem reflexão" estaria o critério para que se pudesse compreender os caminhos percorridos pelo homem em seu processo de humanização.

Na *Dignidade* XIII, Vico realiza uma digressão sobre o "senso comum", afirmando que "idéias uniformes, nascidas no seio de povos inteiros, desconhecidos entre si, devem possuir um fundamento comum de verdade" [289]. Ele propõe tal dignidade como "grande princípio", por estabelecer que o "senso comum do gênero humano é o critério ensinado as nações pela Providência divina para definir o certo sobre o direito natural das gentes" [290].

Para Vico, o arbítrio humano é muito incerto, pois o mesmo certifica-se pelo senso comum sobre as "necessidades ou utilidades", que são as fontes do direito natural [291]. O arbítrio humano é compartilhado por todos os homens, mas que ainda constitui uma noção pré-reflexiva. Tal arbítrio é determinado pelo senso comum. Estariam assim presentes as mais

[287] VICO, Giambattista. A *Ciência Nova*, pp. 226 - 227.
[288] Ibidem, p. 111.
[289] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 111.
[290] Ibidem, p. 111.
[291] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 109 - 110.

diversas, faculdades humanas, fantasia, engenho e imaginação, atuando no sentido de unir os homens em comunidade em suas experiências, conservando os mais variados costumes, hábitos e outros na gênese humana [292].

Em se tratando de se conhecer a "gênese do mundo civil", Vico defende ser preciso que se busquem fundamentos de verdade nas tradições vulgares. Trata-se de tradições, que tiveram suas modificações acompanhando as mudanças nas linguas, costumes que constituíram as particularidades de cada cultura. O senso comum estaria presente e faria parte da formação do homem, ou seja, naquilo que é sentido por todos, mesmo que em lugares com seus mais variados costumes e culturas. Embora o senso comum seja de uma instância pré-reflexiva, para Vico, somente nele se encontrariam os fundamentos que possibilitariam uma compreensão das causas que fundamentariam e até explicariam os efeitos de determinada sociedade. Com a definição viquiana de senso comum, tem-se uma verdade sobre os autores das nações, pois não seria possível com uma filosofia sob a luz da razão.

Daí Vico propor uma investigação filológica, tendo como objeto, a autoridade do arbítrio humano que, por sua vez, seria a consciência do certo. Ele amplia o conceito de filologia, bem como a abrangência da mesma, nos apresentando tanto a insuficiência dos filósofos, como dos filólogos de seu tempo

> ...define serem filólogos todos os gramáticos, historiadores, críticos, que se ocuparam da cognição das línguas e dos fatos dos povos, tanto em casa, como são os costumes e as leis, como fora, tal como são as guerras, as pazes, as alianças, as viagens, os comércios. (...) Esta mesma dignidade demonstra terem ficado a meio caminho tanto os filósofos, que não acertaram as suas razões com a autoridade dos filólogos, como os filólogos, que não cuidaram de certificar a sua autoridade com a razão dos filósofos... [293].

Com a ampliação e a abrangência de sua definição de filologia, Vico intensifica ainda mais a importância do senso comum. Não se tratam apenas de experiências isoladas entre si, pois a formação do mundo das nações teve como fundamentos, os costumes do vulgo, e que as "tradições vulgares devem ter tido fundamentos públicos de verdade, pelo que nasceram e foram conservadas por povos inteiros durante largos períodos de tempo" [294].

---

[292] Ibidem, pp. 111 - 112.
[293] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 111.
[294] Ibidem, p. 113.

4.4 Sentido originário da moral, do ético e do político

Para Vico, a moral poética teria sido introduzida no processo civilizatório, em seus princípios, pela religião. Por meio dos sentidos os homens primitivos produziram a idéia de Júpiter, e atuaria no sentido de fazê-los pios. Onde, nesse sentido, para um bom uso da cognição de Deus, as mentes aterrorizam a si mesmas, e uma piedade começada com a religião, pelo temor de uma divindade. A presença da religião desde os mais remotos tempos é evidente. Como Vico exemplifica, ao citar Homero, em uma passagem em que Ulisses teria sido advertido por um augúrio. Tal situação constata uma moral poética tendo, em seus fundamentos, a assertiva de que foi pela piedade, bem como pelo temor da divindade, por onde teriam se habituado os homens a um comportamento que possibilitou uma sociabilidade. Outro exemplo seria a fábula de Ticio e Prometeu, em que os mesmos, acorrentados a um rochedo, teriam uma águia devorando seus corações e vísceras. Aqui se é definido que por conato, deve ter começado a virtude moral, bem como começou a despertar a virtude do ânimo [295].

Sendo a religião um dos seus três princípios, juntamente com os matrimônios e as sepulturas, pode-se compreender que os matrimônios necessariamente foram celebrados: "uniões carnais pudicas feitas com o temor de qualquer divindade" [296]. De tais costumes primitivos ainda estão presentes solenidades como: a mulher adotando a religião pública de seus maridos. Daí terem as primeiras idéias humanas comunicadas pelos maridos às suas esposas "a partir da idéia de uma sua (sic) divindade, que os forçou a arrastá-las para dentro das grutas; e, assim, esta metafísica vulgar começou também ela, a conhecer em deus a mente humana" [297]. Outra solenidade é a do costume de as mulheres se cobrirem com véus, em sinal de vergonha, "em sinal daquela vergonha que fez os primeiros matrimônios do mundo" [298]. Uma terceira seria a de se tomar as esposas com certa força fingida, a qual fora conservada pelos romanos, para ser lembrada "a força verdadeira com que os gigantes arrastaram as primeiras mulheres para dentro das suas grutas" [299].

[295] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 328 - 329.
[296] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 330.
[297] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 330.
[298] Ibidem, p. 333.
[299] Ibidem, p. 344.

Para Vico, a piedade e a religião fizeram os primeiros homens naturalmente prudentes, comedidos em seus casamentos, fortes, industriosos e magnânimos. Não condizendo com a imagem racional dos "poetas afeminados" e dos filósofos, como indica a seguinte passagem:

> ... na qual era lícito tudo o que agradasse; porque, naquela dos poetas teólogos, aos homens, estonteados com todo o gosto da nauseante reflexão (...), não agradava senão aquilo que era lícito, nem agradava senão aquilo que era útil (...) nem como imaginaram os filósofos, que os homens leriam no peito de Júpiter as leis eternas do justo; porque, primeiramente, leram na presença dos céu as leis que lhes eram ditadas pelos raios [300].

As virtudes eram oriundas de uma imanência, como afirmou Vico, exemplificando os povos Citas, "os quais cravavam uma faca na terra e a adoravam como deus (com que, depois, justificavam os assassinatos): isto é, virtudes pelos sentidos, misturadas de religião e de imanidade" [301]. Tendo sido a primeira moral supersticiosa e feroz, costumes como o de consagrar vítimas humanas aos deuses, fizeram parte da trajetória do homem. Como exemplo, Vico cita ainda os antigos fenícios que, diante de uma calamidade, guerra e outras mais adversidades que pudessem por em risco a comunidade, "os reis consagravam seus próprios filhos para aplacar a ira celeste, como conta Filon de Biblos"[302]. Vico não se limita apenas aos tempos primitivos, quando diz que

> ...não deve provocar admiração a quem quer que reflicta (sic) sobre a ciclópica potestade paterna dos primeiros pais do gentilismo, que foi praticada pelos mais doutos das nações, como foram os Gregos, e pelos mais sábios, como foram os Romanos, ambos os quais, até nos tempos da sua mais culta humanidade, tiveram o arbítrio de matar os seus filhinhos recém-nascidos [303].

Para Vico, os doutos teriam errado acerca da inocência do século de ouro, observado desde as primeiras nações gentias. Ao contrário do que fora idealizado por eles, "foi um fanatismo de superstição, que mantinha sob certo dever os primeiros homens do gentilismo, selvagens, orgulhosos, ferocíssimos, com um forte pavor de uma divindade por eles

[300] Ibidem, p. 340.
[301] Ibidem.
[302] Ibidem, p. 341.
[303] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 341.

imaginada" [304]. Vico, lembrando Plutarco em seu questionamento, se "teria sido um mal menor venerar assim os deuses impiamente, ou não acreditar de todo nos deuses" [305], sustenta que Plutarco não contrapôs a idéia da feroz superstição ao ateísmo, "porque com aquela surgiram luminosas nações, mas com o ateísmo não se fundou no mundo nenhuma" [306].

Para Vico, os primeiros pais da gentilidade eram sacerdotes, por serem sábios na observação dos auspícios, eram reis, na medida em que levavam as leis ditadas pelos deuses às suas famílias. A seguir, com a rebelião dos fâmulos, aqueles pais passaram a ser reis das primeiras cidades heróicas [307]: algo que não corresponderia à idéia de Platão que havia suposto um tempo "em que os filósofos reinavam ou filosofavam os reis" [308]. Tampouco os filósofos políticos ao acreditarem que a primeira forma de governo teria sido a monarquia, teriam uma opinião plausível sobre tal tema. Para Vico, consistia um princípio injusto da "coisa política", a crença de que os reinos nasceram pela força ou pela fraude. O que não poderia ser possível se, conforme o autor:

> Naqueles tempos, todos de orgulho e arrogância, pela fresca origem da liberdade bestial (...) com a suprema simplicidade e rudeza de (...) vida, em que estavam contentes com os frutos espontâneos da natureza, com a água das fontes e o dormir nas grutas (...) no qual todos os pais eram soberanos nas suas famílias; não se pode, de facto, compreender nem fraude, nem força, com que alguém pudesse submeter todos os outros a uma monarquia civil [309].

Vico descreve o caminho percorrido pelo homem primitivo rumo à civilidade. Com a passagem dos primeiros homens da gentilidade do estado ferino à sociedade humana, tem-se a primeira sociedade, a dos matrimônios, sendo necessário, para isso, um refrear das paixões, entre elas a da libido bestial, por meio das religiões [310]. Segundo Vico, "a verdadeira amizade natural é o matrimônio, na qual naturalmente começaram todos os três fins do bem, isto é, o honesto, o útil e o deleitável; pelo que o marido e a mulher passam por natureza a mesma

---

[304] Ibidem, p. 344.
[305] Ibidem.
[306] Ibidem.
[307] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 346.
[308] Ibidem.
[309] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 347.
[310] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 382.

sorte em todas as propriedades e adversidades da vida" [311]. As primeiras sociedades foram a dos matrimônios e as dos fâmulos.

Vico estabelece a distinção no que diz respeito aos motivos do surgimento dessas sociedades. Nas primeiras, sob os desígnios da religião, tem-se por instinto natural a intenção de propagar a geração humana, consistindo os casamentos em uma relação de amizade. Em seguida, surgem os fâmulos e uma nova forma de sociedade, mas para a satisfação das necessidades mais imediatas, a de salvarem suas vidas. Isso envolve uma situação de utilidade, tendo sido tais fâmulos recebidos pelos heróis, sob proteção dos mesmos, teriam então que servirem aos seus senhores que os acolheram [312]. Depois, com as guerras, as comunidades são ampliadas com os escravos capturados e assim nascem as cidades [313].

Mais adiante Vico relata sobre as origens de Roma que, como todas as cidades em seus princípios, era composta apenas de nobres e naturalmente passam a ter a necessidade da existência daqueles que servissem. Roma, com a revolta dos fâmulos, revela que "os heróis foram constrangidos, por um senso comum de utilidade, a contentar a multidão dos clientes sublevados" [314], envia-lhes a primeira lei agrária que nasceu no mundo: a do domínio bonitário dos campos.

Isto não constituía vantagem, pois "tendo os fâmulos a vida precária sujeita a esses heróis, que a tinham salvo nos seus refúgios, direito era e razão que tivessem um domínio similmente precário, que gozassem enquanto aos heróis lhes aprazesse [aprazasse] conservá-los na posse dos campos que lhes tinham atribuído" [315]. Como Vico comentara anteriormente, a "natureza dos fortes (...) é a de renunciar, em relação aos bens adquiridos com virtude, o menos que lhes fosse possível, e apenas o quanto for necessário para que possam conservar mais aquisições" [316]. Desse modo, nascem as primeiras plebes das cidades heróicas, onde os fâmulos não tinham nenhum privilégio de cidadão [317].

Assim fora a situação dos plebeus romanos, até a contenda dos conúbios. Com essa, os pais passam a conceder o privilégio das núpcias solenes, que eram antes privilégio apenas dos heróis. A importância desse direito se revela pelo fato dos mesmos passarem a possuir

---

[311] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova.*
[312] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 383.
[313] Ibidem, p. 384.
[314] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 427.
[315] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 428.
[316] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 414 - 415.
[317] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 428.

existência jurídica. Passam a ter direito à propriedade, bem como dispô-las em testamento, o que não era possível anteriormente, em que os campos regressavam às mãos dos nobres [318]. Vico, na Tábua cronológica, descreve como a cidadania romana foi estendida à classe plebéia:

> ... segundo a série de desejos humanos, receberam os plebeus dos pais a transmissão de tudo o que depende dos auspícios que era de direito privado, como poder paterno, existência jurídica, agnação, gentilidade e, por estes direitos, as sucessões legítimas, os testamentos e as tutelas. Depois pretenderam o que dependia do direito público, e, primeiro receberam a transmissão dos impérios com os consulados e, finalmente, os sacerdócios e os pontificados e, com estes, também a ciência das leis [319].

Seguindo o momento da defesa e proteção da liberdade natural, têm-se os tribunos consolidando a liberdade civil. Como Vico apresenta Sérvio Túlio, estabelecendo o censo com as diretrizes de não mais se pagar impostos privadamente aos nobres, e sim ao erário, teria como função subministrar as despesas de guerra aos plebeus, tendo assim, a base senhoril se extinguido e naturalmente, dando lugar à base da liberdade popular [320]. Com a presença das religiões, dos matrimônios e o surgimento das ordens familiares, que posteriormente concedem asilo aos fâmulos sob a condição de clientes, tem-se as origens das cidades e nascem de duas comunidades: uma de nobres e outra de plebeus. De onde nasce a matéria da Ciência política, que seria a ciência de comandar e obedecer nas cidades [321].

4.5 Curso da história das nações e barbárie da reflexão

Tendo sido a *Scienza Nuova* uma proposta de investigação do passado, para que, com isso, se tivese a história do desenvolvimento das idéias humanas desde os seus primórdios, Vico vai mais além, pois seu método de investigação ultrapassa a mera descrição e enumeração de feitos e fatos do homem na sua trajetória de humanização. Os hábitos, costumes, mitos e fábulas, fontes a serem averiguadas pelo autor, nos possibilitam conhecer o homem desde que passou a pensar humanamente Ainda com a razão em formação,

[318] Ibidem, pp. 428 - 429.
[319] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 97.
[320] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 98.
[321] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 465.

predominavam os sentidos, a imaginação e a fantasia, bem como a submissão às mais intensas paixões.

Com uma metafísica do homem, Vico nos justifica ser possível conhecer as causas (o que foi feito pelo homem), para assim compreendermos os efeitos presentes, na vida civil. Tendo estabelecido seus princípios universais e eternos, com as religiões, os matrimônios e as sepulturas, Vico no livro II da *Scienza Nuova* nos fala de uma sabedoria vulgar, a qual contém as origens de todas as coisas divinas e humanas da gentilidade. Tendo sido investigadas e descobertas naquele livro, comprovadas no livro III, que trata dos poemas de Homero, Vico identifica como dois grandes tesouros do direito natural das gentes da Grécia [322], quer esses poemas quer a lei das XII tábuas [323].

No seu livro IV, Vico discorre sobre o curso que fizeram as nações. Tal curso procede com uniformidade, mesmo com os variados e diferentes costumes, seguindo a ordem da divisão das três idades dos Egípcios: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens. Isso porque tal divisão seria uma constância ininterrupta das ordens de causa e efeito presentes nas as três espécies de natureza, de costumes, de direito e de outras mais "unidades especiais" contidas no mundo das nações [324]. Conforme Vico trata-se de unidades especiais essas que, "com muitas outras que lhes sucedem (...) confinam todas numa grande unidade geral, que é a unidade da religião de uma divindade providente, a qual é a unidade do espírito, que informa e dá vida a este mundo das nações" [325].

No livro V da *Scienza Nuova*, Vico faz uma elucidação sobre os tempos bárbaros primeiros, chamado por ele de a "barbárie dos sentidos "(*barbarie dei sensi*), e afirma ter sido a idade média um período em que teria retornado as coisas humanas daquela primeira barbárie, havendo uma concordância entre os tempos bárbaros primeiros e os tempos bárbaros regressados [326]. Com o esclarecimento desse período, por ele denominado de *"barbárie retornada"* (*barbarie ritornata),* Vico anuncia o risco da possibilidade de ocorrer uma terceira barbárie, a do intelecto (*barbarie della reflessioni*). Para ele, essa possível barbárie

[322] Ibidem, p. 667.
[323] A importância de tais documentos é explicada pelo autor da seguinte forma: quanto a Homero, Vico descarta a idéia de que o mesmo teria sido um homem particular, ao invés disso, o mesmo fora um caractere poético, que nos conta a história do direito natural da Grécia; no que diz respeito a lei das XII tábuas, a princípio se acreditava terem sido leis dadas a Sólon aos atenienses, para posteriormente chegarem aos romanos, teriam sido na verdade a história natural das gentes do Lácio. [Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 655].
[324] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 667.
[325] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 668.
[326] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 789.

teria conseqüências muito mais desastrosas que a primeira, a dos sentidos. Segundo ele escreve:

> ... passam a fazer das cidades selvas e das selvas covis de homens; e, desse modo, ao longo de vários séculos de barbárie, vão-se enferrujar as grosseiras subtileza dos engenhos maliciosos, que tinham feito deles feras mais imanes com a barbárie da reflexão do que tinham sido com a primeira barbárie do sentido. Porque esta descobria uma ferocidade generosa, da qual os outros se podiam defender, ou salvar-se ou evitar; mas aquela, com uma ferocidade vil, com as lisonjas e os abraços, arma ciladas à vida e às fortunas dos seus confidentes e amigos [327].

A reflexão sobre o retorno das coisas civis consiste na apresentação das matérias que compunham os primeiros e os últimos tempos das nações antigas e modernas. Para Vico, seria uma explicação completa da história, que iria alem da "época das leis e dos factos (sic) dos Romanos" [328] e "dos Gregos. A história ideal das leis eternas- tratada ' nos seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins" [329].

Ao longo da *Scienza Nuova*, Vico vem destacando a importância do mundo civil, a relevância do estudo das primeiras sociedades, onde se tem a natureza sociável do homem conduzindo-o à civilidade. Com a sua investigação, tem-se a história das idéias humanas, que possibilita o conhecimento da barbárie dos sentidos, ou seja, do primeiro pensamento humano, que inclui a evolução do homem desde o seu errar ferino. São tempos selvagens, onde as paixões mais primitivas dominavam o ânimo, em que a religião, era o único meio de domesticá-lo, desde o começo do processo civilizatório [330].

Em seguida, Vico expõe os fundamentos dos primeiros governos, seus desenvolvimentos, até o aparecimento da filosofia e o apogeu das nações. O último período seria o de decadência, ou seja, da segunda barbárie, concernente ao período medieval, ocasião aquela em que se havia caído na violência da primeira barbárie. Neste momento, Vico

---

[327] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 842.

[328] O curso das coisas humanas civis teria sido seguido apenas pelos romanos, os mesmos se regulavam pela providência por meio da sabedoria vulgar, segundo a ordem natural das três formas de Estados civis, e mantendo-se em cada uma delas naturalmente na ordem de sucessão. Indo tais povos em um primeiro momento um estado aristocrático, sucedido pelas republicas livres, com a publicação das leis Publícia e Petélia, onde se passa a cultivar a liberdade popular, passando em seguida, à monarquia enquanto os povos (...) puderam humanamente resistir as causas internas e externas que destroem tal forma de Estados, ao Estado das repúblicas livres (VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 826).

[329] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 830.

[330] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 229.

justifica indicando alguns retrocessos, como surgimento do sistema servil, a autoridade ilimitada dos primeiros pais, o desaparecimento do poder real, confluindo com o declínio das cidades.

Não se trata de uma repetição, o homem faz a história com o intuito de criar as suas condições reais de existência e atua também no sentido de procurar suprir as necessidades da convivência, obedecendo à idéia de que as ordens teriam sido ditadas pela Providência divina [331]. Com essa nova ordem não seria diferente, ela constituiria uma (...) "nova ordem da humanidade entre as nações, a fim de que, segundo o curso natural das mesmas coisas humanas, ela fosse firmemente estabelecida" [332].

Embora Vico reconhecesse as conquistas do período anterior, ele alerta sobre os danos causados em decorrência do comportamento humano. O homem teria regredido à violência da primeira barbárie, apresentando um embrutecimento nas relações, que por sua vez desencadeariam dificuldades no trato entre os homens na vida civil. Um novo embrutecimento do homem geraria uma desigualdade nas ordens que compunham a sociedade, estando a mesma sob a opressão, teria como conseqüência perigos quanto à manutenção civil do homem, pondo em risco o processo civilizatório. Os danos eram visíveis e seu diagnóstico revela que tal situação poria em risco a própria humanidade.

A "barbárie do intelecto" (*barbarie della reflessioni*) traria conseqüências ainda mais desastrosas para o homem, pois, sendo observada a dissolução dos costumes e dos vínculos sociais, imperaria individualismo, as comodidades e as necessidades satisfeitas não levariam em conta os outros membros da comunidade, sendo nefastos os efeitos da mesma. O potencial intelectual estaria a serviço, não do bem comum, e sim da satisfação de poucos que, detendo o poder, não teriam nenhum compromisso com o coletivo, pondo em risco tudo aquilo que fora conquistado durante o curso da história da humanidade. Segundo Vico apresenta:

> ...uma vez que tais povos, à maneira dos animais, se tinham acostumado a não mais pensar em mais nada senão nos seus próprios interesses particulares, e cada um tinha atingido o cume das comodidades ou, para melhor dizer, do orgulho, à maneira de feras que, ao serem minimamente contrariadas, se ressentem e se enfurecem, e assim, na sua maior celebridade

[331] Ibidem, p. 186.
[332] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 791.

> ou loucura dos corpos, viveram como animais imanes numa suprema solidão de ânimos e de vontades [333].

Retomando o curso que fizeram as nações, Vico descreve a trajetória do homem, com base na sua metafísica e, ao mesmo tempo, demonstra os sinais da terceira barbárie. Nos tempos primitivos, diante das intempéries da natureza, a Providência ordena que os homens imaginem uma força superior a qual se submetam. Tais homens imaginaram Júpiter, que seria a divindade protetora e mantenedora, introduzindo assim a ordem das coisas humanas. Daí sustentar:

> ...imaginaram que todas as utilidades humanas que lhes foram subministradas e todas as ajudas levadas às suas necessidades humanas eram deuses e, como tais, os temeram e reverenciaram (...) sentiam que o aspecto do céu lhes era terrível e, por isso, lhes impedia a prática do apetite carnal, eles devem ter detido as energias do movimento corpóreo da libido; e assim, começado a usar a liberdade humana (...) chegaram a isso: que, apoderando-se das mulheres à força, naturalmente relutantes e esquivas, arrastaram-nas para dentro das grutas e, para as usarem, retiveram-nas ali dentro detidas na perpétua companhia das suas vidas... [334]

Daquele comportamento, surge naturalmente a instituição dos matrimônios, seguido do estabelecimento dos primeiros pais nas terras por eles conquistadas. Tendo os mesmos permanecido ali, por muito tempo, naturalmente, adquirem o direito a propriedade, pelo fato de sua permanência por muito tempo, cultivando os campos, constituíram as famílias, enterrando seus mortos, teriam os mesmos conseguido a posse de tais domínios [335]. Aqueles pais se tornaram senhores de seus domínios, e passaram a receber aqueles que não haviam observado as ordens ditadas pela Providência. Tais homens foram recebidos sob a proteção dos pais, na qualidade de fâmulos, passando os mesmos a constituírem posteriormente as primeiras cidades heróicas.

Por certo tempo, aqueles pais foram virtuosos, por meio da piedade decorrente da Providência, foram prudentes, temperantes, fortes e magnânimos. Posteriormente passam, porém, a não respeitar a lei natural da justiça, seu engrandecimento, suas comodidades seriam

---

[333] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 841.
[334] Ibidem, p. 834.
[335] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* pp. 834 - 835.

à custa dos seus protegidos, ou seja, clientes [336]. Diante de tal situação de servidão e submissão, com o desenvolvimento das mentes humanas, os fâmulos passam a compreender que eles eram iguais em natureza aos nobres. De tal situação, os direitos civis públicos e privados passam a ser concedidos à plebe. Os povos passam a ser os senhores e soberanos nas cidades, daí o surgimento dos governos das repúblicas livres, em que os povos aspiram em comum à justiça, e passam a ordenar leis justas universais.

Nesse período surge a Filosofia, que refletindo as virtudes na idéia, diante de uma situação em que a religião não mais conseguia fazer que os homens fossem capazes de ações virtuosas, recomenda-lhes que, não possuindo virtudes, ao menos se envergonhem dos vícios. Das filosofias surge a Eloqüência, atuando no sentido de que se ordenassem boas leis. Os cidadãos passam, entretanto, a não mais se contentarem somente com as riquezas e as satisfações de suas necessidades para instituírem as ordens, corrompem a Eloqüência:

> ...e não se contentando já os cidadãos com as riquezas para instituir a ordem, quiseram fazer dela poder; como astutos furiosos o mar, agitando guerras civis nas suas repúblicas, conduziram-nas a uma desordem total e, assim, de uma perfeita liberdade, fizeram-na cair debaixo de uma perfeita tirania (que é a pior de todas) (...) que é a anarquia, ou seja, a desenfreada liberdade dos povos livres [337].

Quando a dissolução dos costumes é notória, pondo em risco a própria convivência, ou seja, a ordem civil das nações, a Providência, em um primeiro momento, aplica dois remédios: um deles é o surgimento de homens que tomariam o poder, como monarcas, obtendo em suas mãos todas as leis e armas, para então reconduzir o povo à ordem natural e mantê-los satisfeitos com a sua religião e liberdade natural. Trata-se de pré-requisitos para que os Estados monárquicos sejam duradouros e seguros [338]. Nesse ponto, entre as muitas ocorrências, que refletem um retorno de elementos na barbárie da reflexão, podemos indicar o retorno das línguas mudas dos tempos bárbaros heróicos, e suas implicações na crise das repúblicas livres populares. Desde a invasão da Europa, da Ásia e da África do século XV, Vico afirma não se encontrar escritos na língua própria vulgar daqueles tempos, nem mesmo a italiana, tampouco a francesa ou mesmo alemã. Os poucos escritos existentes eram em latim bárbaro, compreendido apenas por alguns nobres (pouquíssimos), e em sua maioria

[336] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 836.
[337] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 840.
[338] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 841.

eclesiásticos. Para Vico, tal situação apontaria para um retorno dos tempos bárbaros heróicos. Conforme a seguinte passagem:

> ... pelo que nos resta imaginar que, durante todos esses séculos infelizes, as nações teriam voltado a falar entre si uma língua muda. Escassez de letras vulgares pela qual deve ter regressado, por toda parte, a escrita hieroglífica das divisas nobres, que, para se certificarem os domínios (...) significariam direitos senhoriais, geralmente sobre as casas, sepulcros, campos e rebanhos [339].

Nesse contexto, por se tratar de uma crise nas línguas e nas letras, há de se compreender que ao mesmo tempo seria uma crise nas repúblicas populares, nas formas monárquicas. Como as línguas e as letras são propriedade do vulgo, pois as leis universais resultam de tais falares vulgares, para que os povos livres sejam senhores das suas leis, e igualados pelas mesmas em natureza civil, revela que tais repúblicas estariam em crise, uma vez que, para o estabelecimento das mesmas, tem-se como principal elemento uma língua vulgar, constituindo as leis. Conforme apresenta a passagem que trata sobre os governos humanos, que deveriam seguir a ordem natural de sucessão, Vico sustenta:

> ...devido à igualdade dessa natureza inteligente, que é a própria natureza do homem, todos são igualizados [sic] pelas leis, porquanto todos nascem livres nas suas cidades, igualmente livres e populares, onde todos, ou a maior parte, constituem essas forças justas da cidade, forças justas pelas quais são esses os senhores da liberdade popular; ou nas monarquias, nas quais os monarcas igualizam [sic] todos os sujeitos com as suas leis e, detendo apenas eles em suas mãos toda a força das armas, se distinguem unicamente na natureza civil [340].

Caso esse remédio não tivesse êxito, diante da insistência dos povos em continuarem corruptos, se tornando escravos de suas paixões, tornando-se assim escravos da avareza, da mentira, do orgulho, das calúnias, a Providência lança mão de outro remédio, a nações que chegam a tais extremos. As nações degeneradas passam de dominadoras a dominadas por nações melhores. Conforme Vico:

---

[339] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, pp. 794 - 795.
[340] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 676.

> ... tornam-se escravos por direito natural das gentes que surge de tal natureza das nações, e passam a estar sujeitas a nações melhores, que as tenham conquistado pelas armas, e por estas se conservem reduzidas a províncias. No que também refulgem duas grandes luzes da ordem natural: das quais, uma é que quem não pode governar-se por si, deve deixar-se governar por outros que possam; a outra é que governem o mundo aqueles que sempre são por natureza melhores [341].

Na falha dos dois remédios acima, tem-se um terceiro aplicado pela Providência ante a decadência decorrente da barbárie do intelecto. Tais homens, reféns da malícia reflexiva, passam a reduzir em número os povos, pelas lutas e disputas, a humanidade se reduz a uns poucos homens. Com isso passam a serem sensíveis às utilidades necessárias à vida. Não obstante as conquistas já adquiridas, tais homens regressam à "primeira simplicidade do primeiro mundo dos povos, serão religiosos, verdadeiros e leais, e, assim, regressará entre eles a piedade, a fé, a verdade" [342].

Desde o errar ferino, os matrimônios e as sepulturas, para, a seguir, surgirem as famílias, em que os pais passam a proteger os mais fracos na condição de fâmulos, depois surgissem os governos populares e monárquicos, ocorre a ação da Providência. O homem se conduz assim, contrariando seus fins particulares em nome de um universal, para se conservar em sociedade. Mesmo quando o homem põe seus interesses particulares em evidência, decidindo pelo individualismo, a Providência faz que ele se salve retornando à suas solidões, como Fênix, e retornam novamente à ordem [343].

Vico refuta as idéias de acaso e destino, pois "quem fez tudo isso foi também mente, porque o fizeram os homens com inteligência; não foi destino, porque o fizeram por escolha; não acaso, porque com perenidade, fazendo sempre assim, produziram as mesmas coisas" [344]. Não obstante a religião estivesse presente desde o errar ferino do homem até o surgimento dos governos populares e das monarquias, não seria uma intervenção externa, pois o homem fez o mundo das nações, fazendo uso da inteligência, e fazendo uso da escolha diante das opções que se lhes apresentavam. Tampouco teria sido um acaso pelo fato de que os homens fossem poetas, no sentido de fazerem, construírem sua forma de sociedade [345].

---

[341] Ibidem, p. 641.
[342] Ibidem, p. 842.
[343] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 844.
[344] VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*, p. 844.
[345] Cf. VICO, Giambattista. *A Ciência Nova,* p. 844.

CONCLUSÃO

Para a finalização das questões que foram levantadas ao longo de toda a nossa pesquisa, a descoberta da relevância de uma eticidade nos princípios da humanidade, destacamos os primeiros escritos com o intuito de esclarecer o quanto Giambattista Vico era comprometido com as questões de sua época. Ciente das deficiências tanto dos métodos científicos quanto dos métodos de ensino prevalentes no seu tempo, Vico pesquisou, escreveu e publicou obras que tinham por principal finalidade solucionar as deficiências que envolviam os métodos de ensino, a conduta civil e a manutenção das conquistas e patrimônio cultural do humanismo civil renascentista. Comprometido com as doutrinas que abraçou, dizia ser responsabilidade daqueles que levantavam questões e críticas a qualquer disciplina, doutrina ou sistema propor novos elementos a fim de buscar soluções para os problemas identificados.

A orientação predominante é a da leitura das obras de Vico, fazendo assim o recorte necessário que nos revelaria em linhas gerais, a formação do seu pensamento. A abordagem histórica de seus escritos, mais relevantes, consistiria o fio condutor que nos permite uma maior compreensão sobre a nossa proposta inicial: a problemática de uma eticidade dos princípios na *Scienza Nuova.*

Valendo-se aqui da premissa da eticidade dos princípios na *Scienza* Nuova de Giambattista Vico, adotamos as seguintes hipóteses interpretativas: i) A “eticidade dos princípios” é fundamental na obra *Ciência Nova*, para pensar os primórdios das nações; ii) A imaginação humana também participa da formação do *ethos* nos primórdios da humanidade; iii) A *Nuova scienza* viquiana apresenta uma critica ao mundo moderno.

O seu principal oponente foi René Descartes, filósofo que, não obstante possuir grandíssima erudição que lhe proporcionara o Renascimento e as ideias humanistas, não teria levado em conta toda uma tradição que foi anterior a ele e que igualmente possibilitou todo o seu patrimônio cultural. Dizendo não ser preciso o conhecimento construído pelos doutos que vieram antes dele e que possibilitou a obtenção de um conhecimento verdadeiro. Embora admitisse haver passado por toda aquela tradição Humanista que compunha os *Studia humanitatis*, atribui a esses estudos pouca importância. Seu método de estudo prometia àqueles que a ele se dedicasse um conhecimento certo e seguro. Tal conselho foi seguido posteriormente quando da adoção de suas ideias em todos os grandes centros culturais da Europa.

Giambattista Vico, que a princípio simpatizou com as ideias propostas por Descartes, compreendeu os riscos que a adoção das ideias cartesianas traziam para a esfera da educação. Revela que, de fato, a tradição tem seus limites, mas o abandono da mesma seria algo muito prejudicial e nefasto. O método cartesiano tem suas vantagens, porém para certo universo da questão. As críticas de Vico a Descartes foram expressas no *De ratione,* no *De antiquíssima*, e na *Autobiografia*. A sua obra póstuma, a *Ciência Nova,* de 1744, também reúne o conteúdo das obras anteriores e, embora não cite diretamente o filósofo francês, a crítica de Vico é perceptível nas entrelinhas do texto.

Os outros autores que se deixaram guiar pelas ideias, quer de Descartes quer de outros autores, haviam incorrido em vários erros. Entre tais erros, Vico indica a "vaidade dos doutos" [*boria dei dotti*] que tinha por característica acreditar em uma sabedoria tão antiga quanto a própria humanidade, algo deveras incoerente e que Vico incorrera quando da escrita do *Sobre a antiga sabedoria dos italianos* [*De antiquíssima italorum sapientia*]. Talvez, por isso, percebera tal erro. Os autores que seguiam o cartesianismo, que ele denominou como "dogmáticos", tinham limitado as suas ideias por não admitirem existir um conhecimento certo nos autores da tradição. Os outros autores que se conduziam pelas doutrinas herdeiras dos pensamentos de Epicuro e Zenão eram ainda mais perigosas para o mundo civil. Conforme o autor, tais doutrinas por negarem a Providência punham em risco o mundo civil das nações.

O papel que a Providência desempenhou, mediante a instituição de um sentimento religioso na mente embrutecida dos homens que fundaram a humanidade, era inquestionável. O senso comum das nações é uma prova irrefutável disso. Ora como poderíamos negar que povos distantes no espaço e no tempo chegassem a conclusões, ou melhor, instituições homogêneas como: acreditar em uma divindade que comande o mundo natural, unir-se em matrimônio mediante rituais, e sepultar com piedade os seus mortos? Vico afirma com veemência: é estultícia negar que exista uma Providência Divina regendo as coisas humanas. Uma das causas de Vico escrever a *Scienza Nuova* é justamente a comprovação de que existe essa Providência no comando das coisas morais, e que seu escrito é uma "teologia civil refletida". O mito dos gigantes tem como principal objetivo esclarecer que não importa o quanto sejamos grandes e fortes ou doutos e sábios, necessário é que reconheçamos nossa insignificância ante as forças da natureza e incapacidade intelectual para conhecermos em totalidade o mundo que a Providência engendrou.

A humanidade não surgiu douta e sapiente como acreditavam os poetas, historiadores e filósofos. A “Idade de Ouro” não foi compreendida convenientemente pela tradição posterior, conforme explicita o autor quando revela ter descoberto “novos princípios para a poesia” e consequentemente para a mitologia. Os princípios éticos passaram por um processo de desenvolvimento, conforme Vico explica na sua obra principal. Os homens foram primeiramente “imanes” e “desajeitados” como os Polifemos; depois “magnânimos” e “orgulhosos” como os Aquiles; “valorosos” e “justos” como os Cipiões, “virtuosos” e “cheios de vícios” como os Césares; “tristes” e “reflexivos” como foram os Tibérios e, por fim, “dissolutos” e “desavergonhados” como os Calígulas e os Neros. Neste trecho da *Ciência Nova,* Vico transmite-nos o modo como se desenvolve o comportamento dos homens durante o processo de humanização. Ele esclarece ter ocorrido um processo de ascensão e queda presentes na História, este campo do conhecimento que Descartes e seus seguidores diziam não ter nada de relevante para contribuir às Ciências, ou melhor, que nem mesmo possuía seriedade de doutrina científica. Ao que Vico se lança para comprová-la filosófica e filologicamente como tal.

Vico adverte não existir um contínuo progresso das conquistas humanas, pelo contrário se não houver certa diligência e aferramento a certos princípios. O conhecimento por si não tem capacidade de elevar o homem, mas ao contrário pode soterrá-lo. Do mesmo modo como o abandono dos princípios de humanidade levou os homens a se tornarem bestas brutas na primeira barbárie dos sentidos. O abandono destes princípios naqueles tempos, em que celebramos as conquistas alcançadas pela humanidade, podem novamente nos levar a uma barbárie mais nefasta que aquela primeira: a barbárie da reflexão [*barbarie della riflessioni*]. Porque, conforme Vico adverte, sair ou renegar tais princípios de humanidade, como a crença em uma providência divina (religião), refreamento das paixões (concúbitos certos) e respeito pela tradição (reverência aos mortos) significa sair da própria humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Vico

VICO, Giambattista.*Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*[1725-1728] . in: *La Scienza Nuova e Opere scelte di G.B. Vico, a cura di Nicola Abbagnano*, Torino: UTET, 1962.

_____. *Opere giuridiche*. A cura di Paolo Cristofolini, Florença, Sanzoni,1974.

_____. *Opere Giuridiche*, testi, traduzioni e note di Paolo Cristofolini, con una introduzione di Nicola Badaloni, Firenze: Sansoni, 1974.

_____. *L'ordine degli studi del nostro tempo* [1708]. In: *La Scienza Nuova e altri scritti di G.B. Vico, a cura di Nicola Abbagnano,* Torino: UTET, 1976.

_____. *Vida de Giambattista Vico escrita por el mismo* [1725-1728]. *In*: *Autobiografía de Giambattista Vico*. Edición de Moisés González García, Josep Martínez Bisbal. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1998.

_____. *La Antiquísima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina* [1710]. Trad. Esp. NAVARRO GOMES, Francisco J. In: Cuadernos sobre Vico 11-12, Sevilla, (1999-2000). Disponível em:

http://institucional.us.es/cuadernosvico/uploads/11y12/gvico.pdf

Acesso em : 17 de set. 2010.

_____. *A Ciência Nova* [1744]. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. *Sinopse do Direito Universal* [1720]. Trad. br. GUIDO, H. Educação e Filosofia, América do Norte, 23, ago. 2009. Disponível em:

http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2171/1790.

Acesso em: 17 Set. 2010.

Obras sobre Vico:

ALARCÓN, Patrício. *El temor reverencial: un principio político en Hobbes* y *Vico. In: Cuadernos sobre Vico 23 (2009) / 24 (2010)* Sevilla (España).

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder* [1976]. Trad. br. Juan Antônio Gili Sobrinho, Brasília, 1982.

BADALONI, Nicola. *Su talune articolazioni dell concetto di mitologia in Giambattista Vico*, in: *Giambattista Vico nel suo tempo e nel nostro*. A cura di Mario Agrimi. CUEN Editore, 1999.

BORDOGNA, Alberto. *Gli idoli del foro: Retórica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*, Aracne editrice. Roma, 2007.

BURKE, Peter. *Vico.* [1985]. Trad. br. Roberto Leal Ferreira, São Paulo: UNESP, 1997.

BOTTURI, Francesco. (2003). *Caduta e storia*: *note sul* "*peccato originale*" in G. B. Vico. *Memorandum, 5*, 18-35. Retirado em 12/11 2010/, do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/botturi01.htm

CACCIATORE, Giuseppe. *La* ingeniosa ratio *de Vico entre sabiduría y prudência, in: Cuadernos sobre Vico* 17 – 18 (2004 - 2005). Sevilla - España.

CRISTOFOLINI, Paolo. *Vico y la naturaleza de las religiones de las naciones, in: Cuadernos sobre Vico 17 – 18 (2004 -2005).* Sevilla Spaña.

DAMIANI, Alberto M. *Vico y la estrategia racionalista*. *ÉNDOXA: Series Filosóficas, n." 13, 2000, pp. 121-132. UNED, Madrid.*

_____, *Alberto* M. *Orden civil y orden metafísico en la scienza nuova. in: Cuadernos sobre Vico* 11-12 *(1999-2000)* Sevilla (España).

FERRARI, Giuseppe. *Opere de Giambattista Vico ordinate ed illustrate coll'analisi storica della mente di Vico in relazione alla scienza della civiltà*, [1852].

FORTUNA, Sara. *La percezione di aspetti come matrice simbolica del mondo umano,* in *Il corpo e le sue facoltà. G.B. Vico*, a cura di G. Cacciatore, V. Gessa Kurotschka, E. Nuzzo, M. Sanna e A. Scognamiglio, in «Laboratorio dell'ISPF» (www.ispf.cnr.it/ispf-lab), II, 2005.

FILHO, Antônio José Pereira. *Método, imaginação, história; a presença de Espinosa em Vico*. In: *Spinoza: tecer colóquio* / Boris Eremiev*;* Mariana de Gainza*;* Luis Placencia compilado por Diego Tatián. - 1ª ed. – Córdoba: Brujas, 2007.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *A barbárie da reflexão e a decadência moral*, editorial philosophia, UFU, 2002.

_____. *Giambattista Vico: a filosofia e a evolução da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Nota Introdutória a tradução da Sinopse do *Diritto Universale* de Giambattista Vico. Educação e Filosofia, América do Norte, 23, set. 2009. Disponível em:

http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2281/1870.

Acesso em: 17 Set. 2010.

GRASSI, Ernesto i. *Filosofia critica o filosofia topica: il dualismo di pathos e ragione*, in <<Archivio di filosofia>>, 1969.

GENERALI, Dario (Retirado em 27/10/2010/, do World Wide Web: http://www.vitapensata.eu/2010/08/03/*la-nuova-scienza-in-italia-nel-primosettecento*/).

LIMA, José Expedito Passos. *A Estética entre os saberes antigos e modernos na nuova scienza, de Giambattista Vico*. 2006. 387 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. p.115.

LOMONACO, Fabrizio. *I devoti di G. Vico in Italia: a proposito di una recente polemica*. *Educação e Filosofia* – Vol 15 – nº 29, jan/jun 2001.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *"La 'Scienza Nuova' de Vico: 'bestioni' y 'eroi' romanos*. In: *Ensayos de historiografia antigua y moderna*. [1947] Trad. esp. Stella Mastrangelo. México: Fondo di cultura Económica, 1993.

MOONEY, Michael. "*La primacia del lenguaje en Vico"*; in: TAGLIACOZZO, Giorgio. et al. *Vico y el pensamiento contemporáneo* [1976]. Trad. esp. Maria Aurora Ruiz. Canedo y Stella Mastrongelo, México: Fondo de Cultura Ecuménica, 1987. pp.184 -201.

NUZZO, Enrico. *Figuras de la barbarie. Lugares y tiempos de la barbarie en Vico.* Trad esp. Josep Martinez Bisbal, in: *Cuadernos sobre Vico* 15 -16, 2003, Sevilla – Espana.

PEREIRA FILHO, Antonio José. *Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana da linguagem.* 2010. 258 p. Tese (Doutorado em Filosofa) Universidade de São Paulo, São Paulo, USP/SP, Brasil. Disponível em:

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-01102010-112543/es.php

Acesso em: 17 Set. 2010.

ROSSI, Paolo. *Os sinais do tempo. História da terra e das nações de Hooke a Vico*. [1979]. Trad. br. Julia Mainardi, São Paulo: Companhia das letras, 1992.

VERENE, Donald Phillip. "La Filosofia de la imaginación de Vico", in: TAGLIACOZZO, Giorgio. et al. *Vico y el pensamiento contemporáneo* [1976]. Trad. esp. Maria Aurora Ruiz. Canedo y Stella Mastrongelo, México: Fondo de Cultura Ecuménica, 1987, pp. 26-27.

Obras de Descartes

DESCARTES, René. *Discurso do Método* [1637]. Col. Os Pensadores.Trad.br. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. *Meditações* [1641]. Col. Os Pensadores. Trad. br. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

Outros autores

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. bras. Martins Fontes. São Paulo 2000.

FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga* [1864]. Trad. br. Heloísa da Graça Burati, São Paulo: Rideel, 2005.

GARIN, Eugenio. *Storia della filosofia italiana*, Torino Einaudi,1966, II.

_____. *Idade Média e Renascimento* [1954]. Trad. Portuguesa Isabel Teresa dos Santos e Hossein Seddighzadeh Shooja. Lisboa: Editorial Estampa 1994.

_____. *Ciência e vida civil no renascimento italiano* [1965]. S. Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GUIDO, H. Aparecido de Oliveira. *La niñez de Vico y la niñez en la filosofia de Vico"*. In: *Cuadernos Sobre Vico*. Sevilla: Universidad de Sevilla.2000.

HEGEL. Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História*. Introdução de *Robert S. Hartman*. Tradução de *Beatriz Sidou.* 2ª ed. São Paulo : Centauro, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos [1969]. Trad. br. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

KRISTELLER, Paul. *Tradição clássica e pensamento do renascimento* [1954]. Lisboa, Edições 70, 1995.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. Trad. br. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002.